

Importações cerâmicas no interior da Lusitania durante a Antiguidade Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*)

Ceramic imports in the central Lusitania during Late Antiquity: trends and chronologies at Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*)

JOSÉ CARLOS QUARESMA

Instituto de Estudos Medievais
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26 C, P-1069-061 Lisboa
josecarlosquaresma@gmail.com

JORGE ANTÓNIO

Câmara Municipal de Alter do Chão
Rua Bombeiros Voluntários, n.º 38 - 2.º Dt. P-7440-086 Alter do Chão
jorge.antonio@cm-alter.chao.pt

En este trabajo los autores pretenden problematizar el comercio tardo-antiguo en el centro de la Lusitania a partir de la base empírica de las excavaciones en Alter do Chão (*Abelterium*), en particular el sector de la Casa da Medusa (también conocido como Ferragial d'el-Rei). Ánforas, lucernas y terra sigillata africana y hispánica tardía se cuantifican y analizan en términos estadísticos y estratigráficos, para producir una evolución cronológica de esta villa tardoantigua y fases estratigráficas para las importaciones de cerámica. Dada la falta de evidencia estratigráfica para la Antigüedad Tardía en Lusitania y especialmente en su interior, este trabajo pretende intensificar algunos temas de investigación relacionados con los fabricos de lucernas y las líneas comerciales de cerámica fina de mesa y ánforas en la parte oriental de la Lusitania, donde las conexiones con la *Baetica* y *Augusta Emerita* son problemas cruciales.

PALABRAS CLAVE

VILLA SUBURBANA, CERÁMICAS FINAS, ÁNFORAS, ESTRATIGRAFÍA, ESTADÍSTICA

In this paper the authors aim to problematize the Late Antique trade in the central Lusitanian from the empirical basis of the excavations in Alter do Chão (*Abelterium*), namely its Casa da Medusa sector (also known as Ferragial d'El-Rei). African and Late Hispanic terra sigillata, lamps and amphorae have been quantified and analysed both statistically and stratigraphically, in order to produce a chronological evolution of this Late Antique villa and thereby stratigraphic phases for ceramic imports. Given the lack of stratigraphic evidence for Late Antiquity in Lusitania and mainly in its hinterland, this paper intends to intensify some research topics concerning lamps fabrics, as well as fine tableware and amphorae trade lines in the eastern part of Lusitania, where connections with Baetica and Augusta Emerita are crucial problems.

KEY WORDS

SUBURBAN VILLA, FINE WARES, AMPHORAE, STRATIGRAPHY, STATISTICS

1. Introdução

A Casa da Medusa, um dos sítios arqueológicos de maior importância no Nordeste alentejano para melhor compreender a presença romana na região, faz parte do projecto de investigação sobre *Abelterium* (Alter do Chão), da responsabilidade do arqueólogo da Câmara Municipal de Alter do Chão (o segundo signatário deste artigo), constituindo o tema da sua tese de doutoramento em Arqueologia na Universidade de Coimbra (fig. 1).

No âmbito do trabalho de investigação em curso, foram publicados diversos artigos científicos (António, 2014, 2014b, 2015, 2015b) e realizada de 1 a 3 de Julho de 2016 a *Primeira Bienal de Arqueologia e História*, com o tema *Tempo de Encontro: O Oriente e o Ocidente*, tendo o Município de Alter do Chão como promotor, em colaboração com a equipa do projecto *RoGeMoPorTur*.

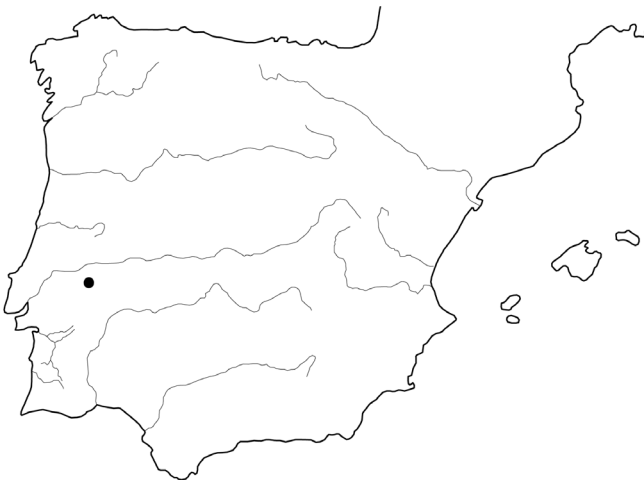


Fig. 1. Localização de *Abelterium* (Alter do Chão) na Península Ibérica.

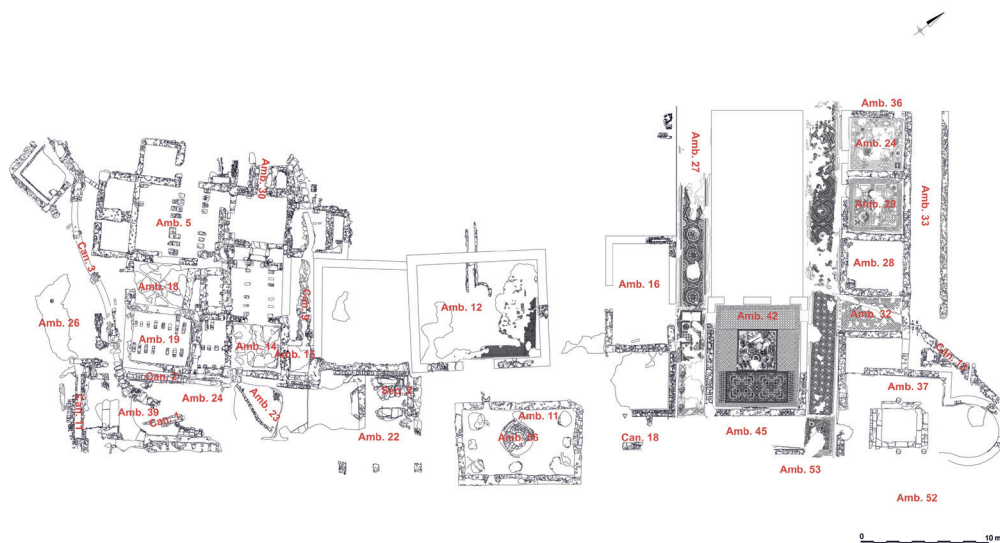


Fig. 2. Planta da Casa da Medusa.

As escavações conduzidas *grasso modo* nas últimas 2 décadas, em grande medida pelo segundo signatário deste artigo, permitiram acumular um espólio considerável e construir pela primeira vez uma noção estratigráfica da evolução deste espaço habitacional suburbano de *Abelterium* (fig. 2).

Localizada a cerca de 40 km de *Ammaia*, a cidade de *Abelterium* constitui um excelente complemento de análise das dinâmicas regionais do interior lusitano e foi em grande medida com essa visão que o segundo signatário deste artigo enveredou pelo estudo da Casa da Medusa (fig. 2), verdadeiramente complementar de muitas das questões ceramológicas já desenvolvidas no primeiro triénio de um projecto de bolsa pós-doutoral FCT (decorrido entre 2010 e 2012, com um segundo triénio entre 2013 e 2015) (Quaresma, 2014, no prelo).

2. O conjunto

O conjunto de 958 fragmentos cerâmicos estudados neste artigo é o resultado de um estudo integral de todas as tipologias finas e ânforas existentes na Casa da Medusa, às quais se soma um único fragmento de cerâmica comum de provável origem exógena. No seio da *terra sigillata*, não procedemos à inventariação dos fragmentos de *terra sigillata* alto-imperial (*terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica), dada a sua clara anterioridade cronológica em face da datação que a *villa* muito taxativamente nos apresenta a partir dos dados ceramológicos e estratigráficos.

Neste sentido, a estratigrafia observável são o resultado de um possível palimpsesto que terá ocorrido quando a construção desta *villa* tardo-romana eclipsou por completo as estruturas arquitectónicas e os níveis de construção e circulação de uma possível *villa* alto-imperial, o que constituiria um processo semelhante ao que parece acontecer, por exemplo, na *villa* do Rabaçal, sítio sobre o qual um dos signatários efectuou um estudo semelhante (Quaresma, 2011).

Não havendo UEs referentes aos momentos de construção desta *villa* tardia, a sua cronologia inicial coloca ainda muitas reservas a partir dos dados quantitativos das produções de *terra sigillata*. Se a *terra sigillata* alto-imperial (não inventariada) bem como as ânforas Dressel 14 representam um conjunto pequeno, já a *terra sigillata* africana C, pela sua quantidade assaz relevante, pode referir-se em boa parte a um século III, no qual poderia já existir esta *villa*, com a sua configuração tardia; ou seja, a reconstrução desta habitação suburbana poderia ter ocorrido ainda antes da Tetrarquia e talvez algures durante a segunda metade do século III, já que os tipos de *terra sigillata* africana C presentes iniciam a sua produção e difusão em torno de meados dessa centúria.

Tendo também em consideração a escassez de estratigrafia tardo-antiga bem conservada, muito devido à magreza do solo e às ocupações medievais que o espaço sofreu, apresentamos, por isso, um primeiro capítulo, consagrado ao conjunto na sua generalidade estatística, e um segundo capítulo, acerca dos principais dados estratigráficos conservados, essencialmente relacionados com a fase de abandono, à excepção dos ambientes 33 e 28, onde acções de (re)ocupação de época suevo-visigótica acontecem cumulativamente.

2.1. A *terra sigillata*

No seio desta tipologia, a *terra sigillata* africana assume uma natural importância, não só estatística, mas também cronológica, em face das datações mais titubeantes que a congénere hispânica tardia nos oferece, um problema que persiste de maneira ainda mais forte no que respeita às lucernas e ânforas.

A memória residual de uma ocupação anterior é-nos indicada não só pela presença de *terra sigillata* alto-imperial que não tratámos neste artigo, mas possivelmente também por uma escassa importação de *terra sigillata* africana A (2,2 %), com um tipo que poderá mesmo situar-se no século II (Hayes 6A), a par das Hayes 14A e 16, cujas datações rondam o século III e mais fortemente a sua primeira metade (Bonifay, 2004: 157-159).

A *terra sigillata* africana C é a primeira grande tipologia de importação tardia, com um valor total (43,9 %) superior ao da própria *terra sigillata* africana D. Paradoxalmente, para além de uma quantidade fraca de Hayes 45 (variantes A e B), cuja cronologia se inicia por volta de 230 d.C., esta tipologia vai ser representada intensivamente pela Hayes 50, com 8 indivíduos de Hayes 50A e 3 de Hayes 50A/B, aos quais se juntam 13 indivíduos de Hayes 50B, cuja espessura de parede, não propriamente forte, à excepção de um caso, deixa algumas dúvidas de classificação entre este subtipo B, datado por Hayes a partir de

350 d.C., e o tipo A/B, datado por Hayes a partir de 300 d.C. (Hayes, 1972: 73). Ambos os casos nos indicam, porém, a importância do século IV em detrimento do século III no conjunto das cerâmicas finas.

Um último tipo desta produção bizacena é o da Hayes 53, cujo fragmento não permite distinguir entre a produção lisa do subtipo A e a produção de relevos aplicados do subtipo B. A posição estratigráfica na Casa da Medusa indica uma cronologia pouco mais tardia do que a do final da sua difusão: Hayes data a Hayes 53 entre a segunda metade do século IV e o primeiro terço do século V e o nosso exemplar surge na UE 68 do ambiente 33, datada a partir de 490 d.C.

A produção de *terra sigillata* africana C3 de relevos aplicados, iniciada por volta de 275 d.C. (Mackensen, 2003: 285) surge representada de forma segura por uma única forma, a Hayes 52B (de cronologia que pode chegar aos finais do século IV: Hayes, 1972: 78), cuja conservação débil do bordo n.º 109 não permite distinguir o motivo, aparentemente zoomórfico.

Se a produção D1 se encontra em segundo lugar, atrás da africana C, a sua variedade formal é, contudo, maior, com um domínio das Hayes 58B e 61A, seguidas pela Hayes 59, maioritariamente sem subtipo determinado, mas com ambas as variantes A e B diagnosticadas. Ao nível cronológico, a *terra sigillata* africana D1 é o principal fóssil-director da centralidade do século IV na extensão cronológica da ocupação desta *villa*.

O tipo Hayes 58 indica-nos que a primeira metade do século IV já terá tido importações relevantes provenientes da *Zeugitania*, apesar da cronologia da Hayes 58B se estender até inícios do século V (ver discussão em Quaresma, 2012: 196); a segunda metade do século IV está reforçada pela presença forte de Hayes 61A; mas os inícios do século V não são completamente seguros, em face das cronologias iniciais dos escassos exemplares de Hayes 67B (início em 450 d.C.), Hayes 70/71, Hayes 70 var. e Delgado, 1968, tav. III, n.º 1 = El-Mahrine 14 (final do século IV) (Hayes, 1972: 119; Bonifay, 2004: 171; *Atlante*, I: 70). A única decoração presente engloba-se no estilo A de Hayes (1972): o estilo Ai-ii surge num fundo indeterminável com círculos denteados (44b) e palmas (1a) (n.º 45); e o estilo Aii-iii surge numa H67 com círculo denteado (41b) (n.º 34).

Mesmo o estilo de transição Aii-iii poderá datar-se em torno a inícios do século V, quando se cruzam as cronologias de ambos os estilos (Hayes, 1972: 219); mas quanto muito o exemplar deste estilo, situado no enchimento [96] da canalização 1, poderá fazer avançar ligeiramente a cronologia de amortização desta conduta para os primeiros anos pós-400 d.C. De facto, a ausência de tipos seguramente datados após 420 d.C., como a Hayes 91 A e B (Bonifay, 2004: 166), a Hayes 80/81 (ver discussão em Quaresma, 2012: 203) ou o estilo Aiii de Hayes (Hayes, 1972) são um claro indicador de que a amortização das condutas da *villa* e a amortização e/ou desfuncionalização dos espaços ocorre em torno a 400 d.C. A cronologia das UEs 64 e 59, que constituem derrubes no ambiente 33, em torno ao último quartel do século IV, reforça essa ideia.

A nível tipológico, o n.º 20 (355 mm de diâmetro) levanta sérios problemas quanto à sua classificação e cronologia de fabrico. Englobámo-lo no tipo Hayes 58B, mas a sua

aba elevada é uma idiossincrasia no seio deste tipo. O único paralelo com aspectos semelhantes que detectámos está descrito em Cartago. Trata-se do tipo Fulford 57, com bordo de pequena aba lisa elevada num ângulo idêntico ao do nosso exemplar, mas a forma de Cartago não é uma taça baixa, mas antes uma taça bastante alta, o que a distingue em absoluto da Hayes 58. Para além da aba, existe contudo uma outra semelhança, desta feita cronológica: o tipo Fulford 57 surge por volta de 500 d.C. na estratigrafia da cidade da *Zeugitania* (Fulford e Peacock, 1984: 71), enquanto que o n.º 20 da Casa da Medusa se encontra na UE 68, datada a partir de finais do século v, graças à presença de um fundo de Hayes 103 ou 104, em produção D2. É provável assim, que este exemplar em apreço não se englobe no tipo Hayes 58B, cuja cronologia termina várias décadas antes, mas antes num tipo desconhecido de *terra sigillata* africana D1.

Os exemplares mais tardios de *terra sigillata* provenientes da *Zeugitania* são exactamente os fundos de Hayes 103 ou 104, em produção D2, provenientes dos ambientes 33 (UE 68) e 53, ambos os casos possíveis acrescentos de novos compartimentos decorrentes de acções de *squatering* que reorganizam a orgânica do espaço da antiga *villa*, em finais do século v, quando se inicia a produção da Hayes 103A (Hayes, 1972: 160).

A produção de *terra sigillata* hispânica intermédia do vale do Douro encontra-se escassamente representada e poderá pertencer a um espectro cronológico anterior ao da *villa* tardia, tendo em conta a única forma determinável presente: uma Drag. 18/31 (n.º 116), com verniz brilhante, espesso, de cor laranja, e 220 mm de diâmetro. Este tipo foi encontrado na UE 1 de superfície, mas a forma indeterminada desta produção (n.º 40), um fundo espesso de uma possível taça ou de uma forma fechada, surge na UE 27+41, de amortização do ambiente 56 (poço), na segunda metade do século iv. Por um lado, poderemos estar a falar de casos de residualidade, mas por outro, também de sobrevivência de tipos, nomeadamente da forma Drag. 18/31, que poderia assim alcançar uma cronologia semelhante à da Drag. 15/17, até ao terceiro quartel do século iv (Paz Peralta, 2008: 529). Contudo, este autor não inventaria a Drag. 18 nas produções tardias hispânicas e esta forma não surge (ao contrário da Drag. 15/17) no contexto selado da *habitación n. 7 de la Casa de los Plintos de Uxama*, datado da segunda metade do século iii (García Merino, Sánchez Simón e Burón Álvarez, 2008) e desaparece da estratigrafia do sector *Suburbio norte* em *Augusta Emerita*, ao longo do primeiro terço do século iii (Bustamante, 2013: 756).

Na Casa da Medusa, a *terra sigillata* hispânica tardia (20,1 %) surge em menor quantidade —quase metade do volume— do que a *terra sigillata* africana D (35,5 %), e com um domínio claro da produção duriense, que por sua vez duplica sensivelmente o valor da produção do Ebro. A diversidade tipológica é evidente na produção setentrional, enquanto o Ebro apresenta menos de metade do repertório formal do Douro.

Ao nível dos paralelos crono-estratigráficos, apresentamos a mesma crítica contextual que discutimos num outro trabalho sobre as importações da *Ammaia* (Quaresma, no prelo) e no qual rebatemos um pouco o modelo de Paz Peralta (Paz Peralta, 2008), segundo o qual a *terra sigillata* hispânica tardia só teria cristalizado em 380 d.C. Vários contextos indicam um processo algo anterior em torno a meados ou terceiro quartel do

século IV, um pouco à imagem do modelo evolutivo de Juan Tovar (Juan Tovar, 1997: 556-558; 2000: 105-106).

No nosso estudo sobre a *Ammaia*, revimos 5 contextos estratigráficos datados entre o século III e o final do século IV (ver discussão cronológica no referido estudo):

- UE 2028 da *villa* de La Vallaeta M15.3, datada de meados do século III (Huguet Enguita, 2009);
- O nível de destruição da casa n.º 7 da *Casa de los Plintos* em *Uxama*, na segunda metade do século III (García Merino, Sánchez Simón e Burón Álvarez, 2008);
- A lixeira (UE 7) da *villa* de La Serna, entre 300 e 380 d.C. (Nozal Calvo, Puertas Gutierrez e Ríos Santos, 1995);
- A lixeira de Relea, em meados do século IV (Juan Tovar, Pérez González e Fernández Ibáñez, 1995);
- As lixeiras do *Mercado de Abastos de Toledo*, no terceiro quartel do século IV (Carrobles e Rodríguez Montero, 1988);
- A lixeira de Uralde (Treviño), na segunda metade ou terceiro quartel do século IV (Fillooy Nieva, 1995);
- A lixeira de Cubas de la Sagra, no fim do século IV ou inícios do século V (Juan Tovar, Sanguino Vázquez e Oñate Baztón, 2011).

Importante a nível do enquadramento estratigráfico da *terra sigillata* hispânica, é a presença, embora escassa (2 fragmentos = 2 indivíduos) do estilo 1 de Mayet (Mayet, 1984) e a ausência total do estilo 2, conhecido em *Augusta Emerita* (sector *Suburbio Norte*) essencialmente no século V. Na lixeira de Cubas de La Sangra (Madrid), com datação apontada pelos autores para finais do século IV ou inícios do século V, é unicamente o estilo 2 que está presente (Juan Tovar, Sanguino Vázquez e Oñate Baztón, 2011).

Dos dois exemplares de Alter do Chão, apenas um possui posição estratigráfica anterior à UE 1: o n.º 68 encontra-se na UE 15, datada da segunda metade do século IV. O exemplar está bastante rolado e provavelmente sobremoldado, mas possui um conjunto variado de motivos (tipologia de López Rodríguez, 1985): os motivos 1A(1), 1B (próximo de 1B13), 1C(18), 1A (roseta, sem paralelo exacto na tipologia) e 2A(3) (também ele sem paralelo na tipologia). O motivo 1A(1) surge em *Augusta Emerita*, mas englobado em círculo denteado (Jerez Linde, 2006: fig. 3, n.º 17), na lixeira do *Mercado de Abastos* de Toledo do terceiro quartel do século IV (Carrobles e Rodríguez Montero, 1988: fig. XLII, n.º 5) e na lixeira de La Serna, entre 300 e 380 d.C. (Nozal Calvo, Puertas Gutierrez e Ríos Santos, 1995: lam. 4, n.º 1). O motivo 1B(13) surge na lixeira do Mercado de Abastos de Toledo do terceiro quartel do século IV (Carrobles e Rodríguez Montero, 1988: fig. XXVII, n.º 3). O motivo 1C(18) não possui paralelos. O motivo próximo de 2A(3) tem paralelos, com semelhanças, na mesma lixeira (Carrobles e Rodríguez Montero, 1988: fig. XXXIX, n.º 4 e fig. LVI, n.º 2 — neste caso com grupos de 3 pessoas, sobremoldadas). A roseta próxima de 1A tem contudo bons paralelos em *Augusta Emerita* (Jerez Linde, 2006: fig. 3, n.º 16), na

lixreira de meados do século iv de Relea (Juan Tovar, Pérez González e Fernández Ibañez, 1995: fig. 3, n.º 16) e na lixeira de Uralde, datada da segunda metade do século iv ou do seu terceiro quartel (Filloy Nieva, 1995: fig. 5, n.º 228).

O n.º 121, na UE 1 superficial, apresenta um motivo algo semelhante ao motivo 2A1(18) e um segundo motivo 2A1(24), com paralelo na lixeira do *Mercado de Abastos* de Toledo do terceiro quartel do século iv (Carrobles e Rodríguez Montero, 1988: fig. XXXII, n.º 1).

Os motivos do estilo 1 presentes em Alter do Chão encontram assim bons paralelos em contextos espanhóis do século iv, em particular da sua segunda metade. La Serna, Relea e Uralde só possuem o estilo 1, enquanto que o *Mercado de Abastos* de Toledo apresenta cumulativamente algum estilo 2.

A *terra sigillata* hispânica tardia do Douro surge com 4 fragmentos na fase de 350-400 d.C. (tipos D37t=Paz4.18-19, D37t=Paz4.20-22, Drag. 37t) e 7 bojos indetermináveis na fase de 375-400 d.C. O seu conjunto tipológico formal é perfeitamente consentâneo com a segunda metade do século iv. O tipo Ritt. 8 é abundante em La Serna e a Hisp. 5 é uma forma herdada do Alto-Império, tal com a Drag. 36 (Paz Peralta, 2008: 529). A Hisp. 5/Palol 8 surge no *Mercado de Abastos* de Toledo. A Drag. 37t = Paz 4.18-19 e a Drag. 37t = Paz 4.20-22 estão datadas por Paz Peralta a partir de 380 d.C. (Paz Peralta, 2008: 529), mas o primeiro subtipo surge em Uralde, ou seja, possivelmente ainda no terceiro quartel do século iv.

Já no que respeita à possível continuação da produção duriense pelo século v pleno, a estratigrafia de Alter do Chão não apresenta dados. Paz Peralta (Paz Peralta, 2008: 529) propõe que os tipos Palol 2 e Hisp. 83b=Palol 8.9 possam chegar aos finais da produção hispânica, nunca antes de finais do século v. Contudo, a Palol 2 surge já no *Mercado de Abastos* de Toledo, o que recua o seu início ao terceiro quartel do século iv.

A forma Palol 4 surge neste último contexto e mesmo em Relea, por volta de 350 d.C., e está datada por Paz Peralta (2008: 529) até 475-500 d.C. O n.º 120 possui contudo aspectos que o distinguem de uma Palol 4 normal: com 400 mm de diâmetro, possui uma aba muito curta com depressão no topo, algo desconhecido na Palol 4. O n.º 120 é na verdade morfológicamente idêntico ao tipo Fulford 35.6 em *terra sigillata* africana D, datado nas escavações de Cartago em 425-500 d.C. e conhecido na estratigrafia da Bolsa de Marselha em finais do século v-inícios do século vi (Bonifay, Carré Rigoir, 1998: 139, fig. 103, n.º 23 e tab. XXX, contexto 10). Este tipo prova assim a continuidade de importações durienses em Alter do Chão, até pelo menos um pleno século v.

Já para o século v, o conjunto hispânico não tem dados seguros. O tipo Ritt. 8a surge em La Serna, Relea e no *Mercado de Abastos* de Toledo, e Paz Peralta (Paz Peralta, 2008: 529) prolonga a sua vida até finais do século v, embora o corpo desenvolvido (o n.º 43 possui 160 mm de diâmetro) surja no *Suburbio Norte* de *Augusta Emerita* no século iv (Bustamante 2013b: 102). O mesmo acontece com a forma Palol 9/11 que Paz Peralta (Paz Peralta, 2008: 529) prolonga até finais do século v, mas está já representada, embora em pouca quantidade, em Relea e no *Mercado de Abastos* de Toledo, o que recua o seu início ao terceiro quartel do século iv.

Tab. 1. Quantificação total da *terra sigillata*.

Origem	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
Terra sigillata	H6A	1	1	3	2,2		44
africana A	H14A	1	1				58
	H16	1	1				113
	Ind.	3					
Terra sigillata	H45	1	1	54	43,9		
africana C	H45 ou H48	1	1				
	H45B	2	2				23
	H45A	1	1				19
	H50	24	24				
	H50A	8	8				105
	H50A/B	3	3				108
	H50B	14	13				7, 59, 60
	H53	1	1				
	Ind.	130					
Terra sigillata	H52B	1	1	1	0,74		109
africana C Rel. Apl.							
Terra sigillata	H58B ou H59	2	2	45	34,3		
africana D1	H58B	16	14				20, 61, 62, 104, 106, 114
	H59	8	7				115
	H59A	1	1				
	H59B	2	2				63, 64, 65
	H61A	14	13				24, 33, 61
	H67	1	1			Estilo Aii-iii	34
	H67B	1	1				
	Delgado, 1968, tav. III, nº 1 = El Mahrine 14	1	1				112
	H70 var.	1	1				110
	H70/71	1	1				111
	Estilo Ai-ii	1	1				45
	Ind.	39					
Terra sigillata	H103 ou H104	2	2	2	1,49		21, 41
africana D2							
Terra sigillata	D18/31	1	1	2	1,49		116
hispânica intermédia	Forma indeterminada	1	1				40
- Douro							
Terra sigillata	Ritt. 8	2	2	18	13,4		
hispânica tardia -	His. 5	1	1				
Douro	His.5/P8	1	1				117
	D36	1	1				42
	D37t	2	2			1 ex. Estilo 1	68, 85
	D37t=Paz4.18-19	2	2				67, 86, 87
	D37t=Paz4.20-22	1	1				69
	D37t=Paz4.20-22	1	1				
	His.83b=P8.9	1	1				84
	Palol 2	2	2				118, 119
	Palol 4=Fullford 35.6	1	1				120
	Prato	3	3				
	Ind.	10					
Terra sigillata	Ritt. 8a	2	2	9	6,7		43, 123
hispânica tardia	D37t	4	3			1 ex. Estilo 1	66, 121
- Ebro	D37t=Paz4.20-22	1	1				
	D37t=Paz4.18-19	2	2				96
	Palol 9-11	1	1				122
	Ind.	1					
Total		323	134	134	100		

2.2. As imitações em engobe vermelho não vitrificado (IEV)

O volume de dados para esta tipologia na Casa da Medusa é escassíssimo e revela um fenómeno de aquisição esporádico, seguramente integrado em processos parasitários de comércio que aproveitam as redes principais de aprovisionamento. Apesar da quantidade estatisticamente fraca de IEV, não deixa de ser bastante interessante que a produção do Guadalquivir (área de Sevilha) suplante a produção que muito provavelmente podemos adscrever ao Tejo/Sado. Ambos os casos possuem características petrográficas próprias que relacionam os fragmentos com as áreas em questão (ver anexo 1).¹

O início de produção desta tipologia, em âmbito peninsular, recua à época alto-imperial (século II), mas parece ser no século III que a produção ganha um fôlego maior (Aquilué, 2008: 554). É assim num estudo que um de nós está a desenvolver no atelier tagano da Quinta do Rouxinol (Raposo, Santos e Quaresma, 2015), com uma quantidade apreciável de formas inspiradas na *terra sigillata* africana A, nomeadamente as formas Hayes 14B e 3C. Apesar de a fase estratigráfica mais antiga do sítio pertencer ao segundo quartel do século III e possuir uma imitação de Hayes 3C com engobe, um exemplar de Drag. 27, igualmente com engobe, pode fazer recuar a cronologia inicial desta produção ao século II (Quaresma, 2017).

Nesta época, no referido sítio arqueológico, ocorre, porém, o predomínio da técnica do polimento, que só será ultrapassada pela técnica de engobe na transição do século IV para o século V (Quaresma, 2017). Se a evidência estratigráfica é nula em *Abelterium* (apenas um fragmento do Guadalquivir está localizado em UEs definidas, mas infelizmente de superfície), já o único tipo diagnosticado, exactamente do Tejo/Sado, enquadra-se numa cronologia entre os séculos II e IV (Bonifay, 2004) e está produzido em técnica de engobe, a única presente em *Abelterium* com procedência do Tejo/Sado.

A produção do Guadalquivir (área de Sevilha) centra-se nesta fase média do período imperial, *grosso modo*, nos séculos II e III, sendo a produção de tipos de imitação de cerâmica africana de cozinha aquela que se encontra publicada para a área em questão: *Ostia* I, 261, *Ostia* III, 332, Hayes 23A, 23B, 181 e 197 (Aquilué, 2008: 555).

A produção lusitana da Quinta do Rouxinol e a bética de área de Sevilha antecedem, provavelmente em várias décadas, a de *Bracara Augusta*, cujo início deve recuar aos finais do século III, ou mais seguramente à primeira metade do século IV (Fernández Fernández e Morais, 2012); mas tanto *Bracara Augusta* como a Quinta do Rouxinol têm o *floruit* produtivo de IEV a partir de inícios do século V, uma fase tipológica perfeitamente ausente da Casa da Medusa.

1. As produções do Tejo/Sado são bem conhecidas em trabalhos que um dos signatários está a desenvolver na área de Lisboa; o nosso conhecimento das produções do Guadalquivir deve-se igualmente ao facto de estarmos a colaborar em estudos estratigráficos do século III, em Sevilha, com Enrique García Vargas.

Tab. 2. Quantificação total das imitações de engobe vermelho não vitrificado (IEV).

Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
Baetica, Guadalquivir	Polimento	Ind.	1	1	2	66,6		
	Engobe	Ind.	1	1				
Lusitania, Tejo/Sado	Engobe	H181	1	1	1	33,3		187
Total			3	3	3	100		

2.3. As lucernas

Se tomarmos como cronologia inicial mais segura, para a fase tardia da Casa da Medusa, a proposta de datação da primeira metade do século IV relativa ao seu programa musivário, devemos então extrair uma série de origens e de tipos, mormente a ausência de estratigrafia relativa à fase anterior deste espaço torne este procedimento ainda mais complicado no âmbito do espólio lucernário do que no da *terra sigillata*.

As lucernas de Disco podem atingir os inícios do século III (Pereira, 2008: 46; Celis Betriu, 2005: 442) e é provável que a primeira metade do século III represente o fim de vida deste tipo; num caso estratigráfico que temos em estudo no sítio de Almoínhas (Loures), um enterramento de meados do século III contém um exemplar de transição morfológica entre o tipo de Disco e a Dressel 28. A grande quantidade de lucernas de Disco em todos os conjuntos geográficos determinados na Casa da Medusa é, por isso, um aspecto bastante importante na transição cronológica da fase alto-imperial para a tardo-antiga e representa um comércio bastante intenso, que, na falta de estratigrafia anterior ao século IV, nos impede de as situar correctamente, já que este tipo terá iniciado a sua vida ainda no século I (Bussière, 2000), embora só deva tornar-se intensamente comercializado a partir de meados do século II, em face da quase ausência de lucernas de Disco na estratigrafia de Monte Molião, até ao segundo quartel do século II, época até à qual dominam hegemonicamente as lucernas de Volutas (Pereira, 2008: 46).

Temos assim uma possível fase médio-imperial com uma hipotética presença de importações itálicas (0,7 %), embora escassa e claramente parasitária de outros segmentos comerciais estáveis, nomeadamente de *Augusta Emerita*, onde as lucernas de Disco são abundantes, tal como acontece nos grupos denominados de hispânicos, sendo também na produção seguramente bética o único tipo representado, tal como na *Italia*. Assim, a *Baetica* (0,7 %), a *Baetica* litoral (1,4 %), e talvez ainda o vale do Guadalquivir (0,7 %), não ultrapassam os meados do século III nas suas exportações para *Abeltherium*.

A transição cronológica entre conjuntos antigos e tardios ocorre no seio das exportações emeritenses, onde, para além de um conjunto de 8 indivíduos alto-imperiais (Volutas, Disco, Loeschcke 4, Deneauve 5G e Deneauve 7) e de 19 indivíduos de Disco, encontramos, fabricados com as pastas «clássicas alto-imperiais», os tipos de Derivadas de Disco, Disco/Dressel 28 e Dressel 28. Porém, estes últimos 3 tipos são os únicos que pertencem ao mundo pós-300 d.C.: o seu quantitativo de 5 indivíduos totaliza na verdade um comércio

tardo-antigo emeritense de apenas 3,2 % e não de 23,5 % (sendo assim boa parte desta percentagem apenas residual).

Mas se as exportações emeritenses podem ter uma percentagem mais expressiva na hipótese de se confirmar esta origem nos Grupos hispânicos 2a e 2b, também as exportações béticas podem afinal continuar pela Antiguidade Tardia, se aceitarmos esta procedência para os Grupos hispânicos 2d, 2e, 3 e 6, aos quais ainda podemos somar o Grupo 4, cuja procedência do vale do Guadalquivir hispalense é provável, distinta assim da das lucernas identificadas como da «*Baetica*, Guadalquivir» (provável área mais a montante). Estas últimas possuem pastas com elementos não plásticos metamórficos, enquanto que o Grupo 4 possui um fabrico que o associa provavelmente às produções calcíticas da área sevilhana (observação pessoal em estudos em curso no sector do *Patio de Banderas*, em Sevilha, que o primeiro signatário está a realizar com Enrique García Vargas).

Ou seja, *Augusta Emerita* pode subir para uma percentagem não residual de 3,2 % para 3,2 % + 6,5 % (Grupo 2a: Disco/Dressel 28, Dressel 28 e Dressel 30) + 7 % (Grupo 2b: Dressel 28, Dressel 30 e Derivada de Disco), o que perfaz 16,7 %. Já a *Baetica* pode acrescentar aos seus 0,7 % residuais, as percentagens não residuais de 5,2 % (Grupo 2d: Dressel 28, Dressel 28/30 e Dressel 30), 3,2 % (Grupo 3: Disco/Dressel 28, Dressel 28) e 2,6 % (Grupo 6: Disco/Dressel 28, Dressel 28 e Dressel 30), o que perfaz 11,7 %.

As lucernas hispânicas (Grupos 1 a 10) apresentam igualmente um grande conjunto residual. Se contabilizarmos apenas os tipos Derivada de Disco, Disco ou Dressel 28, Disco/Dressel 28, Dressel 27, Dressel 28, Dressel 28/30 e Dressel 30, temos um universo de 59 indivíduos e não de 113, o que equivale a 38,3 %, embora cerca de dois terços deste valor corresponda a grupos cuja origem geográfica poderá relacionar-se com as áreas béticas ou com *Augusta Emerita*.

Neste caso, teríamos as percentagens béticas (incluindo os Grupos 2d, 3 e 6), emeritenses (incluindo os Grupos 2a e 2b) e hispânicas (apenas os Grupos de origem indeterminada) em posições equilibradas.

A recta final das importações de lucernas é composta por 2 indivíduos de *Atlante VIII C* provenientes da *Zeugitania* —um nos finais do século iv (n.º 11: UE 78 de 375-400 d.C.) e o outro nos finais do século v (n.º 18: UE 68 de 490+ d.C.)— que totalizam 1,4 % do universo lucernário.

Ao nível tipológico, para além das agora referidas lucernas africanas, impõe-se reflectir sobre um conjunto de tipos tardios: Dressel 28, Dressel 30, Dressel 28/30, Derivadas de Disco, mas também a lucerna de transição Disco/Dressel 28 e as próprias lucernas de Disco, quando se aproximam dos módulos de transição.

Já referimos o peso estatístico das lucernas de Disco em todas as produções, um comércio que pode ter uma boa parte dos seus itens no século iii (provavelmente na sua primeira metade), e que encontra na *terra sigillata* africana C, sobretudo através do tipo Hayes 50, o principal sucedâneo como grande bem de consumo, em face da quantidade mais reduzida de lucernas do tipo de transição Disco/Dressel 28, no que toca aos tipos que estarão mais centrados nessa centúria.

Considerámos ainda no tipo lucernas de Disco, alguns exemplares que contêm já decoração sobre a orla que é típica da Dressel 28 ou das morfologias precoces de transição Disco/Dressel 28. O n.º 5 possui o punção 2 sobre a orla recta, cujas dimensões de largura são consideráveis: 14 mm, embora apenas se separe do disco por uma simples quebra de perfil com este. Já o n.º 129 apresenta uma orla recta, mas estreita (10 mm) e separada do disco por uma canelura algo espessa e bem marcada. O primeiro exemplar encontra-se na UE 77 do ambiente 33, datada de 375-400 d.C., que será certamente posterior à vida desta lucerna, mas não é despidendo pensar-se que as lucernas de Disco com estes atributos possam atingir fases avançadas do século III ou mesmo o século IV, num mosaico evolutivo de transição cujos contornos ainda não conhecemos.

O tipo que denominamos de transição Disco/Dressel 28 está escassamente representado no fabrico clássico de *Augusta Emerita*, mas tem um peso considerável nas produções da *Hispania*, sobretudo nos Grupos hipoteticamente associáveis à *Baetica* (Grupos 2d, 3 e 6) e ao fabrico mais tardio de *Augusta Emerita* (Grupo 2a). Temos os seguintes parâmetros observados para este tipo, que apresenta sempre os punções decorativos da orla típicos da futura Dressel 28:

- N.º 6: 13 mm de largura de orla e moldura simples com caneluras; asa estreita com uma canelura; posição estratigráfica de 375-400 d.C.;
- N.º 14: 12 mm de largura de orla e moldura simples com caneluras; posição estratigráfica de 375-400 d.C.;
- N.º 100: largura de orla não conservada e moldura simples com caneluras;
- N.º 128: 12 mm de largura de orla e moldura simples com caneluras;
- N.º 131: 12 mm de largura de orla e moldura simples com caneluras;
- N.º 132: largura de orla não conservada e moldura simples com caneluras;
- N.º 140: 14 mm de largura de orla e moldura simples com caneluras.

Tal como para as lucernas de Disco com decorações de orla típicas da Dressel 28, também este tipo de transição será residual nas UEs de 350-400 d.C. Se não temos, assim, dados estratigráficos para a possível época de fabrico desta morfologia, que deverá andar em torno do século III, tendo em conta a cronologia para a Dressel 28 que iremos referir de seguida, já, ao nível morfológico, encontramos uma certa homogeneidade: orlas com larguras em torno dos 12 mm, podendo atingir 13 e 14 mm, mas mantendo sempre uma separação do disco através de moldura simples, estreita, ladeada por caneluras, como acontece nas lucernas de Disco. A asa será ainda semelhante às das lucernas de Disco.

A Dressel 28, mal representada na *Augusta Emerita* «clássica» (1 indivíduo), mas intensamente produzida nos Grupos da *Hispania* (21 indivíduos), pode ter uma parte dos indivíduos desta origem em *Augusta Emerita* (6 indivíduos: Grupos 2a e 2b) e na *Baetica* (6 indivíduos: Grupos 2d, 3 e 6).

Bussièrre (Bussièrre, 2000: 112) classifica esta morfologia como tipo D X, lucernas de bico variável e orla decorada. O tipo D X 5 de Bussièrre (Bussièrre, 2000: 110) é composto

por orlas decoradas com folhas e cachos, normalmente com discos decorados com motivos báquicos. No Norte de África, estas lucernas da família Dressel 28, com este tipo de punções na orla e bico cordiforme ou simples, situam-se entre 225 e 250-275 d.C., podendo atingir os finais do século III d.C.; mas outros autores aceitam que a cronologia da Dressel 28 se prolongue pelo século IV (Celis Betriu, 2005: 47-48) ou até ao século V d.C., tendo em conta dados estratigráficos no Sul da Península Ibérica (Bernal e García Giménez, 1995: 186).

A Dressel 28 tem orla mais larga, na maior das vezes rectilínea e horizontalizada, separada do disco por uma moldura larga e bem definida; o bico pode ser cordiforme ou normal; a asa é larga, normalmente com 3 caneluras finas longitudinais:

- N.º 1: 13 mm de largura de orla e moldura larga e bem definida; asa larga, com 3 caneluras finas longitudinais; bico cordiforme; posição estratigráfica de 375-400 d.C.;
- N.º 8: 10 mm de largura de orla e moldura larga e bem definida (sobremoldagem); posição estratigráfica de 375-400 d.C.;
- N.º 10: 13 mm de largura de orla e moldura larga e bem definida; asa larga, com 3 caneluras finas longitudinais; posição estratigráfica de 375-400 d.C.;
- N.º 12b: largura de orla indeterminável; moldura larga e bem definida; posição estratigráfica de de 375-400 d.C.;
- N.º 31: largura de orla indeterminável; moldura indeterminável; posição estratigráfica de 350-400 d.C.;
- N.º 126: 12 mm de largura de orla; moldura inexistente (?);
- N.º 139: 8 mm de largura de orla e moldura larga e bem definida; bico normal;
- N.º 142: 11 mm de largura de orla e moldura larga e bem definida; asa larga, com 1 canelura larga longitudinal;
- N.º 165: 20 mm de largura de orla, curva e oblíqua, e moldura larga e bem definida; asa larga, com 3 caneluras longitudinais (sendo a do meio larga);

Ao nível da orla, podemos concluir que a Dressel 28 apresenta ainda alguma heterogeneidade, podendo atingir uma largura de 20mm, mas também apresentando exemplares abaixo dos 12 mm, recuando até 8 mm de largura. O caso do n.º 126, que aparentemente pode não ter moldura separadora da orla e do disco, poderá ser classificável nas lucernas de Disco ou na Dressel 27, tendo em conta que os punções 14 e 15 desenham uma decoração geometrizarante e que o punção 15 também é conhecido num caso de lucerna de Disco (sem estampa). Já anteriormente nos havíamos referido a uma lucerna de Disco (n.º 5), neste caso com punção 2, cuja separação da orla parece idêntica à do n.º 126. Contudo, os punções 14 e 15 são vegetalistas e levam-nos a colocar o n.º 126 no universo da Dressel 28.

Já o n.º 17b, classificado como Dressel 27, possui uma decoração de orla absolutamente geometrizarante no tipo de punção e no desenho que configura. Com uma canelura a separar a orla do disco, rectilíneo, encontra-se numa posição estratigráfica tardia, em finais do século V, distante de uma mais provável cronologia tipológica que deve rondar a da Dressel 28 (Celis Betriu, 2005: 47-48).

Considerámos alguns exemplares como uma morfologia de transição Dressel 28/Dressel 30, contendo a moldura larga de separação entre a orla e o disco, com glóbulos e motivos vegetalistas conjugados na orla. O n.º 9, posicionado estratigraficamente em 375-400 d.C., possui uma orla com 12 mm de largura, com roseta e quina de glóbulos (punção 5); o n.º 136 conjuga espigas em posição geometrizarante acompanhada de glóbulos moldados e impressos. Em ambos os casos parece não existir fiadas de glóbulos, como é típico da Dressel 30.

Se a transição Dressel 28/Dressel 30 ocorre no Grupo 1b da *Hispania*, mas também no Grupo 2d, de possível origem bética, já o tipo Dressel 30 (um dos mais importantes no conjunto tardo-antigo, a par da Dressel 28) amplia esse fenómeno, provavelmente devido à sua maior produção e difusão, pelo menos no que toca ao consumo na Casa da Medusa. Tão importante quanto isso, a Dressel 30 apresenta posições estratigráficas que nos indicam de uma forma mais nítida uma continuação plausível da sua produção e difusão até um pleno século v, tanto nos fabricos indefinidos da *Hispania*, como nos fabricos da *Hispania* que se poderão adscrever à *Baetica* ou, dentro desta província, ao Guadalquivir (zona de Sevilha).

Assim, quanto aos fabricos da *Hispania* que se poderão adscrever a *Augusta Emerita*, o Grupo 2a possui 2 indivíduos na fase de 375-400 d.C. (n.º 3) e o Grupo 2b 1 indivíduo na fase de 350-400 d.C. (n.º 70).

No conjunto de fabricos indefinidos da *Hispania*, os Grupos 1d (n.º 22) e 2c (n.º 55) surgem com 1 indivíduo cada na fase de 350-400 d.C.; o Grupo 5 não surge em estratigrafia datável; mas o Grupo 2f surge exclusivamente (2 indivíduos) na fase de 490+ d.C. (n.º 97).

O Grupo 4, que se poderá adscrever à área bética do Guadalquivir (zona de Sevilha), possui o seu único indivíduo na fase de 350-400 d.C., tal como o Grupo 6, possivelmente relacionado com a *Baetica*; mas já o Grupo 2d, também possivelmente relacionado com a *Baetica*, surge com 2 dos seus indivíduos na fase de 490+ d.C. (n.º 17).

A cronologia tipológica das Derivadas de Disco, escassamente importadas em *Abelterium*, está situada na área argelina no século III e inícios do IV (Bussière, 2000: tipo E II 3). Tal como nos exemplares importados em *Ammaia* (Quaresma, no prelo), o bico é simples, mas o módulo com diâmetro de disco até 40 mm não parece estar representado na Casa da Medusa, onde o único diâmetro conhecido é o do n.º 138, com 55 mm, com parede levemente oblíqua de 22 mm de altura. Morillo Cerdán (Morillo Cerdán, 1999: 125 e 673) conceptualizou este tipo e chamou a atenção para a sua concentração nos séculos II e III. Esta cronologia foi revista por Morillo Cerdán e Rodríguez Martín (Morillo Cerdán e Rodríguez Martín, 2008: 418) que propuseram um início em meados do século II e um floruit no século III, mas alcançando os inícios do século IV. Na Casa da Medusa, o indivíduo do Grupo 7 (*Hispania*) surge na fase de 350-400 d.C. do ambiente 30 (neste caso, 1 canelura grande e 1 pequena separam a orla do disco, que possui um motivo imperceptível), enquanto que o indivíduo com pasta alto-imperial de *Augusta Emerita* e um último (n.º 138), do Grupo 2b da *Hispania*, possivelmente adscrito a *Augusta Emerita*, não possuem datação estratigráfica definível e são totalmente lisos.

É perfeitamente plausível que a morfologia Derivada de Disco alcance a segunda metade do século IV e talvez até o século V (como acontece possivelmente em *Ammaia*, no sector das termas: Quaresma, no prelo), o que incluiria este tipo no conjunto tipológico plenamente tardo-antigo composto igualmente pelas Dressel 28, Dressel 30, Dressel 28/30 e Dressel 27, entre um possível século II tardio e um século V, talvez inicial, quiçá alcançado nos seus decénios finais apenas pela Dressel 30, tendo em conta os dados estratigráficos da Casa da Medusa.

No espólio de lucernas da Casa da Medusa individualizámos 17 punções decorativas de orlas, aos quais acresce um outro punção A que surge recorrentemente ao correr das asas ou nalguns fundos, em configurações e extensões variáveis, mas que decidimos não distinguir tipologicamente, já que se trata de um motivo feito por incisão e não por molde (o que o exclui em rigor da categoria de punção), como acontece nos punções 1 a 16. Estes punções surgem essencialmente no universo de fabricos da *Hispania* (fig. 3), com rara presença nas importações de *Augusta Emerita*.

Os punções 1 a 3 são motivos vegetalistas estilizados. O punção 2, de fisionomia mais geometrizante, é inédito e surge em *Augusta Emerita* e no Grupo 2d (bético?), exclusivamente em lucernas de Disco, o que lhe confere uma cronologia tendencialmente mais recuada que não ultrapassará o século III, embora o n.º 5 surge na fase de 375-400 d.C. O punção 1 é já conhecido em *Augusta Emerita* (Rodríguez Martín, 2002: fig. XXI, n.º 23), única origem detectada na Casa da Medusa, mas em Dressel 28 (n.º 1) da fase de 375-400 d.C. O punção 3 é conhecido num módulo grande em *Augusta Emerita* (Rodríguez Martín, 2002: fig. XX, n.º 19), mas em *Ammaia* surge com um exemplar emeritense de pasta alto-imperial nos níveis do século V das termas (Quaresma, no prelo; 2014: fig. 10, n.º 40). Na Casa da Medusa surge apenas no fabrico 2a, provavelmente também emeritense, em Dressel 28. Os punções 1 e 3 são assim tendencialmente mais tardios do que o punção 2 e todos os exemplares surgem na fase estratigráfica de 375-400 d.C.

Os punções 4 e 5 são constituídos por rosetas (maior e mais pequena, respectivamente). O punção 5 surge isolado, tal como o punção 4, mas no n.º 9 faz-se acompanhar por uma quina de glóbulos. O punção 4 surge no Grupo 2a (*Augusta Emerita*?) e 6 (*Baetica*?) e exclusivamente no tipo de transição Disco/Dressel 28, conjugado com o punção 6 ou 7, respectivamente (n.ºs 14 e 6). Ambos os punções estão situados na fase estratigráfica de 375-400 d.C. O punção 5 surge ainda no Grupo 5 (*Hispania* indefinida), em Dressel 28, sem cronologia estratigráfica definida, e no Grupo 2d (*Baetica*?), conjugado com o punção A (este sobre a asa), em Dressel 28/30, na fase estratigráfica de 375-400 d.C.

Os punções 6 a 11 representam cachos de uvas, um elemento iconográfico recorrente na Dressel 28, sobretudo no século III, a aceitar as propostas da área argelina (Bussière, 2000; ver *supra*).

O punção 6 é de longe o mais representado, tanto nos Grupos 1d e 5 (*Hispania* indefinida), como no Grupo 4 (*Baetica*, Guadalquivir?), nos Grupos 2d, 3 e 6 (*Baetica*?) e 2a (*Augusta Emerita*?); surge de uma maneira equilibrada nos tipos de Disco, Disco/Dressel 28 e Dressel 28, com uma possível ligeira predominância neste último. Pode surgir conjugado, num caso com o punção 4 (n.º 14, na fase de 375-400 d.C.), noutro com o pun-

Tab. 3. Quantificação total das lucernas

Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
Italia		Disco	1	1	1	0,7		
Augusta Emerita		Volutas	6	5	34	23,5		
		Disco	20	20				
		Den. 5G	1	1				
		Den. 7	1	1				
		Loeschcke 4	2	2				
		Derivada de disco	1	1				
		Disco/D28	1	1				
		D28	3	3				1, 12b
	Ind.	22					134	
Baetica		Disco	1	1	1	0,7		
		Ind.	5					124
Baetica, Guadalquivir		Ind.	2	1	1	0,7		
Baetica, litoral		Volutas	1	1	2	1,4		
		Disco	1	1				
		Ind.	4					
Hispania	Grupo 1 a 10	Volutas ou Disco	4	4	113	71,7		
		Disco	44	43				5, 15, 125, 129, 141
		Der. D3 - lucerna mineira	4	4				
		Den. 7	3	3				16, 46, 130
		Derivada de disco	2	2				138
		Disco ou D28	1	1				71
		Disco/D28	10	10				4, 6, 10, 14, 30, 128, 131, 132, 140
		D27	1	1				17b
		D28	21	21				8, 31, 126, 139, 142, 165
		D28/30	2	2				9, 136
		D30	22	22				3, 17, 22, 55, 70, 97, 127, 137, 164, 166
		Ind.	71					Marca de oleiro 2, 13, 54b, 55b, 88, 133, 135
		Africa, Zeugitania	TSAf D1	Atlante VIII C	2	2	2	1,4
Total			259	154	154	100		

ção 5 (n.º 142), ou repetido em sequência (n.ºs 31, 100, 128, 129, 131, 141), sendo que 2 destes casos surgem na fase de 350-400 d.C. (um dos casos, sem estampa, do Grupo 1d, em Dressel 28, possui jarro no disco, idêntico ao do n.º 142, que possui os punções 6 e 5). O punção 6 é conhecido em *Augusta Emerita* (Rodríguez Martín, 2002: fig. XXI, n.º 34).

Tab. 4. Quantificação total das lucernas dos grupos da Hispania

Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
<i>Hispania</i>	1a	Disco	1	1	1	0,9		
	1b	Disco	3	2	4	3,6		15
		Disco/D28	1	1				4
		D28/D30	1	1				136
		Ind.	3					
	1d	Volutas ou Disco	1	1	16	14,4		
		Disco	5	5				
		Disco/D28	1	1				140
		D27	1	1				17b
		D28	4	4				31, 139
		D30	4	4				22
		Ind.	5					Marca de oleiro 54b
	2c	Volutas ou Disco	2	2	8	7,2		
		Disco	2	2				
		Der. D3 - lucerna mineira	1	1				
		Den. 7	1	1				16
		D28	1	1				
		D30	1	1				55
	2f	Ind.	7					Marca de oleiro 55b
		D30	2	2	4	3,6		97
	4 (Baetica, Guadalquivir ?)	Ind.	2	2				
		Disco	3	3	4	3,6		141
		D30	1	1				
	5	Ind.	8					
		Disco	1	1	7	6,2		
		Disco ou D28	1	1				71
		Disco/D28	1	1				
		D28	3	3				142
	7	D30	1	1				
		Ind.	4					13
	8	Derivada de disco	1	1	1	0,9		
	9	Ind.	1	1	1	0,9		
	10	Disco	1	1	1	0,9		
2a (Augusta Emerita?)	Disco	1	1	15	13,3			
	Volutas ou Disco	4	4					
	Disco	3	3				14, 30, 100	
	Disco/D28	3	3				8	
	D28	4	4				3, 137, 164, 166	
	D30	6					Marca de oleiro 2, 135	
2b (Augusta Emerita?)	Ind.	1	1	9	8			
	Disco	1	1				46	
	Den. 7	4	3				165	
	D28	3	3				70	
	D30	1	1				138	
	Derivada de Disco	7					Marca de oleiro 88	

Tab. 4. Quantificação total das lucernas dos grupos da Hispania (*continuação*)

Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.	
Hispania	2d (Baetica?)	Der. D3 - lucerna mineira	1	1	19	16,8			
		Disco	11	10				5, 125, 129	
		D28	2	2				126	
		D28/D30	1	1				9	
		D30	5	5				17, 127	
		Ind.	12						
	2e (Baetica?)	Disco	2	2	2	1,8			
	3 (Baetica?)	Disco	Den. 7	2	2	8	7,2		
				1	1				130
			Disco/D28	2	2				131, 132
			D28	3	3				
			Ind.	4					
	6 (Baetica?)	Der. D3 - lucerna mineira	Disco	2	2	12	10,6		
			Disco	7	6				
			Disco/D28	2	2				6, 128
D28			1	1					
D30			1	1					
Ind.			12					Marca de oleiro 133	
Total			185	113	113	100			

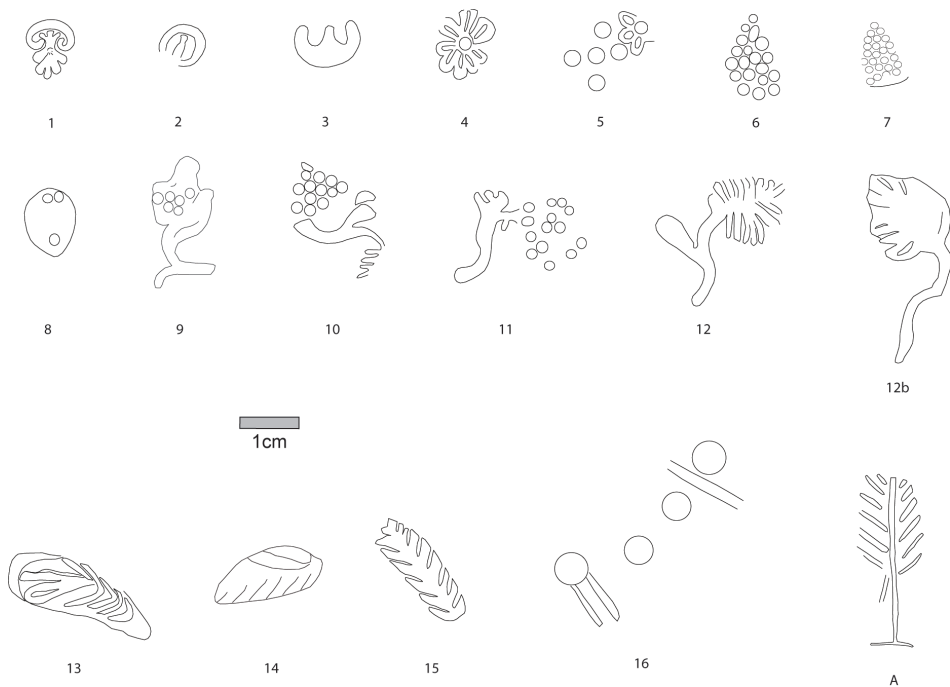


Fig. 3. Punções das lucernas da Hispania.

O punção 7 é exclusivo do Grupo 6, possivelmente bético, e deve ter uma cronologia de produção que rondará os séculos II e III, surgindo em lucernas de Disco e de transição Disco/Dressel 28, mas os 2 casos deste punção surgem na fase estratigráfica de 350-400 d.C. e de 375-400 d.C., respectivamente, o que será uma posição já residual. No segundo tipo, mais tardio (n.º 6), o punção 7 surge conjugado com o punção 4.

O punção 8 surge no fabrico de *Augusta Emerita*, em lucerna de Disco, em 2 indivíduos de transição Disco/Dressel 28 do Grupo 2a da *Hispania*, possivelmente de *Augusta Emerita* (num caso, em conjugação com o punção 6), e num indivíduo de Dressel 28 do Grupo 1d da *Hispania*, em conjugação com o punção 6 (este caso surge na fase de 350-400 d.C.) (n.ºs 30, 31, 100). O punção 8 é conhecido em *Augusta Emerita* (Rodríguez Martín, 2002: fig. XXI, n.º 35).

O punção 9 surge num único caso, o Grupo 1d da *Hispania*, em Disco/Dressel 28 (n.º 140).

Tal como os punções 1 e 3, os punções 10 e 11 parecem exclusivos de produções emeritenses. O punção 10 surge também num único caso do Grupo 2a da *Hispania*, possivelmente de *Augusta Emerita*, em Dressel 28 (n.º 165). Já o punção 11 surge num único caso do Grupo 2b da *Hispania*, também possivelmente de *Augusta Emerita*, em Dressel 28, conjugado com o punção 12 (n.º 10), na fase de 375-400 d.C.

Os punções 12 e 12b podem também ser exclusivos de *Augusta Emerita*, já que surgem apenas no fabrico emeritense, nos Grupos 2a e 2b de *Hispania* (*Augusta Emerita*?), mas também no Grupo 2c da *Hispania*, que, com menor probabilidade, poderá estar relacionado coma a capital lusitana. Ambos surgem apenas em Dressel 28, mas o punção 12b pode ter um início ligeiramente mais antigo, já que surge em pasta alto-imperial emeritense, embora na sua versão tardia (n.º 12b), que Rodríguez Martín (2002: 209; 2006: 196-197) associa a oleiros como GES, que abandonam as pastas de boa qualidade e adoptam pastas mais próximas da cerâmica comum e do nosso Grupo 2a. O punção 12 surge conjugado num caso com o punção 11 (exclusivamente emeritense), no Grupo 2a (n.º 10). Em termos estratigráficos, os 2 punções em apreço surgem na fase de 375-400 d.C. (n.ºs 10, 12b).

Tal como o punção 9, o punção 13 é exclusivo da *Hispania* e também ocorre em Disco/Dressel 28, mas agora no Grupo 1b e com posição crono-estratigráfica definida (375-400 d.C.). Ambos os punções só possuem um exemplar cada, mas a tipologia associada torna esta posição estratigráfica tendencialmente residual.

Já o punção 14, próximo do punção 13, surge não só no Grupo 1d da *Hispania* (n.º 139), mas também no Grupo 2d, possivelmente bético, e sempre em Dressel 28. Neste último fabrico surge associado ao punção 15 (n.º 126), com o qual produz um efeito de zig-zag, posição em que surge sempre o punção 15. É verdade que este punção poderia ser um indicador de proximidade tipológica à Dressel 27, mas, de facto, o n.º 136 pertence até mais provavelmente a uma morfologia de transição Dressel 28/Dressel 30, com glóbulos moldados e impressos que acompanham a orientação dos punções decorativos no pequeno troço conservado. Ao nível dos fabricos, o punção 15 surge no Grupo 1b da *Hispania*, em lucerna de Disco e Dressel 28/Dressel 30, e, em Dressel 28, no Grupo 5 da *Hispania* e no

Tab. 5: Distribuição por grupos de fabrico dos punções das lucernas da *Hispania*

Punção	Augusta	Hispania					Baetica, Guadalquivir?	Augusta Emerita?		Baetica?			Fig.
	Emerita	1b	1d	2c	5	6	4	2a	2b	2d	3	6	
1	1												1
2	1									1			5
3								1					8
4								1				1	6, 14
5					1					1			9, 142
6			2		1		1	2		1	2	1	14, 31, 100, 128, 129, 131, 141, 142
7												2	6
8	1		1					2					30, 31, 100
6, 7 ou 8										1			
9			1										140
10									1				165
11								1					10
12					1			1	1				10
12b	1				1								12b
13		1											4
14			1							1			126, 139
15		2			1					1			126, 136
16			1		1								17b
A					1	2				3			9, 13, 125
Total	4	3	6	2	5	2	1	8	2	9	2	4	
Total	4			18			1		10			15	

Grupo 2d, possivelmente bético. O punção 15 é conhecido, contudo, em *Augusta Emerita*, mas em posição transversal e conjugado com trevos (Rodríguez Martín, 2002: fig. XXI, n.º 39); o punção 14 é também conhecido em *Augusta Emerita*, conjugado com rosetas (Rodríguez Martín, 2002: fig. XXII, n.º 42).

O punção 16 (n.º 17b) surge num único caso de Dressel 27, com temática geométrica pura, conjugando glóbulos e linhas. A sua posição estratigráfica, na UE 68 de 490+ d.C., onde se verifica vários exemplares de Dressel 30, pode representar uma certa longevidade da Dressel 27 próxima da da Dressel 30, mas havendo um único exemplar nesta UE, a Dressel 27 poderá ser residual.

O punção A é sempre realizado por incisão e resume a elaboração de uma espiga ou folha de palma que pode surgir na asa de lucernas de Disco (Grupos 2d e 6, possivelmente béticos), ao longo da orla de lucernas de Disco (Grupo 2d, possivelmente bético: n.º 125), na face inferior do bico, em lucerna inclassificável do Grupo 5 da *Hispania* (n.º 13), ou ao longo da asa de Dressel 28/Dressel 30 (Grupo 2d, possivelmente bético: n.º 9). Dos 6 exemplares com este punção, 1 está situado na fase 350-400 d.C. (lucerna de Disco do Grupo 6) e 3 estão situados na fase de 375-400 d.C. (lucerna de Disco do Grupo 6, indeterminável do Grupo 5 e Dressel 28/30 do Grupo 2d). O punção A surge igualmente em vários fundos, mas essa posição será discutida *infra*, em relação às marcas de oleiro.

Tab. 6. Distribuição por tipos dos punções das lucernas da *Hispania*

Punção	Tipo					Fig.	
	Disco	D28	Disco/D28	D28/D30	D27		Ind.
1		1					1
2	2						5
3		1					8
4			2				6, 14
5		1		1			9, 142
6	3	4	3				14, 31, 100, 128, 129, 131, 141, 142
7	1		1				6
8	2	2					30, 31, 100
6, 7 ou 8?	1						
9			1				140
10		1					165
11		1					10
12		3					10
12b		1				1	12b
13			1				4
14		2					126, 139
15	1	2		1			126, 136
16	1				1		17b
A	4			1		1	9, 13, 125
Total	15	19	8	3	1	2	

O conjunto de marcas em fundos de lucernas da Casa da Medusa encontra uma maioria de casos com características comuns e com origens provavelmente pouco distantes, num universo sudoeste peninsular. Já a cronologia estratigráfica existente, na segunda metade do século IV, para vários deles, não oferece garantias, em face da ausência de definição tipológica para as peças.

O n.º 54b, do Grupo 1d da *Hispania*, possui glóbulos impressos em torno do fundo, com uma fiada curva diametral, uma modalidade que nos parece inédita. Os n.ºs 55b e 88 apresentam espiga ou folha de palma tendencialmente estreita e englobada num círculo, o primeiro exemplar possuindo uma haste horizontal como base para a planta, e o segundo contento a identificação do oleiro como AF. Se o n.º 55b, do Grupo 2c, poderá estar relacionado com *Augusta Emerita*, já essa associação será muito mais segura no n.º 88, do Grupo 2b. Um oleiro de nome AF é até agora desconhecido na capital provincial, onde se conhece porém a sigla *INTF*, com N e T geminados, em Loeschcke 4 (Rodríguez Martín, 2002: fig. XXIV, n.º 29-30 e p. 165), mas, mesmo com sobremoldagem intensa, parece difícil relacionar o caso vertente com esta marca publicada em *Augusta Emerita*.

O n.º 135 possui banda externa de círculos impressos com espigas ou folhas de palma estreitas, raiadas, no centro. Já a espiga do n.º 133, em posição habitual, vertical, é mais frondosa. Se o fabrico do n.º 133 se relaciona com a *Baetica*, já o do n.º 135 se relaciona novamente com a capital lusitana, onde muitos exemplares possuem este motivo no fundo (mas nunca raiado, nem com banda externa de glóbulos), muitas vezes associado ao oleiro

Tab. 7: Marcas de oleiro das lucernas da *Hispani*.

Origem	Grupo	Tipo	Marca	Oleiro	Fase	Fig.
<i>Hispania</i>	1d	Ind.	Glóbulos impressos.	?	350-400 c/ Med. Pleno	54b
	2c	Ind.	Folha de palma no fundo.	?	350-400 c/ Med. Pleno	55b
	6 (<i>Baetica?</i>)	Ind.	Folha de palma.	?	UE 1, superficial	133
	2a (<i>Augusta Emerita ?</i>)	Ind.	Folhas de palma em disposição raiada e banda circundante de círculos balizada por linha de cada lado.	?	UE 1, superficial	135
		Ind.	[CE]S em modo raiado com folha de palma no centro	GES	375-400 d.C.	2
	2b (<i>Augusta Emerita?</i>)	Ind.	AF sobre folha de palma dentro de círculo definido por 2 linhas.	AF	Indefinida	88
<i>Africa, Zeugitania</i>		<i>Atlante</i> VIII C	DO	DO	490+ d.C.	18

GES, tido como um produtor que inicia a sua laboração em meados do século II (Rodríguez Martín, 2002: 209 e figs. XXVII-XXVIII). Mas este motivo é também conhecido em fundos, asas e em orlas (tal como na Casa da Medusa) de tipos tardo-romanos, no vale do Guadalquivir, na área de Córdoba (Bernal e García Gimenez, 1995: fig. 1-8). Certamente do oleiro emeritense GES é o n.º 2, cujo fabrico do Grupo 2a parece confirmar a origem. A grafia da marca e o punção A aplicado no centro do fundo são profundamente semelhantes a um dos exemplares publicados em *Augusta Emerita* (Rodríguez Martín, 2002: fig. XXVIII, n.º 123). O n.º 55b aparenta ter o mesmo punção, embora seja especulativo dizer se foi produzido igualmente por GES, na falta de marca conservada.

África oferece-nos uma única marca de oleiro (n.º 18), em lucerna paleocristã *Atlante* VIII C, de cujo oleiro DO desconhecemos paralelos (Bonifay, 2004; Bussière, 2000), mas que poderá ter na sua posição estratigráfica de finais do século V uma cronologia verosímil para a sua aquisição e uso em *Abeltherium*, já que as lucernas deste tipo atravessam todo o século V (Bonifay, 2004). Em *Ammaia*, a menos de meia centena de quilómetros da Casa da Medusa, o fundo de uma provável *Atlante* VIII possui a marca OO, com grafia mais pequena e muito regular que permite pensar que se trate de uma marca anepígrafa (Quaresma, no prelo: fig. 82, n.º 501).

2.4. As ânforas

O espólio anfórico da Casa da Medusa apresenta um bom conjunto estatístico e levanta questões bastante pertinentes quanto às relações comerciais em funcionamento no Baixo-Império e Antiguidade Tardia, com evidentes sintonias quando comparado com o padrão de importações de lucernas, no qual a *Baetica* mantém igualmente um papel relevante. Um outro aspecto interessante que também sobressai no espólio anfórico, tal como no lucernário, é o de uma residualidade tipológica bastante baixa, o que permite uma compreensão muito mais correcta das dinâmicas tardias.

A *Baetica* fornece 10,3 % do comércio alimentar da Casa da Medusa, com apenas 2 indivíduos residuais, do tipo Dressel 14 e possivelmente do tipo Beltrán IIB, ambas, ânforas piscícolas alto-imperiais da área litoral (García Vargas, 1998), que domina com 9 %, aos quais acresce 1,3 % da área malaguenha. Já o comércio alimentar do Guadalquivir encontra-se totalmente ausente, encontrando-se os produtos oleários apenas representados pela *Baetica* litoral.

Justamente a *Baetica* oriental forneceu 2 tipos de contentores, estando um deles indeterminado, embora claramente distinto do único tipo diagnosticado, a Almagro 51c, com preparados de peixe. O n.º 149 (proveniente da UE 1, superficial), de bordo tri-moldurado e colo apertado que se entevê, tem assim um perfil singular, sobretudo tendo em atenção a ausência de paralelos morfológicos em ateliers bem publicados com o de Los Matagallares (Bernal, 1998: 249-256). O exemplar indeterminável possui posição crono-estratigráfica definida, na fase de 350-400 d.C. do ambiente 30.

É sem dúvida a *Baetica* litoral central-ocidental que domina este grupo provincial e, no seio de 14 indivíduos, apenas 1 não se enquadra nos preparados de peixe, mas sim no oleário, como referido *supra*. A Dressel 23, sucedânea da alto-imperial Dressel 20, encontra-se na Casa da Medusa através de 1 exemplar de pasta depurada que atribuímos, embora com a cautela devida, ao litoral bético e não à bacia do Guadalquivir, onde a sua produção é profusamente conhecida, provavelmente entre a segunda metade do século III e a primeira do século V (Berni e Moros Díaz, 2016). A existência de Dressel 23 de pastas depuradas atribuíveis a ateliers litorais não é contudo uma novidade na nossa investigação, já que num trabalho em curso por um dos signatários deste artigo, a Dressel 23, nomeadamente na sua variante Keay 13C-D, encontra-se exclusivamente com esta pasta em contextos de *Tarraco* em torno do século IV, os quais temos em análise com Josep Remolà Valverdù.

As ânforas do litoral central-ocidental bético são não apenas importantes estatisticamente, mas também um pouco mais variadas tipologicamente no seio dos preparados piscícolas, onde a Almagro 50 e a Almagro 51c encabeçam um leque composto ainda pela Keay 16.

Este último tipo, com o seu típico bordo mais robusto, pode tê-lo de morfologia triangular simples ou rectangularizado, levemente moldurado, alto, e formando quase um lábio incipiente, na sua moldura superior (n.ºs 143 e 144: este último possui um bom paralelo em Bernal, 1998: 259, fig. 93, n.º 55, considerado Keay 16A). Se a Keay 16 surge apenas na UE 1, superficial, já a Almagro 50 tem 2 indivíduos na fase de 350-400 d.C. do ambiente 30 (sem desenho). Os exemplares têm lábio triangular simples (n.ºs 145 e 146, sendo este último já bastante robusto, aproximando-o da Keay 16), ou lábio triangular suavizado no ângulo externo, com ligeira concavidade do lado interno (n.º 168).

A Keay 16 bética terá o seu início em finais do século II ou inícios do século III (Keay, 1984: 393), cronologia inicial confirmada no atelier de Puente Melchor (Bernal, 1998: 257), continuando a sua produção até um ponto algures pela primeira metade do século V (García Vargas, 1998); cronologias que são paralelas à da Almagro 50.

A Almagro 51c do litoral bético na Casa da Medusa possui um exemplar de parede individualizável, já que o seu fabrico é distinto dos bordos deste tipo. Como distinção morfológica da Almagro 50, para os bordos sem asa, definimos o critério métrico de diâmetros inferiores a 13 cm como característicos da Almagro 51c (Almeida e Raposo, 2014; 2014b). Os exemplares da Almagro 50 da Casa da Medusa surgem todos na UE 1, superficial, com exceção do n.º 37, proveniente do enchimento do poço (ambiente 56), ocorrido entre 350 e 400 d.C., parâmetro perfeitamente consentâneo com a cronologia de produção da Almagro 51c, cujas balizas são idênticas às da Almagro 50 e Keay 16 (Mayet e Silva, 1998: para o caso lusitano). Este exemplar apresenta bordo triangular produzido quase que por um efeito de bisel, enquanto que os n.ºs 147 e 148 possuem lábio arredondado e bocal bastante extrovertido ou bocal verticalizado com bordo triangular alto e suavizado.

O universo lusitano possui uma proveniência seguramente residual, a de Peniche, cuja cronologia estará mais centrada entre os séculos I e III (Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006). Ambas as fases do atelier estão presentes na Casa da Medusa, embora da primeira fase apenas se tenha diagnosticado bojos indetermináveis. Já o pivot n.º 183, com espessamento na base e pequeno acréscimo de argila no fundo interno, pode perfilar-se no tipo 6 de Peniche (Cardoso *et al.*, 2015: fig. 12; 2016: fig. 5), estando o exemplar em apreço produzido no fabrico da segunda fase do sítio.

O n.º 188 é morfológicamente integrável no tipo Peniche 3 (ver bibliografia mencionada *supra*), mas o seu fabrico parece-nos bastante distante ou problemático de integrar em Peniche, já que o Grupo 3 da *Lusitania* (com hematites negras) surge igualmente em Almagro 51c, um tipo completamente ausente de Peniche. Sobre esta questão falaremos de novo *infra*, aquando da problematização dos Grupos de fabrico lusitanos.

No contexto lusitano tardo-romano, os preparados de peixe da região do Algarve estão escassamente representados com 0,6 % e 1 único tipo representado, a Almagro 51c, embora possa crescer outros 2,6 %, com Almagro 51c, Almagro 51a-b e bojos-fundos de Dressel 14 ou Almagro 50. O n.º 99, do tipo Almagro 51c, é o único exemplar com cronologia definida, na fase da segunda metade do século IV do ambiente 30.

Os vales inferiores do Tejo e do Sado dominam o conjunto anfórico da Casa da Medusa, com 74 % e uma escassa residualidade, assente na Dressel 14 e na Ovóide Lusitana (n.º 170).

O conjunto lusitano tagano e/ou sadino é largamente dominado pela Almagro 51c, seguido ao longe pela Almagro 50 e pela escassa Almagro 51a-b, no que diz respeito aos preparados de peixe. O vinho lusitano representa 14 indivíduos de um total de 114 ânforas, onde os preparados de peixe perfazem então 100 indivíduos, setuplicando o comércio vinário.

Duas ânforas transportaram o vinho provincial para a Casa da Medusa: a Lusitana 3 e a Lusitana 9. O primeiro tipo faz a transição do Alto-Império para a Antiguidade Tardia, podendo recuar a sua produção aos finais do século I ou mais provavelmente aos inícios do século II (Quaresma e Raposo, 2014; Quaresma, 2012: 406, n.º 787), mas com cronologia

que se pode estender até meados-segunda metade do século III: no corte estratigráfico LII 9 do centro anfórico do Pinheiro, no Sado, regista-se um colapso da cozinha comum, com *terra sigillata* africana C dos tipos Hayes 45 e 50, *terra sigillata* africana A, do tipo Hayes 14B e do tipo Hayes 15 e Dressel 14 de bordo arredondado, Dressel 14 tardia, Almagro 51c e Lusitana 3 (Mayet e Silva, 1998: fig. 44). A sua presença mais nítida no atelier do Porto dos Cacos, sendo escassíssima no atelier da Quinta do Rouxinol, no que ao Tejo diz respeito, aponta para um enfraquecimento da produção tagana no século III, já que a estratigrafia do segundo centro apenas começa no segundo quartel do século III (Raposo, Santos e Quaresma, 2015).

A cronologia de produção da Lusitana 3 é anterior à da sua deposição estratigráfica na Casa da Medusa, onde apenas 1 exemplar se encontra com crono-estratigrafia definida, na segunda metade do século IV (canalização 3: n.º 29). Os bordos de Lusitana 3 do Tejo/Sado englobam-se na variante de bordo triangular em fita, podendo ter canelura externa (n.ºs 167 e 184), que parecem mais típicos da área tagana (Quaresma e Raposo, 2014; Duarte, 1990: fig. 19, n.º 90; Raposo, 1990: fig. 36).

A Lusitana 9 está menos representada na Casa da Medusa, mas mesmo assim com 4 indivíduos, embora sem posições estratigráficas definidas cronologicamente. Seguindo a proposta de evolução da Lusitana 9, na estratigrafia da *villa* de São Cucufate (Raposo e Quaresma, 2014; Vaz Pinto e Lopes, 2006: fig. 3), os indivíduos vendidos na Casa da Medusa enquadram-se na primeira fase evolutiva da forma, com bordo muito simples e incipiente (n.ºs 89, 156 e 157), tendencialmente mais antiga do que as restantes fases, recuando à segunda metade do século III, mas também ela alcançando a primeira metade do século V.

No que respeita aos preparados de peixe taganos ou sadinos, a Almagro 50 possui, em 2 casos (de um total de 9 indivíduos), uma posição crono-estratigráfica definida, na segunda metade do século IV dos ambientes 19 (n.º 75) e 30. Os bordos presentes podem ter bocal muito extrovertido (n.º 75), ou tendencialmente mais verticalizado, mas sempre com bordo triangular, com moldura externa no colo visível num dos casos (n.ºs 150, 151, 171).

A Almagro 51c inundou verdadeiramente o mercado abelteriense, com 78 indivíduos, aos quais se pode somar hipoteticamente outros 9 indivíduos impossíveis de distinguir entre este tipo piscícola e a vinária Lusitana 3. Trinta e dois exemplares surgem em UEs de 350-400 d.C., sobretudo no ambiente 19, mas também nos ambientes 30 e 56 (poço) e nas canalizações 1 e 3.

Apenas 1 exemplar surge na UE 58 do ambiente 28, datada de finais do século V (n.º 98), com bordo triangular, diâmetro curto de 70 mm e colo bastante apertado, que o poderá enquadrar talvez nas variantes tardias da forma (variante C), embora os bordos tardios sadinos, onde existe estratigrafia disponível, mas sem alcançar os finais do século V, sejam altos e ligeiramente curvos para o interior (Mayet e Silva, 1998: 202). Esta variante C surge igualmente na fase de 350-400 d.C., na canalização 3 (n.º 27), na canalização 1 (n.º 36), no ambiente 56 —poço (n.ºs 38-39), ou na UE 1, superficial (n.ºs 160, 162), sendo claramente minoritária em face das variantes mais antigas da forma.

A marca CASESE, em cartela rectangular com 18 mm de altura, directa bilinear, cartela simples, *in ansa, litt. standibus*, surge no n.º 182 da UE 1, superficial. Sendo que a Almagro 51c não possui até à data marcas de oleiro conhecidas (Viegas, Raposo e Pinto, 2014), ao contrário da Lusitana 3, onde quase abunda este tipo de epigrafia (Fabião e Guerra, 2004), não é despidendo pensar-se que pode tratar-se de um fragmento de asa da ânfora vinária, com duas caneluras longitudinais, em detrimento da piscícola. Marca inédita, poderá estar relacionada com um *tria nomina*, como hipoteticamente C(*aius*) ASE(*lius*) SE(*mpronianus*). A *gens Asellia* é conhecida em *Augusta Emerita* e o *cognomen Sempronianus* em *Augusta Emerita, Olisipo*, Mexilhoeira Grande (Portimão) e Talavera de la Reina (Navarro Caballero e Ramírez Sádaba, 2003: 102 e 296).

Um conjunto de ânforas lusitanas apresenta características de fabrico excêntricas, quando comparado com os conjuntos canónicos do Tejo/Sado ou do Algarve e mesmo de Peniche. Decidimos assim denominar a este grupo de «indeterminado». Constitui 115 do total anfórico da Casa da Medusa e a sua cronologia começa bastante cedo, no século I a.C. ou no século I d.C., através da Ovóide Lusitana, que soma 4 indivíduos, aos quais se soma 1 outro de Dressel 14, alto-imperial. Estas 2 ânforas representam um conjunto residual na análise tardo-antiga do espaço, constituindo quase 25 % do total indeterminado.

O conjunto coevo tardo-antigo tem novamente na Lusitana 3 vinária a ânfora de transição cronológica, estando a Lusitana 9 ausente deste grupo. É pois um conjunto essencialmente relacionado com os preparados de peixe, que incluem a Almagro 50 e a Almagro 51a-b, mas sobretudo a Almagro 51c.

O Grupo 2 e o Grupo 3 são os únicos que possuem dados tipológicos seguramente alto-imperiais (recuando possivelmente ao final da República), através da Ovóide Lusitana e da Dressel 14, no primeiro caso, e da Ovóide Lusitana, no segundo.

O Grupo 2 possui uma quantidade relevante de Ovóides Lusitanas (n.º 169), uma ânfora datável a partir de 50 a.C. (Morais e Filipe, 2014), mas cuja cronologia se estende até ao terceiro quartel do século I d.C., quando surgem na lixeira portuária de Arles-Rhône 3, a partir de 55-60 d.C. (Djaoui e Quaresma, 2016) em níveis cláudio-neronianos de *Olisipo*, onde a Dressel 14 está ausente, um aspecto significativo para a datação final da Ovóide Lusitana (Silva, Filipe e Almeida, 2016). Contendo Dressel 14 (um fragmento de asa), este grupo termina a sua vida algures na Antiguidade Tardia, com a forma Almagro 50, mal caracterizável pela existência de apenas uma base de pivot (n.º 83).

Por outro lado, é o único grupo indeterminado que possui produção vinária, através da Lusitana 3, bastante bem representada no seio do grupo. Pelo menos 2 grandes variantes morfológicas são passíveis de diagnosticar neste contentor vínico. O n.º 90 apresenta um bordo e colo perfeitamente canónicos para a Lusitana 3, com ranhura externa no bordo, cuja morfologia é bastante típica nos ateliers taganos (Quaresma e Raposo, 2014). O n.º 95, com 100 mm de diâmetro de fundo, mas apenas 338 mm de altura conservada até ao topo da pança, aparenta ser uma ânfora absolutamente piriforme, mas grácil, já que as Lusitanas 3 costumam ter alturas totais entre 461 e 467 mm (Quaresma e Raposo, 2014). Relevante para este indivíduo em apreço, este é o único caso de uma ânfora dos grupos

Tab. 8: Quantificação total das ânforas.

Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
<i>Baetica</i> , Málaga		Alm. 51c	1	1	2	1,3		149
		Ind.	1	1				
<i>Baetica</i> , litoral		Beltrán 72 ou Beltrán 2b	1	1	14	9		72
		D14	1	1				
		D14 ou Alm. 50	3					
		K16	2	2				143, 144
		Alm. 50	6	4				145, 146, 168
		Alm. 51c	4	4				37, 147, 148
		Alm. 51c?	1	1				
	D23	1	1					
<i>Lusitania</i> , Algarve		Alm. 51c	1	1	1	0,6		99
<i>Lusitania</i> , Algarve?		D14 ou Alm. 50	2	2	4	2,6		
		Alm. 51c?	1	1				
<i>Lusitania</i> , Peniche	1.ª fase	Ind.	3	1	2	1,3		
	2.ª fase	Peniche 6	1	1				183
<i>Lusitania</i> , Tejo/Sado		Ovóide Lusitana	1	1	114	74		170
		D14	1	1				
		Alm. 50	13	9				75, 150, 151, 171
		D14 ou Alm. 50	99					
		Alm. 51a-b	3	2				38
		Alm. 51c	108	78			1 marca (Lusitana 3?)	32, 35, 36, 39, 48-52, 54, 57, 76-82, 92-94, 98, 102, 103, 107, 152-155, 162, 172-182, 185, 186
		Alm. 51c ou Lusitana 3	9	9				
		Alm. 51c?	69					
		Lusitana 3	11	10				29, 167, 184
		Lusitana 9	4	4				89, 156, 157
		Ind.	5					
<i>Lusitania</i> , indeterminado	Grupo 1 a 5	Ovóide Lusitana	4	4	19	11		73, 169, 188
		D14	1	1				
		D14 ou Alm. 50	1	1				
		Alm. 50	2	2				83, 91
		A51a-b, var. c	1	1				163
		Alm. 51c	7	7				53, 56, 74, 158-161
		Lusitana 3	3	3				90, 95
Total			372	156	156	100		

indeterminados lusitanos que possui uma posição crono-estratigráfica. Mormente não esteja datada a fase cronológica exacta das UEs 26+51, em que se encontrava no ambiente 26, o contentor foi recuperado ainda *in situ*, em conjugação com o pavimento do ambiente respectivo, o que é um sério argumento para a continuidade da produção de Lusitana 3 em momentos tardios do século III (ver discussão *supra*), sendo provavelmente exagerada uma cronologia final de inícios do século IV (Quaresma e Raposo, 2014).

O grupo 3 levanta questões mais complexas quanto à sua exacta interpretação. A sua pasta contém hematite negra de pequena e média dimensão, um elemento petrográfico que se conhece em Peniche: o n.º 188 poderia assim ser facilmente atribuível ao tipo Peniche 3, onde existem bordos muito semelhantes (Cardoso *et al.*, 2016: fig. 8) e onde a hematite negra é um dos elementos constitutivos do grupo C de pastas deste atelier (Cardoso *et al.*, 2016: 8). Decidimos, no entanto, adscrever o n.º 188 às Ovóides Lusitanas, pois o Grupo 3 possui igualmente o tipo Almagro 51c, completamente ausente da produção do atelier de Peniche, onde o universo lusitano tardio é completamente desconhecido (Cardoso *et al.*, 2016; Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006).

Fica, no entanto, uma importante questão em aberto, quanto a este Grupo 3: Peniche produziu em época tardo-romana, em algum *locus* ainda desconhecido; ou a hematite negra é um elemento constitutivo de pastas de Peniche, mas também de outros ateliers não diagnosticados até ao momento pela investigação portuguesa? Este Grupo 3 revela até aparentemente uma longevidade importante, se aceitarmos que o fundo de Almagro 51c (n.º 160) pertencerá a fases mais tardias deste tipo, como vimos *supra* em relação a vários exemplares provenientes do Tejo/Sado.

Já os Grupos 1 e 4 são apenas tardios e dedicados exclusivamente aos preparados de peixe. O Grupo 1 inclui apenas Almagro 50 e 51c (n.ºs 91 e 159), sendo que o fundo de pivot da Almagro 51c indicia uma classificação nas fases tardias do tipo (Mayet e Silva, 1998: 203), o que confere também a este grupo uma longevidade tardia grande, tal como acontece no Grupo 3.

Esta longevidade está também patente no Grupo 4, onde a Almagro 51a-b está presente através da sua variante C. O n.º 163 engloba-se na variante tardia deste tipo, com bordo escalonado e extrovertido, formando duas molduras externas (Mayet e Silva, 1998: 287). A amostra é estatisticamente insuficiente, mas se no Grupo 2 podemos ver pelo menos a existência de uma filiação morfológica com perfis taganos, já no Grupo 4, vemos assim uma filiação com ateliers sadinos. De entre os bordos de Almagro 51c, é de destacar o n.º 158, com bordo em martelo, bastante semelhante à morfologia conhecida em alguns exemplares de Almagro 50, mas também de Almagro 51c do Pinheiro, ou de Abul, no Sado (Mayet e Silva, 1998: 173, fig. 63, n.ºs 84-88 e p. 271, fig. 121, n.º 51; Mayet e Silva, 2002: 207, fig. 112, n.º 103). Este bordo em martelo também é conhecido, mas em menor quantidade, no Tejo, no atelier da Quinta do Rouxinol (Raposo, Santos e Antunes, 2016: fig. 18, n.º 10). Bastante excêntrico é o n.º 56, com colo alto, bordo simples, extrovertido e triangular, com arranque de asa a partir da sua metade inferior.

Estratigraficamente, o Grupo 4 possui 4 indivíduos na fase de 350-400 d.C. dos ambientes 19 e 30: 3 Almagro 51c e 1 Dressel 14 ou Almagro 50.

A marca n.º 161 consiste num círculo concêntrico no arranque inferior da asa de uma Almagro 51c, definindo uma marca anepígrafa, ou, mais provavelmente, tendo em conta a posição da mesma, um simples grafito *ante cocturam*.

Tab. 9: Quantificação das ânforas dos grupos de fabrico indeterminados da *Lusitania*.

Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
Lusitania, indeterminado	1	Alm. 50	1	1	2	10,5		91
		Alm. 51c	1	1				159
	2	Ovóide Lusitana	3	3	8	42,1		169
		D14	1	1				83
		Alm. 50	1	1				90, 95
		Lusitana 3	3	3				
	3	Ovóide Lusitana	1	1	2	10,5		188
		Alm. 51c	1	1				160
	4a	A51a-b, var. c	1	1	1	5,3		163
	4b	Alm. 51c	2	2	2	10,5		74, 161
	4c	D14 ou Alm. 50	1	1	4	21		
		Alm. 51c	3	3				53, 56, 158
	Total			19	19	19	100	

2.5. A cerâmica comum de importação

Um alguidar de pasta quartzítica muito fina e depurada (com raríssima moscovite de muito pequenas dimensões, escasso quartzo hialino de muito pequenas dimensões, alguma calcite com 0,5 mm e escassos feldspatos de 0,5 mm) pode ter uma origem norte-africana, mas as cerâmicas comuns de maior difusão africanas não parecem incluir exactamente esta morfologia de bordo para alguidar.

Os casos mais parecidos são sempre claramente tardios, dos séculos v e vi (Bonifay, 2004: 270: Carthage Late Roman Basin 6). O tipo Fulford 3.1 possui caneluras no topo da aba, mas esta sobe, ao contrário da do n.º 47. Nas escavações de Cartago, este tipo surge ao longo do século v (Fulford e Peacock, 1984: 15 e 168), uma datação próxima do exemplar da Casa da Medusa, situado estratigraficamente na segunda metade do século iv, mas numa UE com perturbações posteriores. Os exemplares africanos de Cartago são feitos com fabricos depurados, laranja-vermelhos como em Alter do Chão, mas as superfícies do n.º 47 não são brancas ou cremes como em Cartago, mas sim da cor da pasta. Em Sidi Jdidi, exemplares de alguidares com aba sempre ligeiramente erguida surgem nas UEs da segunda metade do século v, confirmando cronologias e fabricos publicados em Cartago (Mookai, 2016: fig. 156, n.º 12) e tornando o n.º 47 duvidoso na sua classificação.

Tab. 10: Quantificação total da cerâmica comum de importação

Origem	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
Africa, Zeugitania?	Alguidar indeterminado	1	1	1	100		47
Total		1	1	1	100		

3. A estratigrafia (fig. 4)

Como afirmámos na introdução (cf. *supra*), não quantificámos as produções de *terra sigillata* alto-imperiais; não quantificámos igualmente as cerâmicas de instrusão medieval que afectam as UEs de 350-400 d.C. do ambiente 19. Tendo tomado esta opção, os quadros estatísticos relativos à estratigrafia problematizada não possuem cálculos de residualidade nem de intrusibilidade. Por outro lado, o conjunto de 958 fragmentos cerâmicos estudados

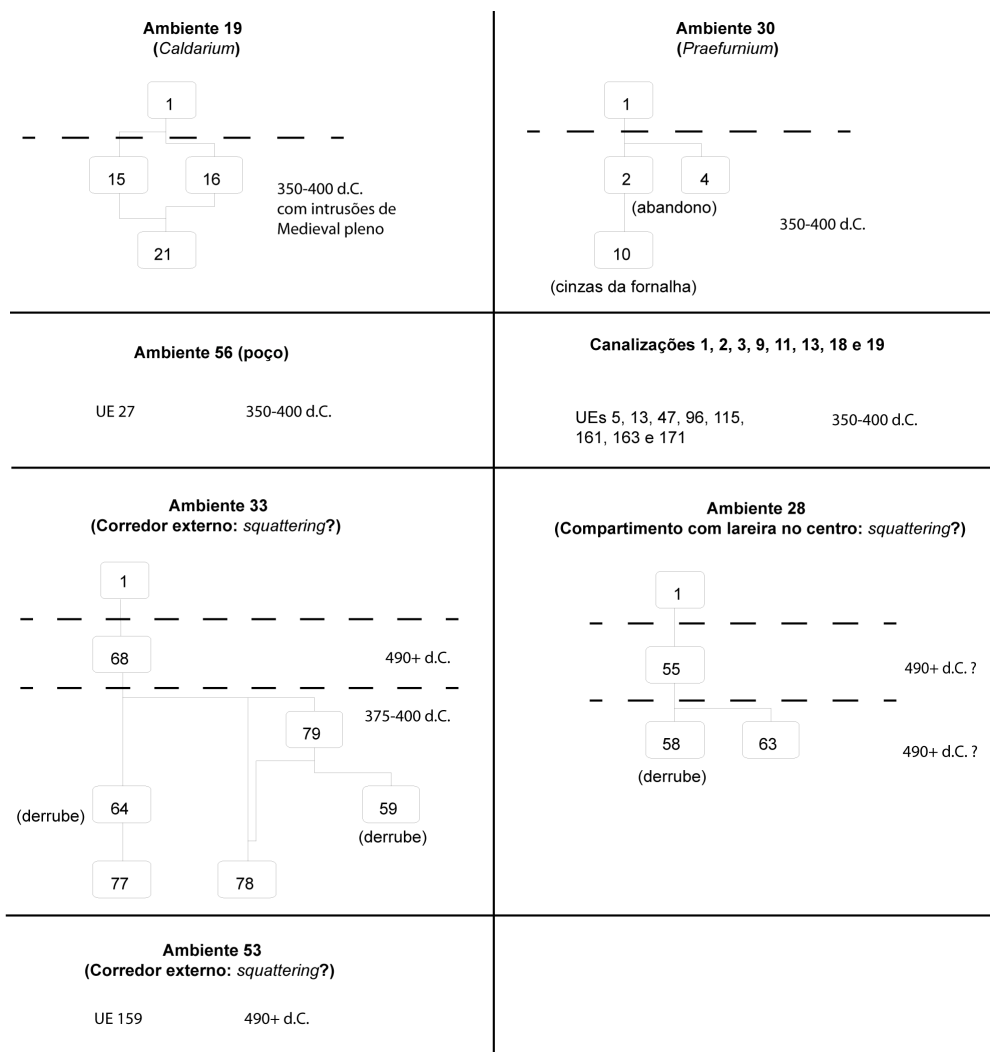


Fig. 4. Matriz da Casa da Medusa.

neste artigo possui infelizmente uma parte significativa de 434 fragmentos na UE 1 de superfície, emagrecendo a base estratigráfica coeva tardo-antiga.

Podemos definir essencialmente 3 fases estratigráficas (figs. 2 e 14). A de maior dimensão estatística diz respeito à desactivação dos espaços na segunda metade do século iv, nos ambientes 19 (*caldarium*), 30 (*praefurnium*), 56 (enchimento do poço), e os enchimentos das canalizações 1, 2, 3, 9, 11, 13, 18 e 19; de menor dimensão é a fase do último quartel do século iv, no ambiente 33 (corredor externo), também relacionada com a desafecção da *villa*, mas em cujos derrubes encontramos uma cronologia tendencialmente mais avançada que poderá ainda não alcançar o século v. A fase seguinte diz respeito a possíveis reocupações do espaço ou de certos espaços: se no ambiente 19 (*caldarium*) já existem intrusões medievais nos níveis conservados de 350-400 d.C., nos ambientes 33 (corredor externo), 28 (*cubiculum*) e 53 encontramos mesmo uma fase de finais do século v, muito mal representada estatisticamente. Esta fase de 490+ d.C. sobrepõe-se à desafecção de 375-400 d.C. do ambiente 33, mas nos ambientes 28 e 53, esta reocupação produz mesmo um palimpsesto das pré-existências. Aliás, este ambiente 53, tal como os ambientes 51 e 52 serão compartimentos acrescentados provavelmente nesta época (o ambiente 53 vai mesmo encerrar uma das antigas entradas na *villa*), em acções de *squatting* que remodelam o espaço da *villa*, pelo menos num caso com indícios de locação de realidades plurifamiliares na antiga *villa*: no ambiente 28 detectou-se uma lareira no centro da sala, o que indicia um espaço uni-familiar.

A continuidade de ocupação ou a reocupação do espaço da antiga *villa*, com funções necropolares cumulativas, encontra-se plenamente atestada pela implantação de 3 sepulturas datadas entre o final da primeira metade do século vi e o final da primeira metade do século século vii. Trata-se da sepultura 1 (UE 57), da sepultura 2 (UE 60) e da sepultura 3 (UE 65) —esta última no interior do Compartimento 22 (piscina do *frigidarium*)— todas elas datadas através do espólio de adornos metálicos e/ou de amostras de C14 recolhidas nos esqueletos conservados (António, 2014b).

3.1. A desactivação dos espaços em 350-400 d.C.

Ambiente 19 (*Caldarium*)

Este ambiente possui a melhor amostra para esta fase de abandono da *villa*, mas padece de intrusões medievais que lhe retiram fiabilidade. Possui, no entanto, uma boa amostra para as 3 grandes categorias cerâmicas finas estudadas, às quais acresce o exemplar de cerâmica comum de importação. A única moeda em posição estratigráfica que não a UE1 encontra-se na UE 21: trata-se de um AE3, cunhado em 330-335 d.C. (informação de José Ruivo).

Ao nível da *terra sigillata*, se exceptuarmos a produção de africana A, temos então uma presença minoritária da Bizacena com 11,1 %, onde pontua a Hayes 50, tanto na variante A (n.º 60) como na B (n.º 59), embora a fraca espessura do exemplar deste últi-

mo subtipo o aproxime da Hayes 50A/B, o que tornaria residuais as variantes detectadas da Hayes 50 (Hayes, 1972). Plenamente coeva da segunda metade do século iv é a *terra sigillata* africana D1, com tipos e morfologias respectivas, normais para o período (H58B e 59A e B), dominando o conjunto de *terra sigillata* com 33,3 %. O estilo A(i-ii) (n.º 45) é também um reforço para a cronologia desta fase estratigráfica (Hayes, 1972). Não deixa de ser notória a boa conservação geral dos exemplares desta produção, o que aponta para uma certa conservação do conjunto cerâmico destas UEs, afectadas posteriormente, como frisámos *supra*.

Se é verdade que a *terra sigillata* africana D1 é a produção dominante, o espólio desta classe cerâmica é contudo dominado pelas produções hispânicas tardias em conjunto, já que a produção duriense (27,7 %) e a do Ebro (16,6 %) perfazem 54,3 %, uma cifra bastante superior à africana coeva (produção D1). É verdade que podemos supor alguma residualidade no seio tardo-hispânico, nomeadamente quanto aos tipos Drag. 36 e Ritt. 8a do Douro (n.ºs 42 e 43), mas ambas as formas podem alcançar pelo menos o terceiro quartel do século iv (Paz Peralta, 2008: 529) e a boa conservação do n.º 43 aponta nesse sentido. A presença do estilo 1 em Drag. 37t, bem como a ausência do estilo 2, são um indicador cronológico de potencial anterioridade ao século v, quando o estilo 2 se torna recorrente noutros sítios de consumo, como *Augusta Emerita* (Bustamante, 2013). No *Mercado de Abastos* de Toledo surge já o estilo 2, mas escassamente, enquanto o estilo 1 se encontra muito bem representado (Carrobles Santos e Rodríguez Montero, 1988: pl. 49, 1; pl. 54, 1, 5, 6, 8, 9-11, 13; pl. 55, 2; pl. 35, 16; pl. 39, 1).

A datação dos tipos Drag. 37=Paz 4.18-19 (bordo liso) e Drag. 37=Paz 4.20-21 (bordo roletado) permanece problemática, mas estes dados de Alter do Chão parecem-nos reforçar um início de fabrico em meados do século iv, podendo ser tipos perfeitamente correntes nesta cronologia, provavelmente relacionados com a transição da Drag. 37 clássica para a tardia —os n.ºs 66 e 67, de parede fina, representam possivelmente esses atributos transicionais.

Paz Peralta (Paz Peralta 2008: 529) data estes perfis a partir de 380 d.C., enquanto que, no *suburbio norte* de *Augusta Emerita* (Bustamante, 2013b: 102, 114), surgem a partir de finais do século iv, com um floruit no século v, a par do estilo 2. Mas outros depósitos fazem recuar o início destes sub-tipos. No depósito da *villa* de La Serna, em 300-380 d.C. (Nozal Calvo, Puertas Gutierrez e Ríos Santos, 1995: figs. 2-3) surge o sub-tipo Paz 4.18-19, com perfil arcaizante, quase hemisférico, e bordo biselado (com semelhanças ao tipo Paz 2.6=Hispan. 45), a par da Drag.37t com estilo 1. No depósito de meados do século iv da *villa* de Relea (Juan Tovar, Pérez González e Fernández Ibañez, 1995) surgem igualmente a par da Drag. 37t com estilo 1. Na fase 3 do *Mercado de Abastos de Toledo* (terceiro quartel do século iv), surgem 274 exemplares de Drag. 37t: 199 casos possuem bordo espessado) e 150 exemplares das variantes Paz 4.20-22 e 4.18-19, sendo que, no seio deste último sub-tipo, alguns perfis são arcaizantes e próximos do tipo Paz 2.6=Hispan. 45 (Carrobles Santos e Rodríguez Montero, 1988: 20 e pl. 14-15). A continuidade destes 2 sub-tipos está contudo atestada no século v, quando a forma Paz 4.20-22 está bem representada em *Augusta Emerita* (Bustamante, 2013), mas é nos sítios mesetenhos com estratigrafias de século v

avançado que encontramos os dados mais taxativos, com o domínio da Drag. 37t=Paz 4.18-19 e uma fraca representação de Drag. 37t=Paz 4.20-22 (Vigil-Escalera Guirado, 2013: 20).

O espólio de lucernas é mais magro em informação, mas indica a continuidade de produção na área hispânica (indefinida) e em *Augusta Emerita* (Grupo 2b), ficando interrogada a *Baetica* (Grupos 2d e 6), já que o Grupo 2d não possui tipos definidos e o Grupo 6 possui uma Dressel 3 residual. Pelas mesmas razões, os Grupos 1b e 5 da *Hispania* poderão ter apenas dados residuais. Ao nível tipológico, assistimos à presença de 2 tipos coevos da segunda metade do século iv: as Dressel 28 e 30.

Ao nível do comércio alimentar, temos 2 origens contemporâneas de ânforas: o Tejo/Sado (claramente dominante) e a *Lusitania* indeterminada. Na segunda produção, os Grupos 4b e 4c estão representados por único tipo, a Almagro 51c, ânfora que domina as importações do Tejo/Sado, nas quais surge ainda, mas claramente minoritária, a grande ânfora Almagro 50. Temos pois um predomínio da Almagro 51c e uma exclusividade de preparados de peixe nesta fase estratigráfica do antigo *praefurnium*; nota-se a ausência de vinho lusitano (que é sempre raro nestas cronologias de Alter do Chão, onde a Lusitana 9 está mal representada), bem como a ausência de uma ânfora piscícola, que surge em meados do século iv, a Almagro 51a-b.

Como discutimos supra, o n.º 47 poderá ser um alguidar de importação, possivelmente norte-africano. Apesar de não ter uma classificação de fabrico segura, nem uma classificação de tipo exacta, a hipótese de origem africana não é despicienda para esta cronologia, já que na fase estratigráfica contemporânea da Quinta do Rouxinol, no vale do Tejo, existe um almofariz africano do tipo Bonifay 2004/type 10 (Santos, Raposo e Quaresma, 2015: fig. 10, n.º 5).

Ambiente 30 (*Praefurnium*)

Neste ambiente voltamos a encontrar uma escassa *terra sigillata* africana A residual e a produção C eminentemente residual também, já que os perfis de Hayes 50B ainda não são espessos, podendo não ultrapassar os meados da centúria; ou seja, os 46,2 % de africana C poderão atingir os meados do século iv, mas dificilmente mais do que essa data. Os 46,2 % de africana D1 são assim potencialmente dominantes e neste ambiente não enfrentam a concorrência da congénere hispânica tardia. Em relação ao *caldarium*, notamos a ocorrência repetida de Hayes 58, mas a ausência de Hayes 59, enquanto que a Hayes 61A surge agora com 4 exemplares, quebrando a hegemonia do tipo Hayes 58.

Nas cerâmicas de iluminação, apenas o Grupo 7 da *Hispania* é contemporâneo, mas escassamente representado, com 1 exemplar de Derivada de Disco.

No comércio alimentar, apenas 2 origens serão contemporâneas: o Algarve e o Tejo/Sado, com predomínio claro deste último. O Algarve apresenta 1 indivíduo de Almagro 51c, num pivot provavelmente desta cronologia (n.º 99), enquanto que o domínio do Tejo/Sado se faz de novo através desta ânfora, acompanhada ao longe pela Almagro 50. Temos

Tab. 11: Quantificação total do ambiente 19. Fase 350-400 d.C. UEs 15+16+21.

Classe	Origem	Grupo	Tipo	NMI		% NMI		Obs.	Fig.
				Frag.	NMI Prod.	Prod.	Prod.		
Terra sigillata	<i>Terra sigillata</i> africana A		H6A	1	1	2	11,1	44	
			H14A	1	1			58	
			H50A	1	1	2	11,1	60	
			H50B	1	1			59	
			H50 Ind.	2 3					
	<i>Terra sigillata</i> africana D1		H58B	3	3	6	33,3	61, 62	
			H59A	1	1			65	
			H59B	1	1			63, 64	
			Estilo Ai-ii	1	1			45	
			Ind.	7					
	<i>Terra sigillata</i> hispânica - Douro		Drag. 36	1	1	5	27,7	42	
			Ritt. 8a	1	1			43	
			D37t	1	1			68	Estilo 1
			D37t=Paz4.18-19	2	1			67	
			D37t=Paz4.20-22	1	1			69	
	<i>Terra sigillata</i> hispânica - Ebro		D37t	1	1	3	16,6	66	
			D37t=Paz4.20-22	1	1				
			D37t=Paz4.18-19	1	1				
Total				31	18	18	100		
Lucernas	Hispania	1b	Disco	1	1	1	9,1		
			?	1					
		1d	Disco	1	1	2	18,2		
			D28	1	1				
			Ind.	1					Marca 54b
		2c	Volutas ou Disco	1	1	2	18,2		
			D30	1	1				55
			Ind.	1					Marca 55b
		5	Disco	1	1	1	9,1		71
			?	1					
		2b (Augusta Emerita?)	Den.7	1	1	3	27,3		46
			D30	1	1				70
			Ind.	1	1				
		2d (Baetica?) 6 (Baetica?)	Ind.	1	1	1	9,1		
Der. D3 - lucerna mineira	1		1	1	9,1				
Total				15	11	11	100		
Ânforas	<i>Baetica</i> , litoral		B72 ou B11B	1	1	1	4,8	72	
			Ind.	2	1	1	4,8		
	<i>Lusitania</i> , Peniche	1ª fase	D14 ou Alm. 50	29	1	15	71,5		
			Alm. 50	1	1			75	
			Alm. 51c ou Lus. 3	8	1				
			Alm. 51c	21	12			48-52, 54, 57, 76-82	
	<i>Lusitania</i> , indeterminado	2	Ovóide Lusitana	1	1	4	19	73	
			Alm. 51c	1	1			74	
Alm. 51c			2	2			53, 56		
Total				66	21	21	100		
Cerâmica comum de importação	África, Zeugitania?		Alguitar indeterminado	1	1	1	100	47	
Total				1	1	1	100		

Tab. 12: Quantificação total do ambiente 19. Fase 350-400 d.C.

Classe	Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.	
<i>Terra Sigillata</i>	<i>Terra Sigillata</i> africana A		Ind.	2	1	1	7,7			
			H45B	1	1	6	46,2			
			H50	7	1					
			H50A	1	1					
			H50B	3	3					
	<i>Terra Sigillata</i> africana D1		Ind.							
			H58B	2	2	6	46,2			
			H61A	5	4					
				7						
			Ind.							
Total				28	13	13	100			
Lucernas	<i>Baetica</i>		Disco	1	1	1	10,7			
			<i>Augusta Emerita</i>	Disco	4	4	4	78,6		
	<i>Hispania</i>	7	Ind.	1						
			Derivada de disco	1	1	1	10,7			
Total				7	6	6	100			
Ânforas	<i>Baetica</i> , litoral		D14	1	1	2	20			
			D14 ou Alm. 50	3	1					
			Ind.	1	1	1	10			
	<i>Baetica</i> , Málaga		Ind.	1	1	1	10			
	<i>Lusitania</i> , Algarve		A51c	1	1	1	10		99	
	<i>Lusitania</i> , Tejo/Sado		D14 ou Alm. 50	10	1	5	50			
			Alm. 50	1	1					
			Alm. 51c	6	1					
			Alm. 51c ou Lus. 3	3	1					
			Lusitana 3	1	1					
			Ind.	1						
			Ind.	1						
	<i>Lusitania</i> , indeterminado	4c	D14 ou A50	1	1	1	10			
Total				29	10	10	100			

assim novamente um comércio anfórico exclusivamente piscícola, já que o indivíduo vínico de Lusitana 3 é residual.

Canalizações 1, 2, 3, 9, 11, 13, 18 e 19

A amortização de várias canalizações da *villa* sugere também uma cronologia em torno à segunda metade do século IV, embora a presença de 1 fundo de Hayes 67 (*terra sigillata* africana D1) com decoração estampada do estilo A(ii-iii), através de círculo denteado (punção 41b de Hayes 1972), possa fazer avançar a cronologia de abandono desta conduta para a charneira entre o século IV e o século V (n.º 34). A esta cerâmica vem apenso um conjunto típico recorrente nos outros ambientes da Casa da Medusa durante a segunda metade do século IV: Hayes 58B, 59B e 61A, na produção D, e Hayes 45B residual da produção C.

Do conjunto de lucernas, apenas as de origem hispânica são coevas da fase estratigráfica, mas no seio desta origem, os Grupos 1a e 9 serão igualmente residuais, já que em todos estes fabricos apenas encontramos lucernas de Disco. Na dúvida permanecem os Grupos

Tab. 13: Quantificação total das canalizações. Fase 350-400 d.C.

Classe	Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
Terra	Terra Sigillata		H45B	1	1	1	14,3		23
Sigillata	africana C		Ind.	3					
	Terra Sigillata		H58B	2	1	6	85,7		
	africana D1		H59	2	1				
			H59B	1	1				
			H61A	2	2				24, 33
			H67	1	1				Estilo Aii-iii 34
			Ind.	2					
Total				14	7	7	100		
Lucernas	Italia		Disco	1	1	1	5,3		
	Baetica		Ind.	2	1	1	5,3		
	Baetica, Guadalquivir		Ind.	1	1	1	5,3		
	Augusta Emerita		Disco	3	2	2	10,5		
			Ind.	1					
	Hispania	1a	Disco	1	1	1	5,3	73,60%	
		1d	D28	1	1	3	15,8		31
			D30	1	1				22
			Ind.	1	1				
		4 (Baetica, Guadalquivir?)	D30	1	1	1	5,3		
		5	D28	1	1	1	5,3		
			Ind.	1			5,3		
		8	Ind.	1	1	1	5,3		
		9	Disco	1	1	1	5,3		
		2a (Augusta Emerita ?)	Ind.	1	1	1	5,3		
		6 (Baetica?)	Der. D3 - lucerna mineira	1	1	5	26,3		
			Disco	4	3				
			D30	1	1				
			Ind.	4					
Total				28	19	19	100		
Ânforas	Lusitania, Tejo/Sado		D14 ou Alm. 50	3	1	7	100		
			Alm. 51c ou Lus. 3	1	1				
			Alm. 51c	7	4				25-28, 32, 35, 36
			Lusitana 3	1	1				29
Total				12	7	7	100		

8 e 2a (*Augusta Emerita?*), sem tipos definidos. Temos assim, contemporâneos, os Grupos 1d (Dressel 28 e 30) e 5 (Dressel 28). Se compararmos com o espólio coevo da *Baetica*, aparenta haver um equilíbrio entre a *Hispania* a esta província: o Grupo 6 (*Baetica?*) e o Grupo 4 (*Baetica, Guadalquivir?*) possuem a Dressel 30.

O pequeno conjunto anfórico é inteiramente proveniente do Tejo/Sado e é composto unicamente por preparados de peixe da Almagro 51c, já que a componente vinária (Lusitana 3) é residual. No conjunto de pivots da Almagro 51c encontramos morfologias clássicas (n.ºs 28 e 32) e tardias (n.ºs 27 e 36); nos bordos, a variedade é grande, mas sempre de abertura esvasada: o n.º 25 com bordo simples, suavemente espessado externamente; o n.º 26 com bordo triangular; o n.º 35 com bordo perolado.

Ambiente 56 (Poço)

A amortização do poço correspondente ao ambiente 56 possui muito pouca informação. Não contém lucernas e a *terra sigillata* é residual. Por outro lado, o conjunto de ânforas, apesar de curto, é bastante consentâneo com a cronologia estratigráfica. O litoral bético surge com preparados piscícolas numa Almagro 51c de bordo triangular, praticamente sem nenhum espessamento (n.º 37); enquanto o Tejo/Sado apresenta um pivot tardio de Almagro 51c (n.º 39) e um outro fundo de Almagro 51a-b (n.º 38).

Tab. 14. Quantificação total do poço. Fase 350-400 d.C.

Classe	Origem	Grupo Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
<i>Terra Sigillata</i>	<i>Terra Sigillata</i> Hispânica Intermédia - Douro	Forma indeterminada	1	1	1	100		40
Total			1	1	1	100		
Ânforas	<i>Baetica</i> , litoral	Alm. 51c	1	1	1	33,3		37
	<i>Lusitania</i> , Tejo/Sado	Alm. 51c	1	1	2	66,6		39
		Alm. 51a-b	1	1				38
Total			3	3	3	100		

3.2. A desactivação dos espaços em 375-400 d.C.

Ambiente 33 (Corredor externo)

Esta fase estratigráfica do ambiente 33 é bastante rica em material, mas estranhamente nula em ânforas, que estão também ausentes da fase estratigráfica seguinte, datada de finais do século v.

Voltamos a encontrar a *terra sigillata* africana C em posição residual, já que a Hayes 50B presente (n.º 7), embora esvasada e de bordo arredondado, não possui ainda a parede muito espessa, o que a aproxima novamente da Hayes 50A/B. Esta tipologia é partilhada pela produção D africana, com a Hayes 59 e 61A, e pelas hispânicas tardias das bacias do Douro e do Ebro (ambas com tipos indefinidos), embora o vale do Medjerda (D1) pareça ser a área produtora mais representada.

A cronologia desta fase no último quartel do século iv é indicada pela presença de 1 lucerna em *terra sigillata* D1 da *Zeugitania*, pertencente ao tipo *Atlante* VIII C (n.º 11), cujo início de orla não permite diagnosticar a variante exacta. Mas o espólio lucernário é bastante rico em origens geográficas. Se a *Baetica* pode ser hipoteticamente residual (sem tipo definido), já *Augusta Emerita* surge com pastas tardias em 3 indivíduos de Dressel 28 (n.ºs 1 e 12b).

Nas lucernas da *Hispania*, apenas o Grupo 2b (*Augusta Emerita*) não possui dados contemporâneos da fase estratigráfica. Se *Augusta Emerita* tem 9,9 % não residuais (Dressel 28), podemos ainda somar 15,6 % não residuais do Grupo 2a (Disco/Dressel 28, Dressel 28 e Dressel 30), o que perfaz 25,5 % possíveis para a capital lusitana.

Tab. 15. Quantificação total do ambiente 33. Fase 375-400 d.C. UEs 59, 64, 77-79

Classe	Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
<i>Terra sigillata</i>	<i>Terra sigillata</i> africana C		H45 ou H48	1	1	6	60		
			H50	4	3				
			H50B	2	2				7
			Ind.	20					
	<i>Terra sigillata</i> africana D1		H59	1	1	2	20		
			H61A	1	1				12
			Ind.	5					
		<i>Terra sigillata</i> hispânica - Douro		Ind.	5	1	1	10	
		<i>Terra sigillata</i> hispânica - Ebro		Ind.	1	1	1	10	
	Total				40	10	10	100	
Lucernas	<i>Africa, Zeugitania</i>		Atlante VIII C	1	1	1	3,1		11
		<i>Augusta Emerita</i>	Disco	5	3	6	18,8		
	D28		3	3				1, 12b	
	Ind.		3						
	<i>Baetica</i>		Ind.	1	1	1	3,1		
	<i>Hispania</i>	1b	Disco	1	1	2	6,3	75%	15
			Disco/D28	1	1				4
		1d	Disco	2	1	2	6,3		
			D28	1	1				
			Ind.	1					
		2c	D28	1	1	1	3,1		
			Ind.	1					3,1
		2f	Ind.	1	1	1	3,1		
		4 (<i>Baetica</i> , Guadalquivir?)	Ind.	2	1	1	3,1		
		5	Disco ou D28	1	1	1	3,1		
			Ind.	1					3,1
		2a (<i>Augusta Emerita</i> ?)	Disco	1	1	6	18,8		
			Disco/D28	1	1				14
			D28	2	2				8, 10
			D30	2	2				3
	Ind.		1					2 (marca)	
	2b (<i>Augusta Emerita</i> ?)	Disco	1	1	1	3,1			
		Ind.	2						
	2d (<i>Baetica</i> ?)	Der. D3 - lucerna mineira	1	1	5	15,6			
		Disco	3	2				5	
		D28	1	1					
		D28/D30	1	1				9	
Ind.		2							
	3 (<i>Baetica</i> ?)	D28	2	2	2	6,3			
Ind.		1							
6 (<i>Baetica</i> ?)	Disco/D28	1	1	2	6,3		6		
	D28	1	1						
	Ind.	2							
Total				51	32	32	100		

Por outro lado, a *Baetica* poderá ter 18,8 % não residuais através dos Grupos hispânicos 2d, 3 e 6 (Disco/Dressel 28, Dressel 28 e Dressel 28/30), o que a tornaria a segunda origem definida mais representada, embora sem a presença de Dressel 30 nas suas exportações; os Grupos hispânicos 1b, 1d, 2c e 5 perfazem 12,5 %, com os tipos não-residuais Disco/Dressel 28 e Dressel 28.

É interessante registar a presença de vários exemplares de lucernas de transição entre os tipos de Disco e a Dressel 28, tanto em vários Grupos hispânicos indefinidos, como nos Grupos associáveis a *Augusta Emerita* e à *Baetica*, num total de 4 indivíduos, enquanto a Dressel 28 domina com 8 indivíduos, mas a Dressel 28/30 possui apenas 1 caso e a Dressel 30 conta com 2 indivíduos. A qualidade de conservação de vários dos exemplares de lucernas desta fase estratigráfica do ambiente 33 advoga para uma tendencial não residualidade (n.ºs 1-14), embora a marca CEJS do n.º 2, do Grupo 2a emeritense, do oleiro GES, seja muito provavelmente residual (embora sem tipo definido, neste caso). É interessante também ver conjugados nesta fase punções variados: mais antigos como os punções 1 e 2; mais recentes como os punções 4, 6, 7, 12b e 13; ou típicos desta fase, como o punção A (n.º 13), folha de espiga ou de palma, que relembremos, possui 6 exemplares com este punção na Casa da Medusa (todos os sectores), em que 1 exemplar está situado na fase 350-400 d.C. (lucerna de Disco do Grupo 6) e 3 exemplares estão situados na fase de 375-400 d.C. (lucerna de Disco do Grupo 6, indeterminável do Grupo 5 e Dressel 28/30 do Grupo 2d).

3.3. A reocupação (?) dos espaços nos finais do século v

Ambiente 33 (Corredor externo)

Relacionada com as acções de *squatting* da Casa da Medusa, a UE 60 do ambiente 33 proporciona um conjunto de 14 indivíduos cerâmicos finos, estando novamente o comércio alimentar ausente, como na fase anterior do ambiente. É na *terra sigillata* africana —a única produção tardia presente em face da ausência da hispânica tardia— que encontramos a datação para a UE. O bolo residual de *terra sigillata* africana C e D1 está agora acompanhado por um fundo de produção D2, relacionável com um prato, possivelmente dos tipos 103 ou 104 que iniciam a sua vida em finais do século v, ou talvez do tipo Hayes 87, que recua o seu início a meados do século v (Hayes, 1972). O n.º 20, classificado com Hayes 58B, mas com uma morfologia assaz problemática, como vimos *supra* no capítulo 2.1, poderá relacionar-se com o tipo Fulford 57, que surge por volta de 500 d.C., em Cartago, com um bordo igual, mas um corpo em taça alta e não em prato (Fulford e Peacock, 1984: 71). Voltamos a encontrar nesta fase uma boa conservação das cerâmicas, mas tal acontece também com a Hayes 45A (n.º 19), sem sombra de dúvidas residual, o que impossibilita o uso deste argumento em favor de uma contemporaneidade do n.º 20. É sem dúvida uma questão que fica em aberto, até novos dados, e a sua relação com o tipo Hayes 58 (por inação) é problemática, já que esta é uma forma que não ultrapassa as primeiras décadas

Tab. 16. Quantificação total do ambiente 33. Fase 490+ d.C. UE 68.

Classe	Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.	
<i>Terra sigillata</i>	<i>Terra sigillata</i> africana C		H45A	1	1	4	66,7		19	
			H50	1	1					
			H50B	1	1					
			H53	1	1					
			Ind.		5					
	<i>Terra sigillata</i> africana D1		H58B	1	1	1	16,7		20	
	<i>Terra sigillata</i> africana D2		H103 ou 104	1	1	1	16,7		21	
Total				11	6	6	100			
Lucernas	<i>Africa, Zeugitania</i>		Atlante VIII C	1	1	1	12,5	Marca	18	
			Disco	1	1	1	12,5			
	<i>Augusta Emerita</i>		Ind.		1					
	<i>Hispania</i>	1d		D27	1	1	1	12,5	75%	17b
				Den.7	1	1	1	12,5		16
				D30	1	1	1	12,5		
				Ind.		1				
			2a (<i>Augusta Emerita</i> ?)	Disco	1	1	1	12,5		
	2d (<i>Baetica</i> ?)	D30	2	2	2	25		17		
		Ind.		3						
Total				13	8	8	100			

do século v, quando vários contextos ainda a possuem em quantidades visíveis (ver discussão em Quaresma, 2012: 196).

O espólio de lucernas levanta questões interessantes, com a *Zeugitania* a representar 12,5 %, com mais 1 indivíduo de *Atlante VIII C*, e marca inédita do oleiro DO (n.º 18); enquanto *Augusta Emerita* é residual, tal como o Grupo 2a, possivelmente emeritense, e o Grupo 2c. A origem mais representada é a *Baetica*, através do Grupo 2d, com 2 indivíduos de Dressel 30, mas em equilíbrio com os Grupos indefinidos hispânicos 1d e 2f, que perfazem também 25 %, mas englobando a Dressel 30 e a Dressel 27 (n.º 17b).

O século v avançado (finais ou segunda metade?) possui assim um aparente domínio da *terra sigillata* africana, em que, para além da D1, surge em provável domínio a produção D2 (um outro fundo de prato surge no ambiente 53: n.º 41), enquanto o Douro e o Ebro parecem já não alcançar o mercado abelteriense. Às cerâmicas de mesa zeugitanas (agora território vândalo) soma-se um comércio de lucernas paleocristãs, com *Augusta Emerita* ausente, mas com a *Baetica* ainda activa nos circuitos de fornecimento, para além de centros hispânicos indefinidos.

4. Conclusões

Os dados da Casa da Medusa de Alter do Chão permitem constatar a existência de uma provável *villa* alto-imperial, que poderá mesmo recuar à fase final da etapa republicana,

com uma reconversão tardia que terá produzido um palimpsesto sobre a realidade pré-existente. Esta reconversão tardo-antiga terá ocorrido num século III avançado, tendo em conta o papel estatístico da *terra sigillata* africana C, ou mais provavelmente no século IV (inícios?), tendo em conta a datação dos mosaicos integrados neste novo plano arquitectónico (António, 2015b). A escassez de *terra sigillata* africana A é em nosso entender um argumento estatístico para uma reconversão já em ambiente tetrárquico, quando a *terra sigillata* africana C alcança os seus grandes índices estatísticos em estratigrafias da Catalunha e de Beirute (veja-se a discussão em Quaresma, 2012: cap. IV).

Esta fase de uso da Casa da Medusa não está porém representada estratigraficamente: todo o mobiliário dos níveis de circulação foi embalado nos níveis de amortização dos espaços da segunda metade e do último quartel do século IV e nas UEs relacionadas com acções de *squattering* da segunda metade ou finais do século V.

Ao nível estatístico geral, a *terra sigillata* africana D1 domina o mercado, com uma clara vantagem sobre a hispânica tardia, onde o Douro se sobrepõe ao Ebro. Ao nível estratigráfico, apenas o ambiente 19 contradiz esta ideia, já que na fase de 350-400 d.C., apesar do vale do Medjerda ser a principal região abastecedora, os vales do Douro e do Ebro dominam conjugados.

As lucernas apresentam pastas tardias emeritenses, comprovando a produção da capital provincial na Antiguidade Tardia, uma situação que deverá ser reforçada pelos Grupos 2a e 2b da Hispania, mas a contagem geral indica um quadro em que as percentagens béticas (incluindo os Grupos 2d, 3 e 6), emeritenses (incluindo os Grupos 2a e 2b) e hispânicas (apenas os Grupos de origem indeterminada) surgem em posições equilibradas.

Na fase de 375-400 d.C. do ambiente 33, a *terra sigillata* africana D1 e a hispânica tardia equivalem-se: falamos de uma alteração do primado no abastecimento desta cerâmica fina, tendo, no terceiro quartel do século IV, um primado africano, e, no último quartel, um equilíbrio? Este quadro hipotético seria mesmo assim insuficiente para explicar um domínio estatístico geral da *Zeugitania*, pelo que a fase de 350-400 d.C. do ambiente 30 e das canalizações, onde só existe a *terra sigillata* africana D1, explicará um papel provavelmente estável e dominante de *Africa*, pelo menos até às últimas décadas da centúria, quando chegam a *Abeltherium* lucerna(s) paleocristã(s) zeugitana(s), embora em quantidade escassa.

A última fase estratigráfica da Casa da Medusa não permite conclusões seguras: aparentemente continua a existir um comércio esporádico de lucernas paleocristãs zeugitanas, acompanhadas por um comércio também fraco de *terra sigillata* africana, mas agora do vale do Miliane (D2), para além de lucernas Dressel 30 béticas e Dressel 27 e 30 da *Hispania* (Grupos 1d e 2f). Neste aspecto, a ausência de Dressel 28 é meramente casuística? Podemos falar de continuidade de produção de Dressel 27, e sobretudo Dressel 28 e 30 até um século V pleno?

Na cidade romana mais próxima, a *Ammaia* (Quaresma, no prelo), encontramos um quadro comercial com várias semelhanças. O consumo de lucernas faz-se apenas através de produções da *Hispania* (Grupo 2). A *terra sigillata* africana C e sobretudo D1 dominam o mercado, mas também aqui, a partir de meados do século IV, a *terra sigillata* hispânica

tardia especialmente do vale do Douro, chega regularmente à cidade. Na *Ammaia*, esta produção quase alcança as percentagens de *terra sigillata* africana D1.

Ao nível estratigráfico da *Ammaia*, as camadas 1, 2 e 3 do sector Porta Sul-torre pequena (segunda metade do século IV) mostram uma predominância da *terra sigillata* africana C, com 15,6 %, mas com tipos tendencialmente residuais como acontece na Casa da Medusa (Hayes 50A, 50B de perfil próximo da A/B), embora inclua a Hayes 53; a *terra sigillata* africana D1 tem apenas 6,2 % (estilo Ai-ii); a *terra sigillata* hispânica tardia do Douro possui a mesma percentagem da Bizacena (15,6 %), com a Drag 37t e a Ritt. 8a. De um modo geral é possível que, tal como em *Abelterium*, exista um comércio competitivo entre *Africa* e *Hispania*, embora a maior interioridade de *Ammaia* possa explicar o equilíbrio entre as duas regiões, inexistente em *Abelterium*, onde a *terra sigillata* africana D1 domina, embora longe de ser hegemónica.

O possível avanço comercial das produções hispânicas de mesa, que podemos entrever, sem segurança, na fase 375-400 d.C. da Casa da Medusa, pode ter um complemento na *villa* da Quinta das Longas, na região de Elvas, onde uma lixeira tardia da área termal possui sobretudo *terra sigillata* hispânica tardia (Drag 37t e estilo 2), mas incluindo uma minoria de *terra sigillata* africana D, com o tipo Hayes 91B (Almeida e Carvalho, 2005: 316), que data esta amortização de 400-420+ d.C. (Bonifay, 2004: 177).

A Ritt. 8 está ausente da região de Fronteira (Carneiro e Sepúlveda, 2004), tal como está mal representada na Casa da Medusa, mas bem representada na *Ammaia* e certamente crucial nos abastecimentos de *terra sigillata* hispânica no século III (Jarrega, 2013: 67). Neste sentido, a capital provincial, *Augusta Emerita*, bem como a região imediata, possuem boas quantidades deste tipo (Jerez Linde, 2006). É possível que no século III, a *terra sigillata* hispânica chegue às principais cidades, mas ainda pouco às regiões mais rurais ou às urbes de pequena dimensão, sendo que a consolidação deste comércio se faria então ao longo da segunda metade do século IV (dados de *Ammaia* e *Abelterium*), alcançando um floruit nos inícios do século V (dados de Quinta das Longas).

O fim do século IV e o início do século V é um período de floruit do consumo de *terra sigillata* na *Ammaia* e *Augusta Emerita*, época em que seguramente já ocorreu a desfuncionalização da *villa* da Casa da Medusa. É por isso crucial obter no futuro dados cronológico-estratigráficos relativos ao consumo em *Augusta Emerita* (Vasquez La Cueva, 1987; Jerez Linde, 2006; Osland, 2011).

Ao nível das rotas de acesso comercial a *Abelterium*, o espólio anfórico pode contribuir com outros indicadores sobre a estruturação dos fornecimentos alimentares; aparentemente encontramos aqui tendências coerentes com as cerâmicas finas. É verdade que o Tejo/Sado domina, sobretudo com preparados de peixe (Almagro 51c, mas também Almagro 50 e 51a-b), sendo raro o vinho da Lusitana 9. O comércio vínico desta região terá sido importante até ao século III, quando uma quantidade mais expressiva de Lusitana 3 alcançou *Abelterium*. Esta última ânfora está muito bem representada nos níveis severos de *Hispalis* e nas cidades de *Italica* e *Munigua*, demonstrando um direcionamento extra-provincial que poderia ser feito por via marítima para as cidades béticas, como carga parcial de retorno

do comércio anonário oleário para a *Britannia* (García Vargas, 2016: 285-295), mas uma rota interior não é desprovida de sentido, explicando mais coerentemente os dados da Casa da Medusa.

O Algarve é uma origem escassa e talvez só presente a partir de meados do século IV, com a Almagro 51a-b. Temos assim uma primeira rota via Tejo e/ou Sado até ao interior centro lusitano. Mas a presença secundária de Almagro 50, Keay 16 e Almagro 51c do litoral bético indicam uma possível rota que alcance a *Lusitania* interior a partir do Guadalquivir e de *Hispalis*, tendo provavelmente *Augusta Emerita* como centro redistribuidor na *Lusitania*.

A escassa presença de Dressel 23 oleária na Casa da Medusa, na *villa* de Quinta das Longas (Almeida e Carvalho, 1998) e na *Ammaia* (Venditti, 2014) é condizente com *Augusta Emerita*, onde este tipo é igualmente escasso. Contudo, tal como na Casa da Medusa, também na capital provincial encontramos um bom comércio piscícola do litoral bético (Almeida e Sánchez Hidalgo, 2013: fig. 3), com cerca de 1/5 do total tardio, coerente com o valor de *Abelterium* que estará algo abaixo de 1/10 do total anfórico.

As bacias do Tejo e do Sado, tal como do Guadalquivir, os portos de *Olisipo* e *Caetobriga*, tal como de *Hispalis*, podem ter desempenhado papéis complementares, embora os preparados de peixe (e o vinho em menor escala) do litoral oeste lusitano representem o grande bolo comercial alimentar. O papel bético costeiro no abastecimento de preparados de peixe pode porém indicar-nos a principal via de acesso a *Abelterium* das lucernas béticas tardo-antigas.

O caso de estudo de *Abelterium* é deste modo um excelente exemplo das dinâmicas comerciais interiores da *Lusitania* na Antiguidade Tardia e demonstrador de vectores comerciais complexos e variados, que conjugam abastecimentos anfóricos intra e extra-provinciais, que podem hipoteticamente estender-se ao período suevo-visigótico inicial (final do século V?). Esta região surge igualmente como uma área complexa nos fornecimentos de lucernas, uma categoria cerâmica que pode, no futuro, vir a constituir-se num instrumento crono-tipológico e crono-estratigráfico relevante para a Arqueologia da Antiguidade Tardia.

Várias grandes questões saltam de imediato à evidência: a necessidade de estudos stratigráficos estatísticos em cidades como *Augusta Emerita* ou *Ammaia* e em todo o eixo viário da Via da Prata e laterais (como a Beira Interior); o papel crucial da região interior lusitana a Sul do Tejo para o desenvolvimento das cronologias tipológicas da *terra sigillata* hispânica tardia, que encontra aqui mercados de consumo massivo das produções hispânicas e africanas, pelo que se torna uma região potencialmente rica em estratigrafias tardias bem datáveis, fenómeno raro no interior peninsular, grande área de difusão da *terra sigillata* hispânica tardia.

Anexo 1 (Catálogo e estampas, figs. 5 - 23)

1. Lucerna - *Augusta Emerita* - Pasta tardia - Dressel 28 - Punção 1 - UE 77 - Inv. 1128
2. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Augusta Emerita*?) - Punção A. Marca de oleiro [GE]S. Oleiro GES? Ind. - UE 77 - Inv. 1106
3. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Augusta Emerita*?) - Dressel 30 - UE 77 - Inv. 112
4. Lucerna - *Hispania* - Grupo 1b - Disco/Dressel 28 - Punção 13 - UE 77 - Inv. 1093
5. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2d (*Baetica*?) - Disco - Punção 2 - UE 77 - Inv. 1094
6. Lucerna - *Hispania* - Grupo 6 (*Baetica*?) - Disco/Dressel 28 - Punção 4 e 7 - UE 77 - Inv. 1067
7. *Terra sigillata* africana C - H50B - UEs 77+79 - Inv. 15+19+93+113
8. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Baetica*?) - Dressel 28 - Punção 3 - Disco com busto de Marte (Rodríguez Martín 2002: fig. III, n.º 34) - Motivo denteado sobre o disco - UE 78 - Inv. 61

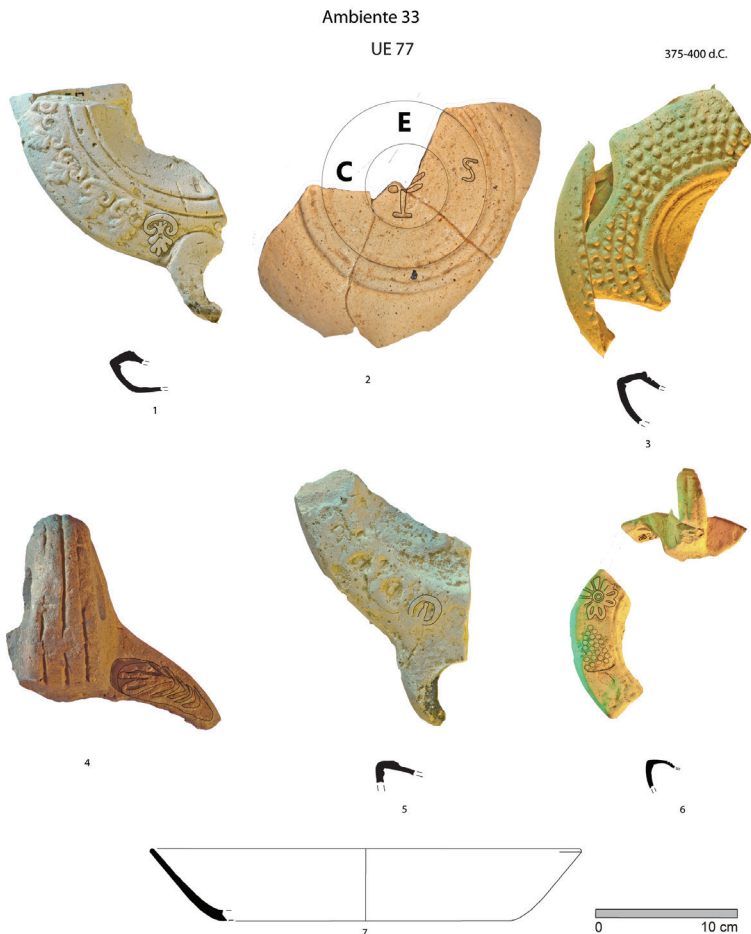


Fig. 5. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*).



Fig. 6. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*).

9. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2d (*Baetica?*) - Dressel 28/30 - Punção 5 e A - UE 78 - Inv. 27
10. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Baetica?*) - Dressel 28 - Punção 11 e 12 - UE 78 - Inv. 60
11. Lucerna - *Africa*, *Zeugitania* - *Atlante* VIII C - UE 78 - Inv. 3889
12. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 61A - UE 78 - Inv. 77
- 12b. Lucerna - *Hispania* - *Augusta Emerita* - pasta tardia - Dressel 28 - punção 12b - Motivo denteado sobre o disco - UE 64 - Inv. 1074
13. Lucerna - *Hispania* - Grupo 5 - Ind. - Punção A sob o bico - UE 59 - Inv. 3837
14. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Augusta Emerita?*) - Disco/Dressel 28 - Punção 4 e 6 - UE 79 - Inv. 1126
15. Lucerna - *Hispania* - Grupo 1b - Disco - Orla com óvulos e disco com figura humana, virada para sua direita, com criança - UE 79 - Inv. 62
16. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2c - Deneauve 7 - UE 68 - Inv. 1097
17. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2d (*Baetica?*) - Dressel 30 - UE 68 - Inv. 1125
- 17b. Lucerna - *Hispania* - *Hispania* - Grupo 1d - Dressel 27 - punção 16 - UE 68 - Inv. 1078
18. Lucerna - *Africa*, *Zeugitania* - *Atlante* VIII C - Marca DO - UE 68 - Inv. 2695
19. *Terra sigillata* africana C - Hayes 45A - UE 68 - Inv. 72+73+75+76

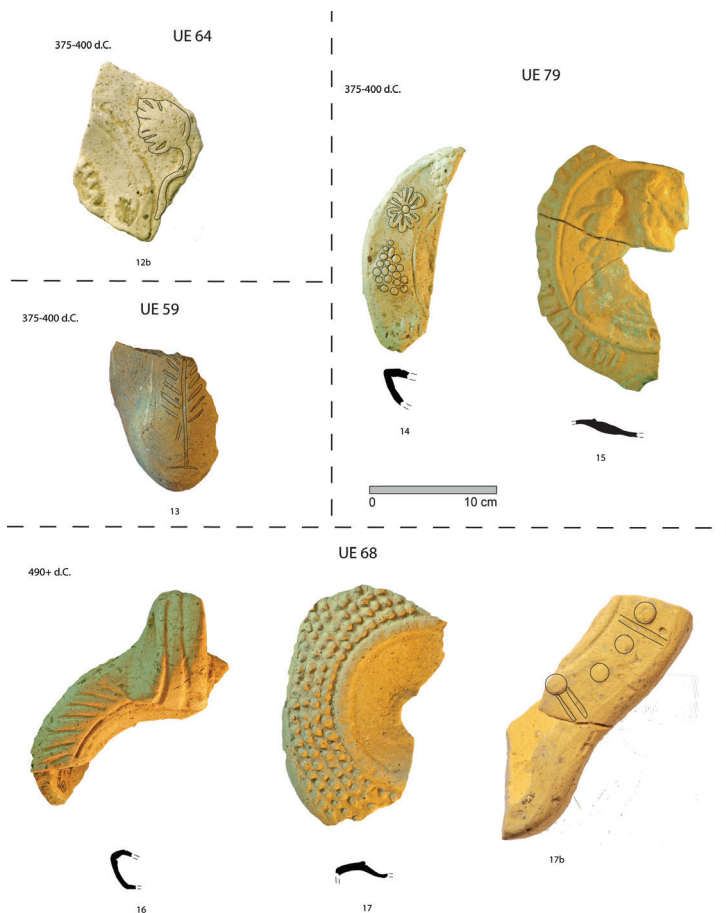


Fig. 7. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*).

20. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 58B - UE 68 - Inv. 109
21. *Terra sigillata* africana D2 - Hayes 103 ou 104 - UE 68 - Inv. 100
22. Lucerna - *Hispania* - Grupo Id - Dressel 30 - UE 47 - Inv. 3965
23. *Terra sigillata* africana C - Hayes 45B - UE 5 - Inv. 131
24. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 61A - UE 5 - Inv. 138
25. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 5 - Inv. s/n
26. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 5 - Inv. s/n
27. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 5 - Inv. 2370
28. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 5 - Inv. 2348
29. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Lusitana 3 - UE 5 - Inv. 880
30. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Augusta Emerita*?) - Disco/Dressel 28 - Punção 8 - UE 89 - Inv. 18a
31. Lucerna - *Hispania* - Grupo 1d - Dressel 28 - Punção 6 e 8 - UE 115 - Inv. 14

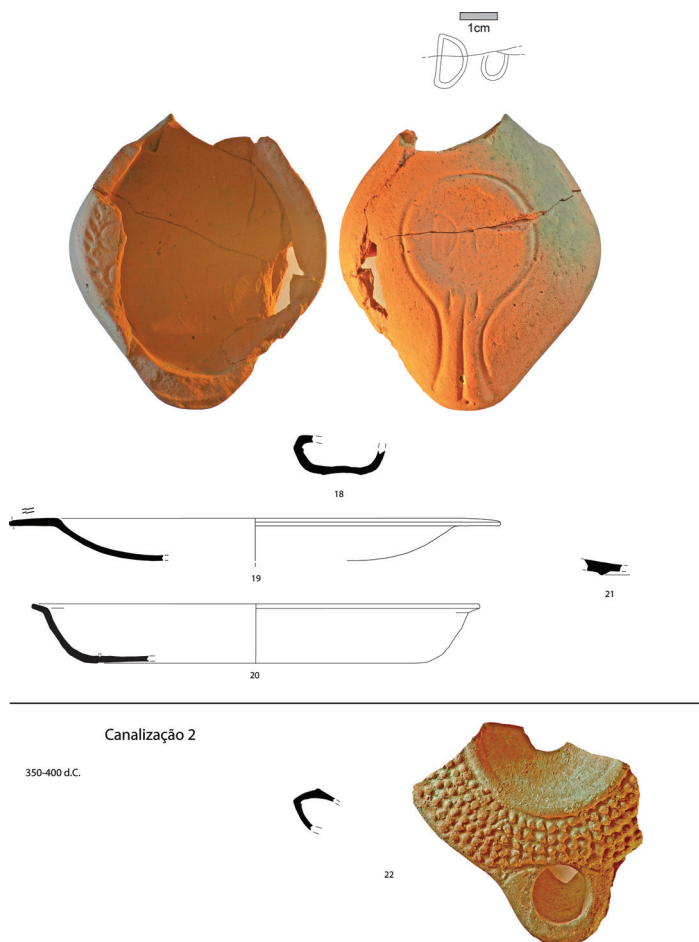


Fig. 8. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*).

32. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 171 - Inv. 589
33. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 61A - UE 96 - Inv. 2081
34. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 67 - Estilo Aii-iii (círculo denteado 41b: Hayes, 1972) - UE 96 - Inv. 1838
35. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 96 - Inv. 2041
36. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 96 - Inv. 2035
37. Ânfora - *Baetica*, litoral - Almagro 51c - UE 27 - Inv. 2381
38. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51a-b - UE 27 - Inv. 2345
39. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 27 - Inv. 2394
40. *Terra sigillata* Hispânica Intermédia - Douro - Forma indeterminada - UE 27+41 - Inv. 60
41. *Terra sigillata* africana D2 - Hayes 103 ou 104 - UE 159 - Inv. s/n
42. *Terra sigillata* hispânica tardia - Douro - D36 - UE 21 - Inv. 3761

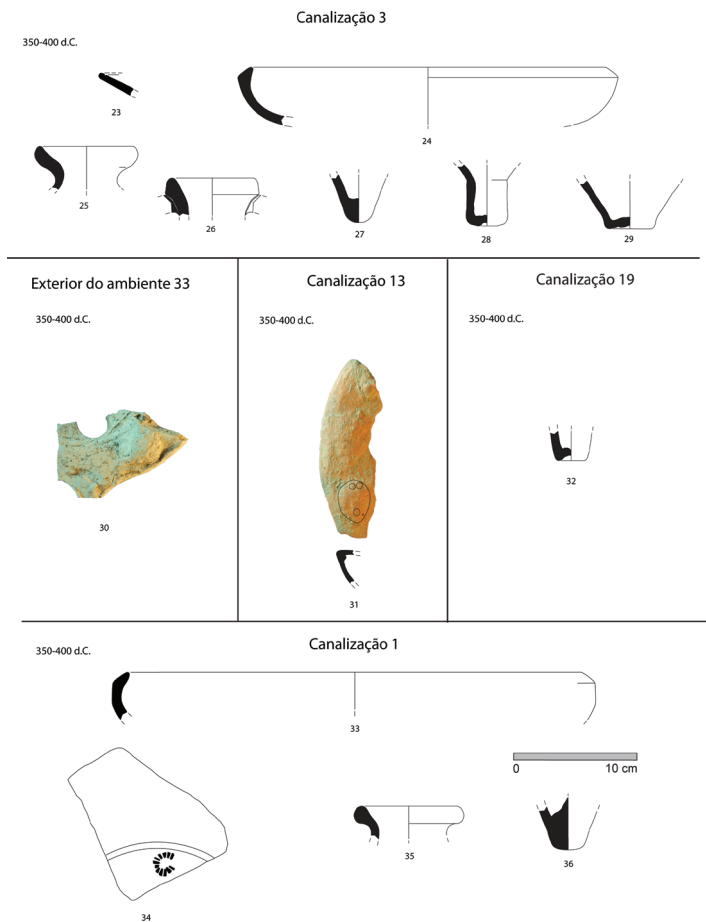


Fig. 9. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*).

43. *Terra sigillata* hispânica tardia - Ebro - Ritterling 8a - UE 21 - Inv. CTV 2
44. *Terra sigillata* africana A - Hayes 6A- UE 21 - Inv. s/n
45. *Terra sigillata* africana D1 - Estilo Ai-ii (círculo denteado 44b e palmas 1a: Hayes 1972) - UE 21 - Inv. 61
46. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2b (*Augusta Emerita*?) - Den. 7 - UE 21 - Inv. 3905
47. Cerâmica comum - *Africa, Zeugitania*? - Alguidar indeterminado - UE 21 - Inv. 2550
48. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 21 - Inv. 3411
49. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 21 - Inv. 2378
50. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - Engobe cinzento - UE 21 - Inv. 2387
51. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 21 - Inv. 2342
52. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 21 - Inv. 3721
53. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 4c - Almagro 51c - UE 21 - Inv. 3754

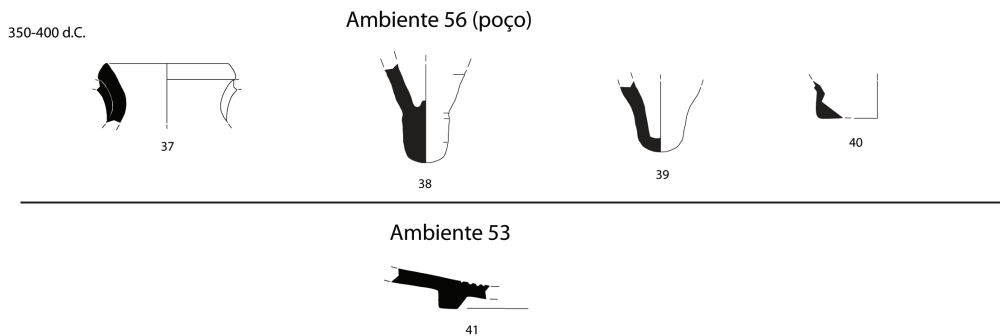


Fig. 10. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*).

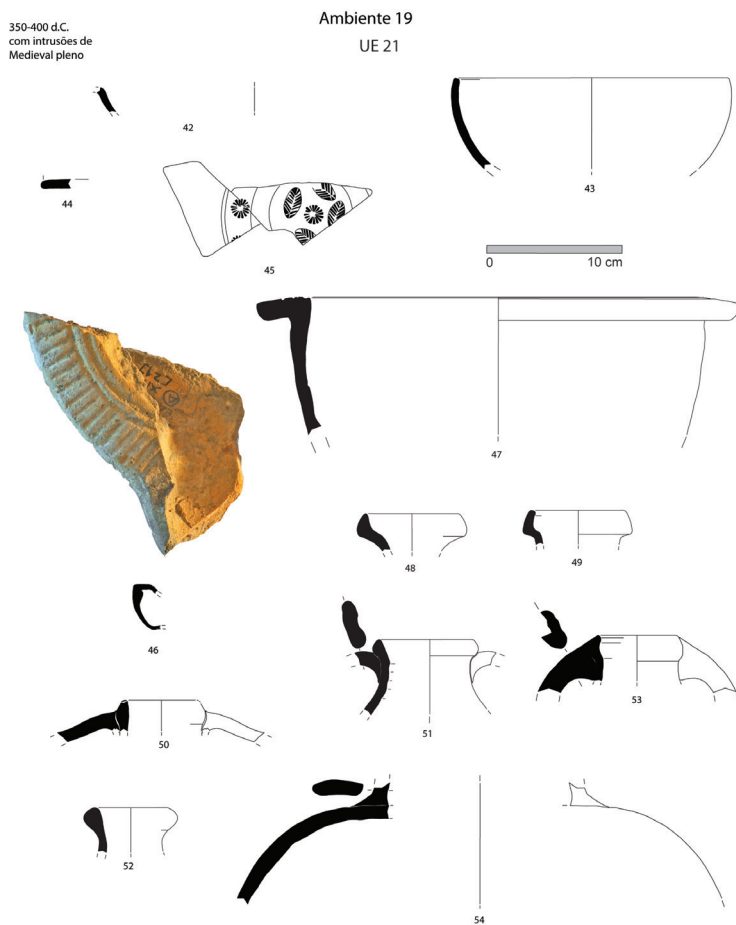


Fig. 11. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*).



Fig. 12. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*).

54. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 21 - Inv. 3761
- 54b. Lucerna - *Hispania* - Grupo 1d - Ind. - Marca de oleiro (glóbulo) - UE 21 - Inv. 3906
55. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2c - Dressel 30 - UE 16 - Inv. 3900
- 55b. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2c - Marca de oleiro (Espiga ou filha de palma) - Ind. - UE 16 - Inv. 3899
56. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 4c - Almagro 51c - UE 16 - Inv. 2256
57. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 16 - Inv. 3738
58. *Terra sigillata* africana A - Hayes 14A - UE 16 - Inv. s/n
59. *Terra sigillata* africana C - Hayes 50B - UE 16 - Inv. 143
60. *Terra sigillata* africana C - Hayes 50A - UE 15 - Inv. 215
61. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 58B - UEs 1+15 - Inv. 35
62. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 58B - UE 15 - Inv. 137+164
63. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 59B - UEs 5+16 - Inv. 27
64. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 59B - UE 1+15 - Inv. 214+123
65. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 59A - UE 15 - Inv. 110
66. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Ebro - Drag. 37t - UE 15 - Inv. 132

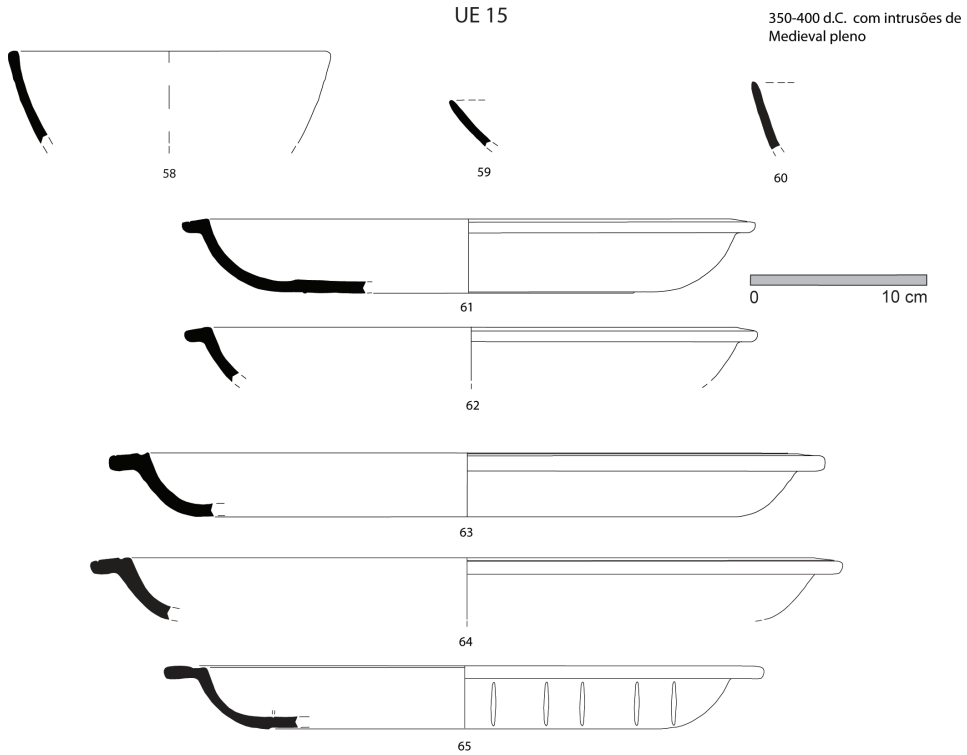


Fig. 13. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*).

67. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Douro - Drag. 37t=Paz 4.18-19 - UE 15 - Inv. 263
 68. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Douro - Drag. 37t - Estilo 1 - UE 1+15 - Inv. 32
 69. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Douro - Drag. 37t =Paz 4.20-22 - UE 15 - Inv. 84
 70. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2b (*Augusta Emerita?*) - Dressel 30 - UE 15 - Inv. 2112
 71. Lucerna - *Hispania* - Grupo 5 - Disco - Busto de *Helios* sobre o disco - UE 16 - Inv. 63
 72. Ânfora - *Baetica*, litoral - Beltrán 72 ou Beltrán IIB - UE 15 - Inv. 1
 73. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 2 - Ovóide Lusitana - UE 15 - Inv. 3729
 74. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 4b - Almagro 51c - UE 15 - Inv. 2397
 75. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 50 - UE 15 - Inv. 2395
 76. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 15 - Inv. 3722
 77. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 15 - Inv. 3743
 78. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 15 - Inv. 2375
 79. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 15 - Inv. 3748
 80. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 15 - Inv. 3727
 81. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 15 - Inv. 3735
 82. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 15 - Inv. 2343
 83. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 2 - Almagro 50 - UE 3 - Inv. 2402
 84. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Douro - Drag. 83b=Paz 8.9 - UE 6 - Inv. 232

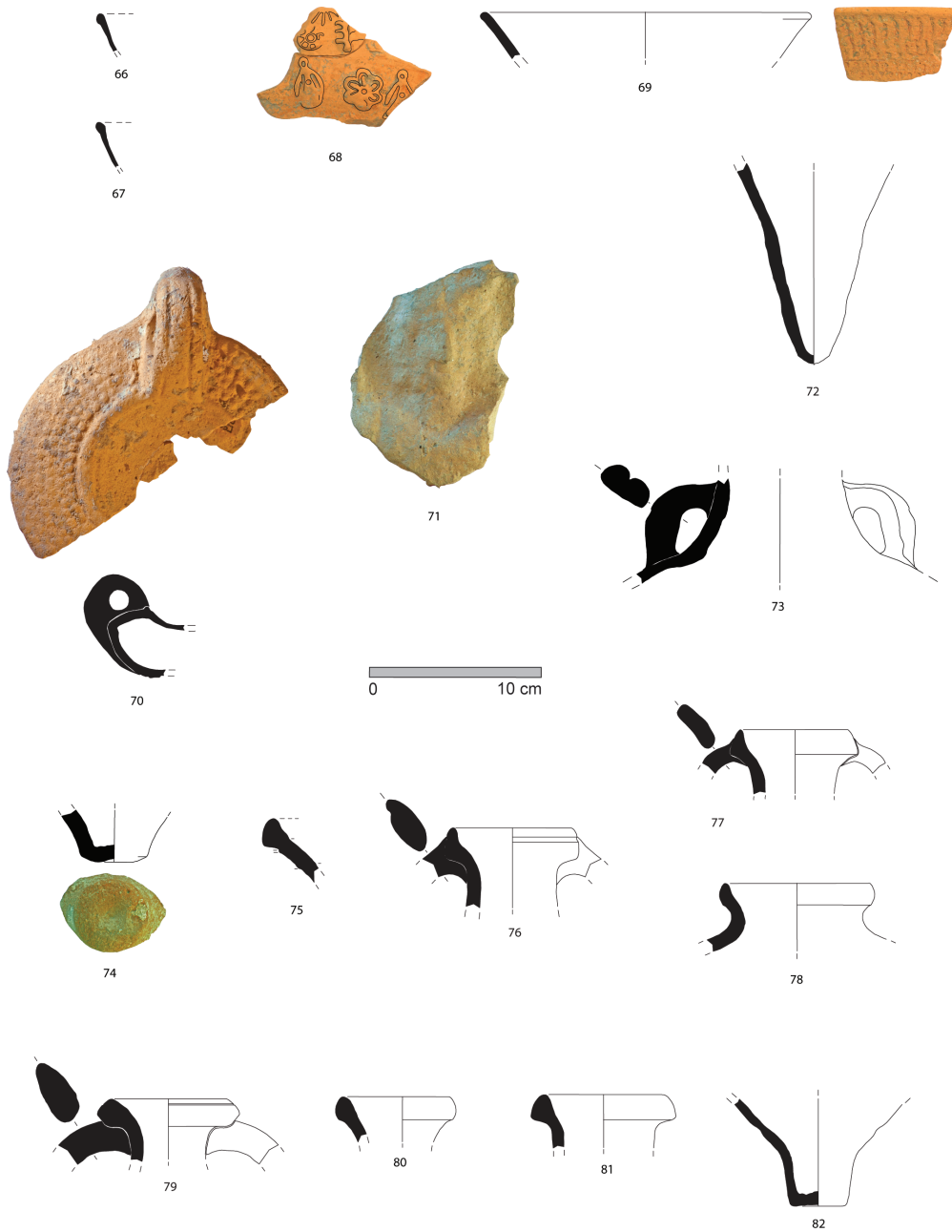


Fig. 14. Terra sigillata, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, Abelterium).

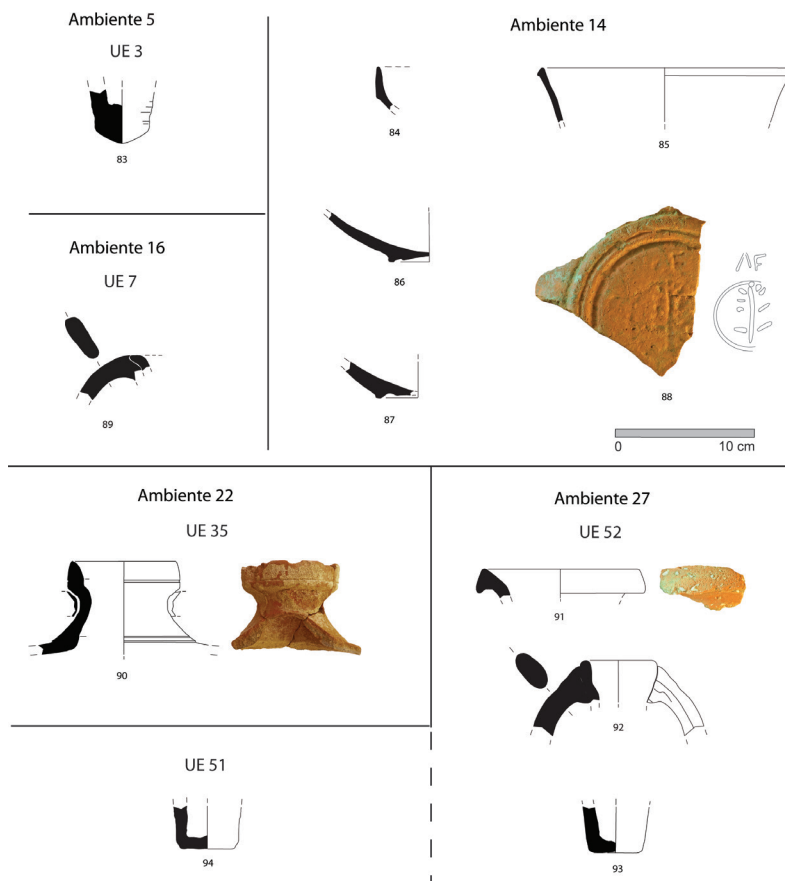


Fig. 15. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*)

85. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Douro - Drag. 37t - UE 6 - Inv. 197
 86. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Douro - Drag. 37t =Paz 4.18-19 - UE 6 - Inv. 184
 87. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Douro - Drag. 37t =Paz 4.18-19 - UE 6 - Inv. 184
 88. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2b (*Augusta Emerita*?) - Ind. - Marca AF com espiga ou folha de palma - UE 6 - Inv. 2108
 89. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Lusitana 9 - UE 7 - Inv. 16
 90. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 2 - Lusitana 3 - UE 35 - Inv. 3747
 91. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 1 - Almagro 50 - UE 52 - Inv. 392
 92. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 52 - Inv. 3724
 93. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 52 - Inv. 3750
 94. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 51 - Inv. 2047
 95. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 2 - Lusitana 3 - UE 51+26 - Inv. s/n
 96. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Ebro - Drag. 37t =Paz 4.18-19 - UE 58 - Inv. 162
 97. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2f - Dressel 30 - UE 55 - Inv. 3901

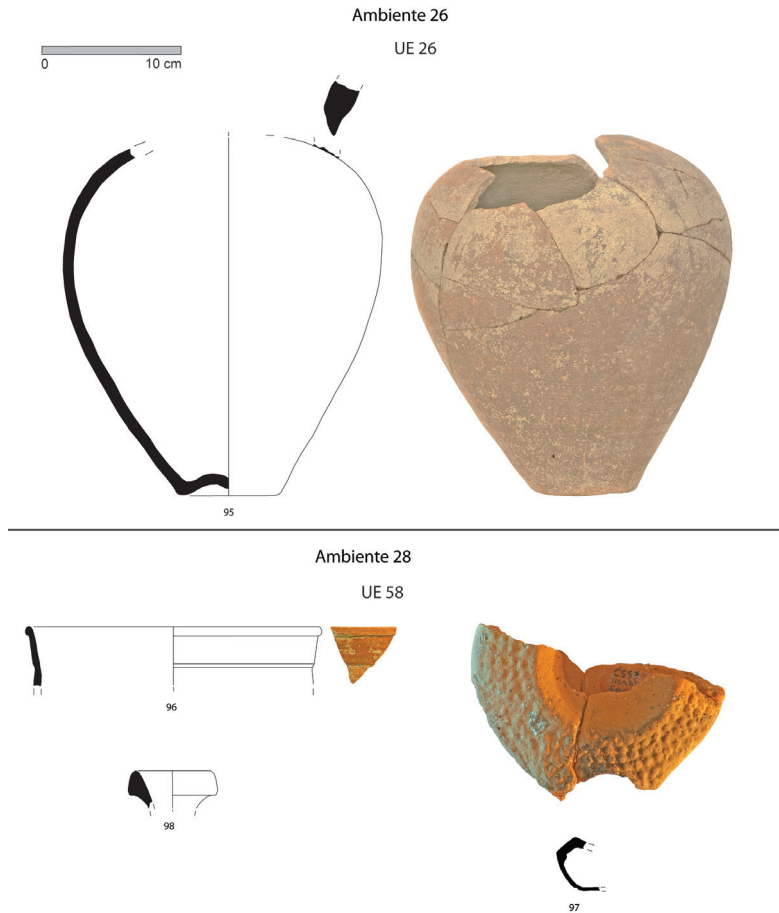


Fig. 16. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*)

- 98. Ânfora - Lusitania, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 58 - Inv. 3736
- 99. Ânfora - Lusitania, Algarve - Almagro 51c - UE 2 - Inv. 2357
- 100. Lucerna - Hispania - Grupo 2a (*Augusta Emerita*?) - Disco/Dressel 28 - Punção 6 e 8- UE 72 - Inv. 4
- 101. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 61A - UE 69 - Inv. 90
- 102. Ânfora - Lusitania, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 11 - Inv. 2393
- 103. Ânfora - Lusitania, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 97 - Inv. 2045
- 104. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 58B - UE 73 - Inv. 70
- 105. *Terra sigillata* africana C - Hayes 50A - UE 141 - Inv. s/n
- 106. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 58B - UE 24 - Inv. 160
- 107. Ânfora - Lusitania, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 91 - Inv. 2046
- 108. *Terra sigillata* africana C - Hayes 50A/B - UE 1 - Inv. 231
- 109. *Terra sigillata* africana C3 rel. apl. - Hayes 52B - UE 1 - Inv. 269

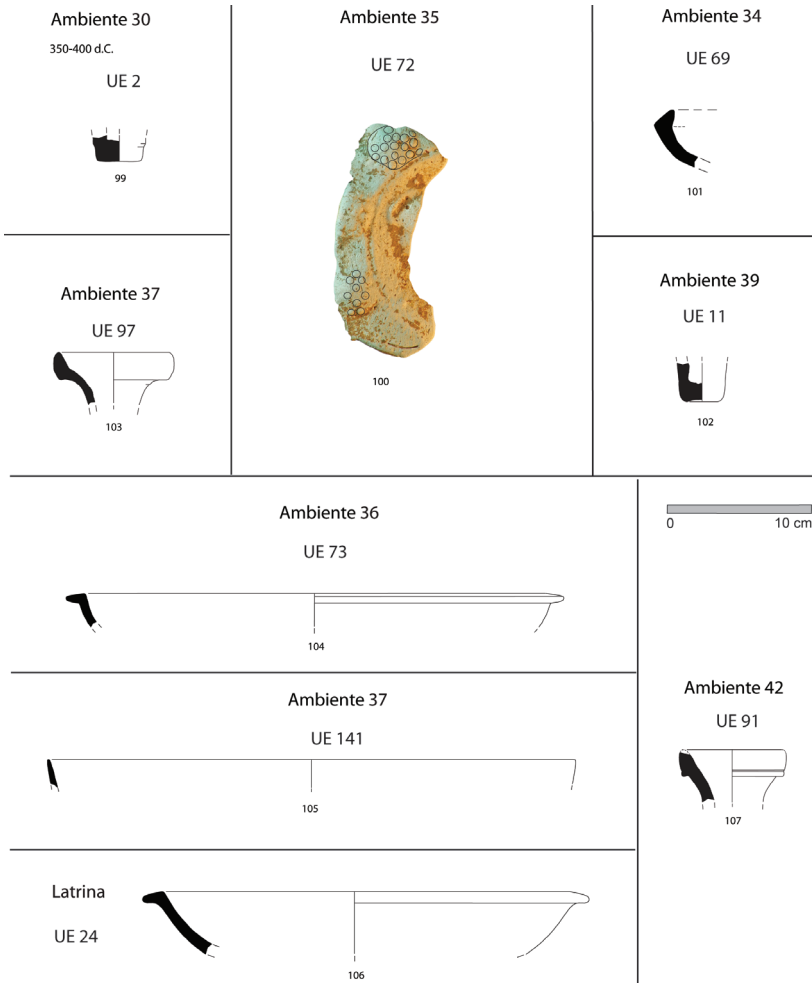


Fig. 17. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*)

- 110. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 70 var. - Roleta em espinha sobre a aba - UE 1 - Inv. 44
- 111. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 70/71 - UE 1 - Inv. 238
- 112. *Terra sigillata* africana D1 - Delgado, 1968, tav. III, 1 = El-Mahrine 14 - UE 1 - Inv. 250
- 113. *Terra sigillata* africana A - Hayes 16 - UE 1 - Inv. 221
- 114. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 58B - UE 1 - Inv. 169
- 115. *Terra sigillata* africana D1 - Hayes 59 - UE 1 - Inv. 196
- 116. *Terra sigillata* Hispânica Intermédia - Douro - Drag. 18/31 - UE 1 - Inv. 1014
- 117. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Douro - Hisp. 5= P8 - UE 1 - Inv. 159
- 118. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Douro - Palol 2 - UE 1 - Inv. 191
- 119. *Terra sigillata* hispânica tardia-Douro - Palol 2 - UE 1 - Inv. 72

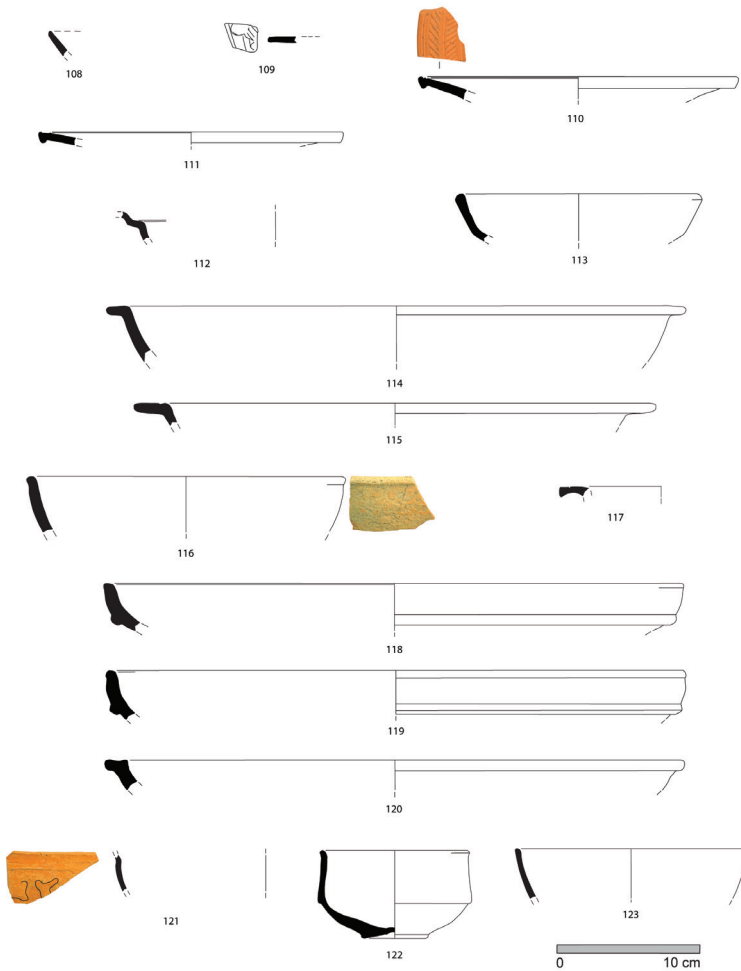


Fig. 18. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*)

120. *Terra sigillata* hispânica tardia-Douro - Palol 4=Fulford 35.6 - UE 1 - Inv. 1840
 121. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Ebro - Drag. 37t. - Estilo 1 - UE 1 - Inv. 58
 122. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Ebro - Palol 9/11 - UE 1 - Inv. 111
 123. *Terra sigillata* Hispânica Tardia - Ebro - Ritterling 8a - UE 1 - Inv. 154
 124. Lucerna - *Baetica* - Indeterminada – Busto de *Helios* sobre o disco - UE 1 - Inv. 64
 125. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2d (*Baetica*?) - Disco - Punção A - UE 1 - Inv. 2011
 126. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2d (*Baetica*?) - Dressel 28 - Punção 14 e 15 - UE 1 - Inv. 2016
 127. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2d (*Baetica*?) - Dressel 30 - UE 1 - Inv. 2007
 128. Lucerna - *Hispania* - Grupo 6 (*Baetica*?) - Disco/Dressel 28 - Punção 6 - UE 1 - Inv. 2021
 129. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2d (*Baetica*?) - Disco - Punção 6 - UE 1 - Inv. 2018+2019

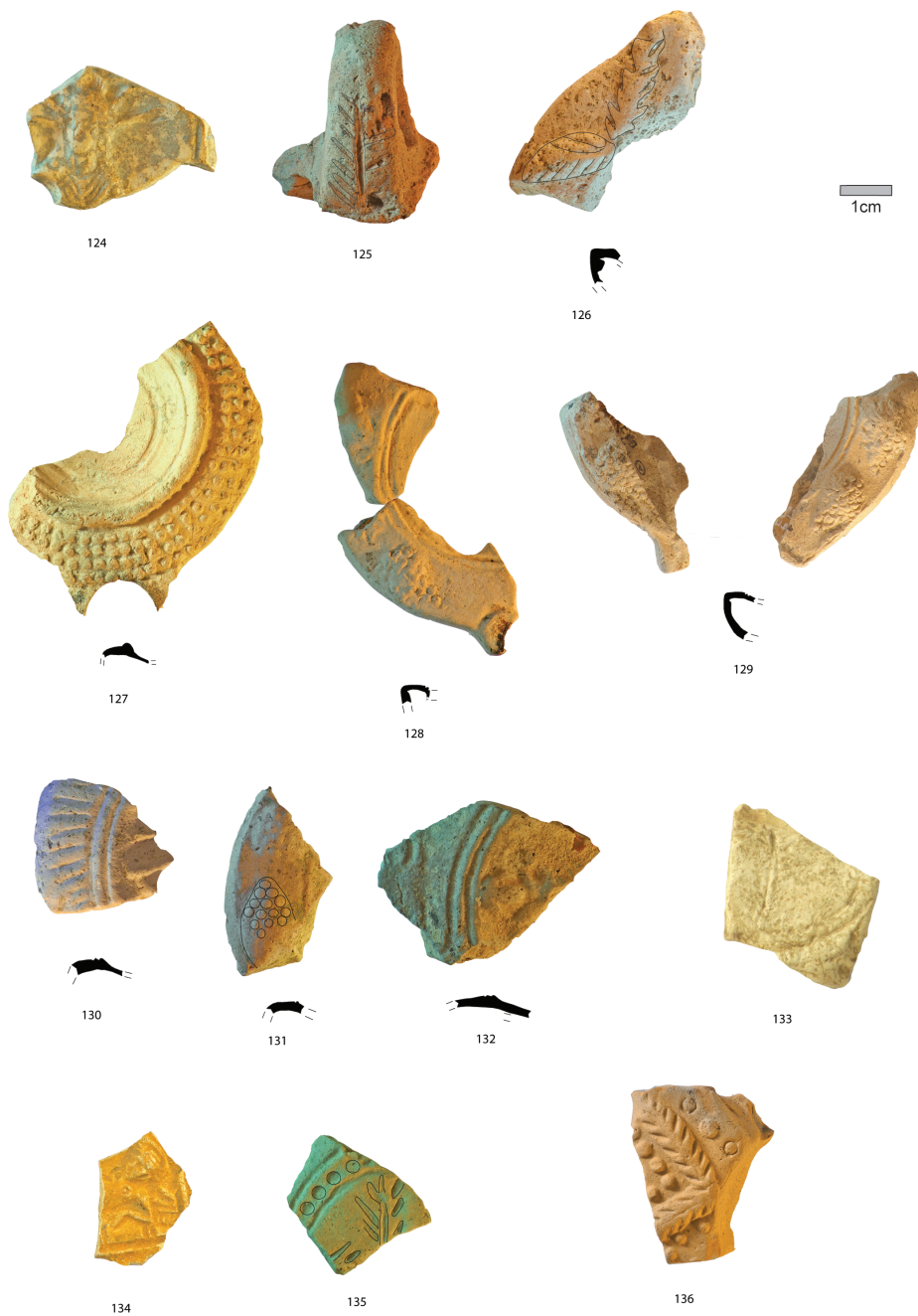


Fig. 19. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*)



Fig. 20. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*)

- 130. Lucerna - *Hispania* - Grupo 3 (*Baetica?*) - Deneauve 7 - UE 1 - Inv. 3866
- 131. Lucerna - *Hispania* - Grupo 3 (*Baetica?*) - Disco/Dressel 28 - Punção 6 - UE 1 - Inv. 25
- 132. Lucerna - *Hispania* - Grupo 3 (*Baetica?*) - Disco/Dressel 28 – Motivo vegetal (?) sobre a orla - UE 1 - Inv. 3846
- 133. Lucerna - *Hispania* - Grupo 6 (*Baetica?*) - Marca de oleiro (Espiga ou folha de palma) - Ind. - UE 1 - Inv. 10
- 134. Lucerna - *Augusta Emerita* - Indeterminada - UE 1 - Inv. 65
- 135. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Augusta Emerita?*) - Ind. - Marca de oleiro (Espiga ou folha de palma em posição raiada) - UE 1 - Inv. 3845
- 136. Lucerna - *Hispania* - Grupo 1b – Dressel 28/30 - Punção 15 - UE 1 - Inv. 3962
- 137. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Augusta Emerita?*) - Dressel 30 - UE 1 - Inv. 3860

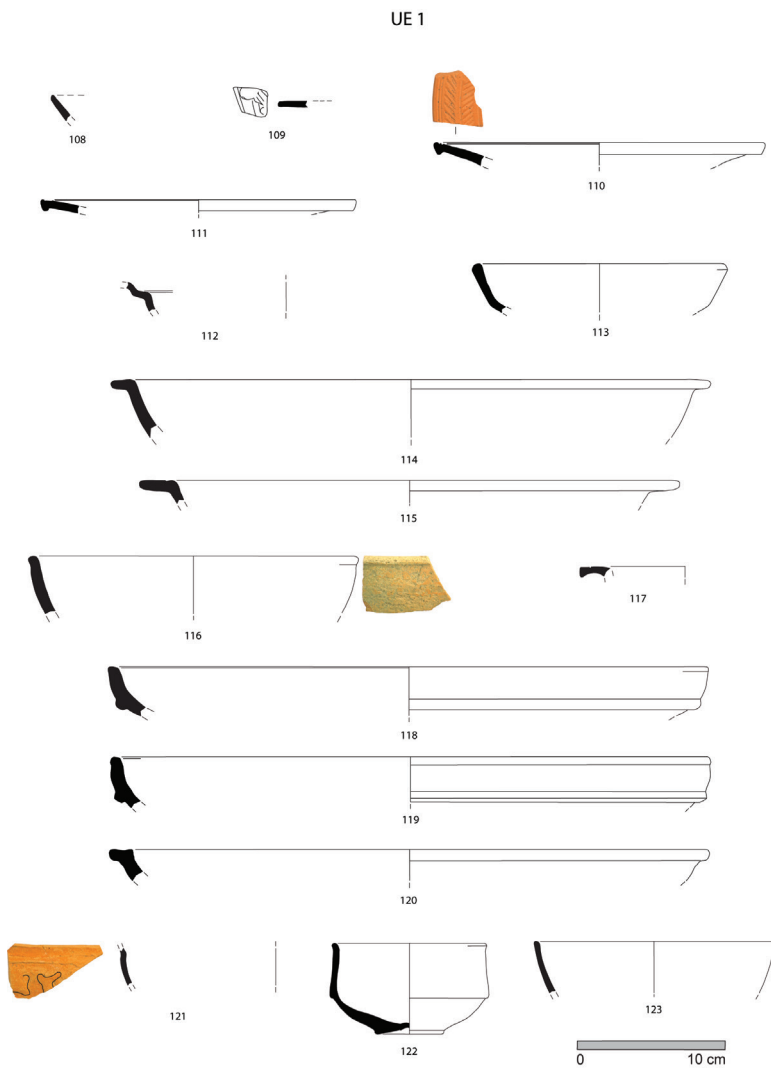


Fig. 21. *Terra sigillata*, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*)

138. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2b (*Augusta Emerita*?) - Derivada de disco - UE? - Inv. 59
 139. Lucerna - *Hispania* - Grupo 1d - Dressel 28 - Punção 14 - Motivo imperceptível no disco - UE 1 - Inv. 3850
 140. Lucerna - *Hispania* - Grupo 1d - Disco/Dressel 28 - Punção 9 - UE 1 - Inv. 46
 141. Lucerna - *Hispania* - Grupo 4 (Guadalquivir?) - Disco - Punção 6 (?) - UE 1 - Inv. 3841
 142. Lucerna - *Hispania* - Grupo 5 - Dressel 28 - Punção 6 e 5 (?) - Figura feminina virada à sua direita, ladeada por coluna e jarro (cena dionisíaca?) - UE? - Inv. 57

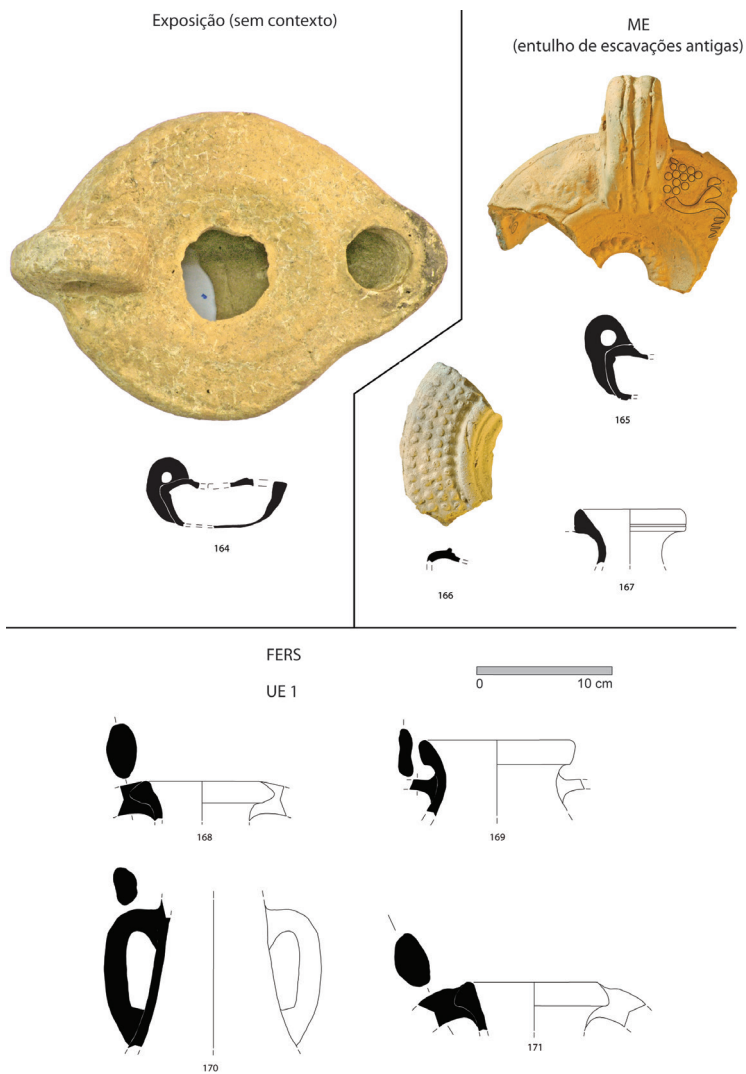


Fig. 22. Terra sigillata, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, Abelterium)

- 143. Ânfora - Baetica, litoral - Keay 16 - UE 1 - Inv. 2389
- 144. Ânfora - Baetica, litoral - Keay 16 - UE 1 - Inv. s/n
- 145. Ânfora - Baetica, litoral - Almagro 50 - UE 1 - Inv. 3723
- 146. Ânfora - Baetica, litoral - Almagro 50 - UE 1 - Inv. 2352
- 147. Ânfora - Baetica, litoral - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 3726
- 148. Ânfora - Baetica, litoral - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 2388
- 149. Ânfora - Baetica, Málaga - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 3725

150. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 50 - UE 1 - Inv. 2391
151. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 50 - UE 1 - Inv. 457
152. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 3730
153. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. s/n
154. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 5 - Inv. s/n
155. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 3739
156. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Lusitana 9 - UE 1 - Inv. 2396
157. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Lusitana 9 - UE 1 - Inv. 3763
158. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 4c - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 2042
159. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 1 - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 2044
160. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 3 - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 3737
161. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 4b - Almagro 51c - Marca anepígrafa sobre a asa? - UE 1 - Inv. s/n
162. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 3741
163. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 4a - Almagro 51a-b, var. c - UE 1 - Inv. 2630
164. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Augusta Emerita?*) - Dressel 30 - UE? - Inv. 58
165. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2b (*Augusta Emerita?*) - Dressel 28 - Punção 10 - Motivo denteado sobre o disco - UE ME - Inv. 2111
166. Lucerna - *Hispania* - Grupo 2a (*Augusta Emerita?*) - Dressel 30 - UE ME - Inv. 2035
167. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Lusitana 3 - UE ME - Inv. 2374
168. Ânfora - *Baetica*, litoral - Almagro 50 - UE 1 - Inv. 1326. Sector FERS
169. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 2 - Ovóide lusitana - UE 1 - Inv. 381. Sector FERS
170. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Ovóide lusitana - UE 1 - Inv. s/n. Sector FERS
171. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 50 - UE? - TA - Inv. 1331. Sector FERS
172. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 1527. Sector FERS
173. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 1332. Sector FERS
174. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE? - Inv. 1334. Sector FERS
175. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 851. Sector FERS
176. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 1337. Sector FERS
177. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 1639. Sector FERS
178. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 1335. Sector FERS
179. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 1529. Sector FERS
180. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 1536. Sector FERS
181. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 1 - Inv. 1531. Sector FERS
182. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - Marca directa, cartela simples, *in ansa*, *litt. standibus* - UE 1 - Inv. 210. Sector FERS.
183. Ânfora - *Lusitania*, Peniche - Peniche 6 - UE 1 - Inv. s/n. Sector FERS
184. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Lusitana 3 - UE 2 - Inv. 1638. Sector FERS
185. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 2 - Inv. 1528. Sector FERS
186. Ânfora - *Lusitania*, Tejo/Sado - Almagro 51c - UE 6 - Inv. 1527. Sector FERS
187. Imitação de engobe vermelho (IEV) - Engobe - *Lusitania*, Tejo/Sado - Hayes 181 - Inv. 1989. Sector FERPI
188. Ânfora - *Lusitania*, indeterminado - Grupo 3 - Ovóide lusitana - UE 49 - Inv. s/n. Sector RM

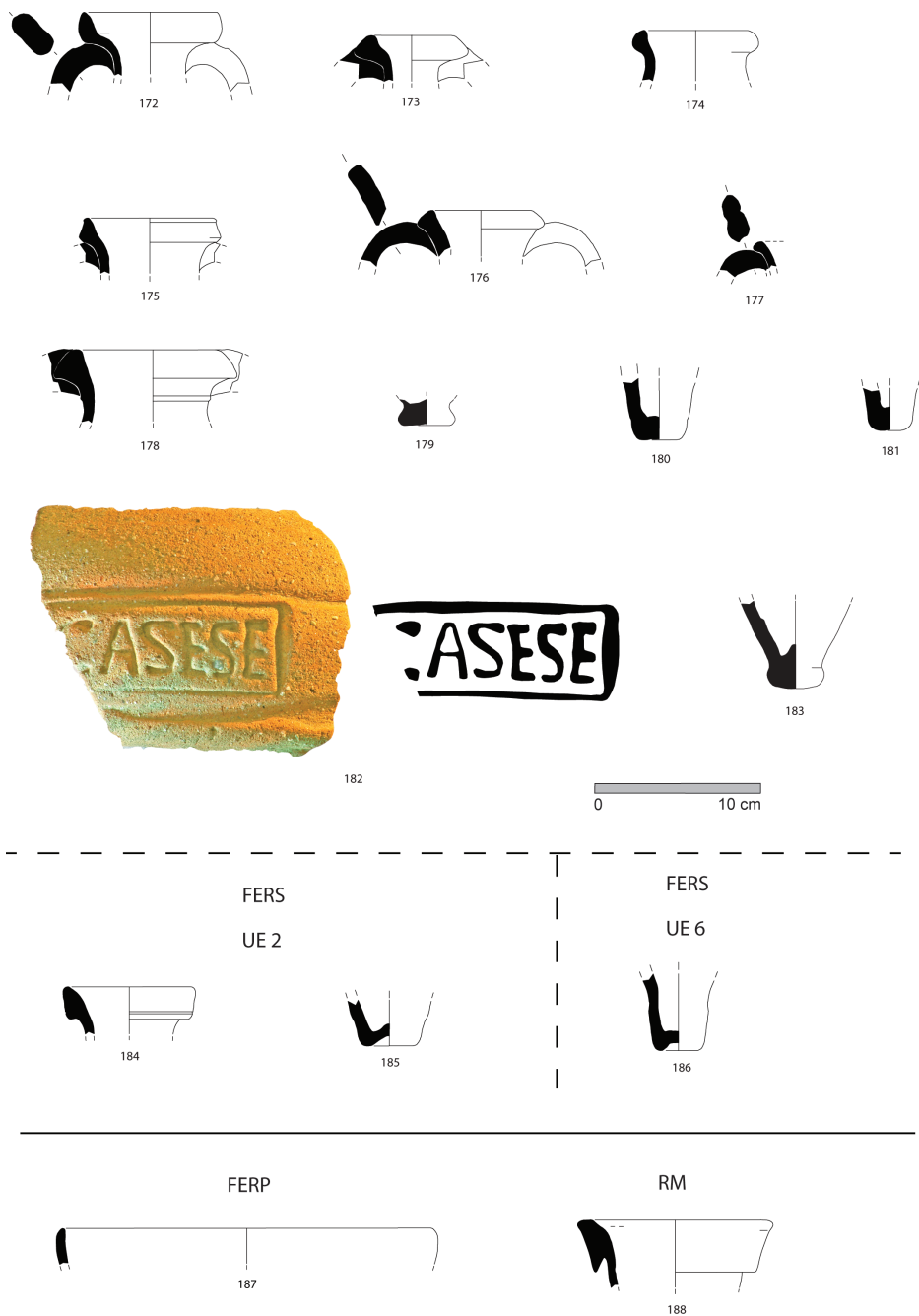


Fig. 23. Terra sigillata, lucernas e ânforas da Casa da Medusa (Alter do Chão, Abelterium)

Anexo 2 (Fabricos)²

1. Fabrico de *terra sigillata* hispânica intermédia do Douro

Pasta castanho-rosada (M25) no núcleo e castanho-rosa-claro (M27) nas franjas, revelando pós-cozedura mais oxidante do que a cozedura. Pasta dura e compacta, com vácuos alongados, de matriz quartzo-micácea. Quartzo hialino e moscovite abundantes e de muito pequenas dimensões; rara biotite de muito pequenas dimensões; possíveis enp metamórficos de muito pequenas dimensões. Enp laranja escuro (elementos ferruginosos) de muito pequenas dimensões, em pouca quantidade.

2. Fabricos de imitações de engobe vermelho não vitrificado (IEV)

2.1. Tejo/Sado

Pasta, habitual das ânforas desta região, de cor castanho-laranja (N40/N45) e matriz quartzo-micácea, mas de grão fino, com vácuos muito pequenos e arredondados. Quartzo hialino de pequenas dimensões; algum quartzo leitoso de pequenas dimensões; moscovite e rara biotite de muito pequenas dimensões.

2.2. Guadalquivir

Pasta castanho-avermelhada (R39, N45) e matriz quartzo-micácea, mas de grão muito fino, com vácuos muito finos e alongados. Quartzo hialino, moscovite e biotite de muito pequena dimensão; alguma calcite que pode atingir 1 mm de tamanho.

3. Fabricos de lucernas hispânicas

3.1. Grupo 1

Grupo 1a

Pasta cinzenta (N73) e pouco granulosa. Enp negros de pequena dimensão, bem distribuídos. Não possui engobe.

Grupo 1b

Pasta cinzenta (N73) e superfície laranja (M45), pouco granulosa. Enp negros de pequena dimensão, bem distribuídos.

Grupo 1c (este fabrico não está presente em Alter do Chão)

Pasta cinzenta (N73) e pouco granulosa. Engobe laranja (M45). Enp negros de pequena dimensão, bem distribuídos.

Grupo 1d

Mica branca, enp negros (hematite negra?) e quartzo hialino de pequenas dimensões. Pasta dura, compacta, com cozedura em sandwich. Raro quartzo leitoso de média dimensão. Cor externa da pasta e superfícies castanho-claro rosado (L47 a M49).

3.2. Grupo 2

Grupo 2a (*Augusta Emerita?*)

Pasta branca ou branco-creme (L70/L71), pouco granulosa, com vácuos muito pequenos e arredondados; enp de pequena dimensão em grande quantidade: sobretudo mica negra e feldspato, mas também elementos metamórficos.

2. Códigos de cores segundo A. Cailleux, s.d.

Grupo 2b (*Augusta Emerita?*)

Pasta castanho-laranja (N55/N57/M57), pouco granulosa; enp de pequena dimensão em grande quantidade: sobretudo calcite (por vezes de grandes dimensões), mica negra, feldspato. A pasta varia entre uma matriz não calcária e uma matriz calcária, mas mal misturada, o que produz uma aparência marmoreada na pasta, mas nunca à superfície.

Grupo 2c (*Augusta Emerita?*)

Pasta branco-rosa (K50/51), com maior variedade cromática do que em *Ammaia*, podendo ser castanho-claro rosado (L33 a M35); pouco granulosa; enp de pequena dimensão em grande quantidade, sobretudo calcite, que pode alcançar grandes dimensões, mica negra, feldspatos.

Grupo 2d (*Baetica?*)

Pasta mais dura do que a bética alto-imperial, com possível maior matriz quartzítica. Alguma calcite de médias ou grandes dimensões, mas por norma de finas dimensões. Pastas e superfícies podem ir do beije (L70) ao rosa (L13). Em dois casos há aguada castanha (M33).

Grupo 2e (*Baetica?*)

Pasta mais dura do que a bética alto-imperial, com possível maior matriz quartzítica. Alguma calcite de médias ou grandes dimensões, mas por norma de finas dimensões. Menor quantidade de material amarelo (metamórficos?) do que nos grupos 2d e *Baetica* alto-imperial. Cozedura pode ser em sandwich. Superfícies creme-rosa (L11).

Grupo 2f (=grupo 2 de ânforas lusitanas indeterminadas?)

Pasta com bastante quartzo branco e mica branca de finas dimensões; algum quartzo branco de médias dimensões, que torna a pasta algo semelhante à do grupo 2 de ânforas lusitanas indeterminadas. Pasta castanha (R45) e superfícies castanho claro (N55).

3.3. Grupo 3 (*Baetica?*)

Pasta com bastantes semelhanças aos grupos de *Baetica* e *Augusta Emerita* alto-imperiais. Rara mica branca; aparente não aumento da matriz quartzítica, mas existência de algum material metamórfico de médias ou grandes dimensões. Alguma calcite de pequenas ou médias dimensões. Pastas entre o beije (L70) e o rosa claro (L11).

3.4. Grupo 4 (semelhança com o Guadalquivir-área hispalense)

Pasta dura e compacta com quartzo hialino e mica finos; rara chamota negra ou cinza. Calcite finíssima e alongada, visível a 80x de ampliação. Pasta castanho-avermelhada (P39) e superfícies castanho-vermelho-claro (P40). Engobe vermelho num exemplar de Dressel 30.

3.5. Grupo 5

Pasta compacta, com bastante mica branca e quartzo hialino de finas e pequenas dimensões. Bastante material negro de pequena dimensão (chamota?). Pasta castanha (N55) e superfícies castanho claras (M49).

3.6. Grupo 6 (*Baetica?*)

Pasta fina e compacta, com semelhanças à pasta *Baetica* alto-imperial (nódulos amarelos em fraca quantidade). Bastante quartzo leitoso de finas dimensões e alguma mica branca. Aparente ausência de mica. Nalguns casos (3904) a pasta é menos fina, com raros elementos metamórficos e chamota (?) negra. Pastas e superfícies beije-rosa (L11, L33, L47).

3.7. Grupo 7

Pasta compacta, rica em quartzo branco e hialino e mica branca de pequenas dimensões. Pasta castanho avermelhada (N45).

3.8. Grupo 8

Pasta branda, rica em quartzo branco e hialino e mica branca de pequenas dimensões. Frequentes materiais negros de fina dimensão, com clivagem (?) (biotite?). Pasta castanha (R40/45).

3.9. Grupo 9

Pasta branda, próxima de um perfil de cerâmica comum, de grão médio, com bastante quartzo hialino de pequena dimensão, e algum quartzo branco e mica branca de pequena dimensão. Material negro de pequena dimensão (chamota?). Pasta rosa claro-cinza (L30)

3.10. Grupo 10

Pasta fina e compacta, com bastante quartzo hialino e branco de pequena e média dimensão e alguma mica branca. Frequente material negro de pequena e média dimensão (chamota?). Superfícies alisadas. Pasta e superfícies castanho-vermelho-escuro (S37e S39).

4. Fabricos das ânforas lusitanas

4.1. Grupo 1

Muito quartzo leitoso de grandes dimensões. Quartzo hialino e mica branca de pequenas dimensões bem distribuídos. Pouca mica branca de pequena dimensão. Pasta de tonalidade normal laranja-castanho. Um caso (392), possui pasta em sandwich e engobe externo e interno de cor T39.

4.2. Grupo 2

Muito quartzo leitoso de média dimensão e quartzo leitoso e hialino de pequenas dimensões. Pouca mica branca de pequena dimensão. Pasta de tonalidades normais laranja-castanho, podendo ser cinza no interior e laranja-castanho normal no exterior, mas não sendo em sandwich (N31/P39/P45).

Pastas das ovóides lusitanas e da Dressel 14 são mais limpas (menor quantidade de quartzo leitoso, que é sobretudo de pequena dimensão) —uma fase inicial, mais apurada do grupo?

4.3. Grupo 3

Pasta de grão médio, compacta, vácuos pequenos arredondados. Mica branca, sobretudo quartzo de pequena e média dimensão, hematite negra de média e grande dimensão. Cozedura cinza no interior e laranja-castanho normal no exterior (não sendo em sandwich) (L31/N19).

4.4. Grupo 4a

Bastante quartzo hialino e branco de pequena e média dimensão. Pouca mica branca de pequena dimensão. Pasta castanho-escuro R30/S30. Superfície com bastante quartzo branco de média dimensão visível a olho nu; cor R33.

4.5. Grupo 4b

Bastante mica branca de pequena dimensão. Quartzo hialino e branco de pequena dimensão bem distribuído. Pasta e superfície P35/R35.

4.6. Grupo 4c

Alguns vácuos arredondados de pequena dimensão. Bastante quartzo hialino de pequena dimensão. Mica branca de pequena dimensão. Raro material metamórfico (?) de pequena dimensão. Superfícies e pasta externa P50; interior P51 (leve sandwich).

Bibliografia

- AA.VV., 1981, *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*, I (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Medio e Tardo Impero), Roma.
- ALMEIDA, M.J. e CARVALHO, A., 1998, Ânforas da villa romana de Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): resultados de 1990-1998, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1.2, 137-163.
- ALMEIDA, M.J. e CARVALHO, A., 2005, Villa romana da Quinta das Longas (Elvas, Portugal): a lixeira baixo-imperial, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8.1, 299-368.
- ALMEIDA, R. e RAPOSO, J. 2014, *Ficha Almagro 50 (Lusitania ocidental)*, Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y consumo (amphorae.icac.cat).
- ALMEIDA, R. e RAPOSO, J. 2014b, *Ficha Keay XVI (Lusitania ocidental)*, Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y consumo (amphorae.icac.cat).
- ALMEIDA, R. e SÁNCHEZ HIDALGO, F., 2013, Las ánforas del Cuartel de Hernán Cortés. Nuevos datos para el estudio de la importación y consumo en *Augusta Emerita*, R. MORAIS, A. FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ e J.M. SOUSA (eds.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia. Actas do 2.º congresso da SECAH. Braga. Março de 2013, Monografias Ex Officina Hispana* 2, 49-58.
- ANTÓNIO, J., 2014a, *A villa romana da Casa de Medusa*, Abelterium [em linha], 10-21.
- ANTÓNIO, J., 2014b, *A necrópole tardio-antiga da Casa de Medusa*, Abelterium [em linha], 30-38.
- ANTÓNIO, J., 2015a, *Mosaicos geométricos da Casa de Medusa*, Abelterium [em linha], 39-51.
- ANTÓNIO, J., 2015b, *Alexandre, o Grande e a Batalha de Hidaspes. O mosaico do triclinium da Casa de Medusa*, Abelterium [em linha], 52-71.
- AQUILUÉ ABADIAS, J., 2008, Las imitaciones de cerámica africana en Hispania, D. BERNAL CASASOLA e A. RIBERA I LACOMBA (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz, Universidad de Cádiz, 553-661.
- BERNAL CASASOLA, D. (ed.), 1988, *Los Matagallares (Salobreña, Granada). Un centro romano de producción alfarera en el siglo III*, Ayuntamiento de Salobreña.
- BERNI, P. e MOROS DÍAZ, J., 2016, Dressel 23 (Guadalquivir Valley), *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-23-guadalquivir-valley>), 28 June, 2016.
- BONIFAY, M., 2004, *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*, BAR International Series 1301, Oxford.
- BONIFAY, M., CARRE, M.-B. e RIGOIR, Y. (dirs.), 1998, *Fouilles à Marseille. Les Mobiliers (I^{er}-VII^e siècles ap. J.-C.)*, Paris, Errance/Lattes (*Travaux du Centre Camille-Julian 22 | Études Massaliètes* 5).
- BUSSIÈRE, J., 2000, *Lampes antiques d'Algérie*, Monographies Instrumentum 16, Éditions Monique Mergoil.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M., 2013a, *Terra Sigillata hispánica en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz). Valoración tipocronológica a partir de los vertederos del subúrbio norte*, Anejos de Archivo Español de Arqueología 65.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M., 2013b, Nuevos datos estratigráficos para el conocimiento de la terra sigillata hispanica tardía en *Augusta Emerita (Mérida, Badajoz)*, Mesa redonda «La terra sigillata hispánica tardía y sus contextos: estado de la cuestión». 15 Octubre de 2010, Madrid, *Ex Officina Hispana Cuadernos de la SECAH* 1, 91-116.
- CAILLEUX, A., s.d., *Notice sur le Code des Couleurs des Sols*, Boubée.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S., SEPÚLVEDA, E. e RIBEIRO, I., 2015, The *amphorae* production during the Principate in Peniche (Portugal). Raw materials, kilns and *amphorae* typologies, J.C. QUARESMA (ed.), *Contextos estratigráficos de época romana (da República à Antiguidade Tardia)*, *Actas do colóquio na Associação Portuguesa de Arqueólogos, 24 de Novembro de 2012* (número especial da revista *Arqueologia e História*), 105-116.

- CARDOSO, G., RODRIGUES, S., SEPÚLVEDA, E. e RIBEIRO, I., 2016, Production during the Principate in Peniche (Portugal). Raw materials, kilns and amphorae typology, I. VAZ PINTO, R. ALMEIDA e A. MARTIN (eds.), *Lusitanian amphorae: production and distribution*, Archaeopress (RLAMP 10), 3-18.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S. e SEPÚLVEDA, E., 2006, A olaria romana de Peniche, *Simpósio internacional. Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*, *Setúbal Arqueológica* 13, 253-278.
- CARNEIRO, A. e SEPÚLVEDA, E., 2004, Terra Sigillata Hispânica Tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7.2, 435-458.
- CARROBLES, J. e RODRÍGUEZ MONTERO, S., 1988, *Memoria de las excavaciones de urgencia del solar del nuevo mercado de abastos (polígono industrial, Toledo). Introducción al estudio de la ciudad de Toledo en el siglo IV d.C.*, Diputación Provincial de Toledo, Toledo.
- CELIS BETRIU, R., 2005, Las lucernas, M. ROCA ROUMENS e M.I. FERNÁNDEZ GARCÍA (coords.), *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga-Asociación Cultural CVDAS (Monográfico n.º 1 de CVDAS, Revista de Arqueología e Historia), 405-465.
- DJAOUI, D. e QUARESMA, J.C., 2016, Les Amphores lusitaniennes dans l'Épave Arles-Rhône 3, I. VAZ PINTO, R. ALMEIDA e A. MARTIN (eds.), *International congress. Lusitanian amphorae – Production and distribution*, Archaeopress (RLAMP 10), 357-368.
- DUARTE, A.L., 1990, Quinta do Rouxinol. A produção de ânforas no vale do Tejo, J. ALARCÃO e F. MAYET (eds.), *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*, Paris, Diffusion E. de Boccard, 97-116.
- FABIÃO, C. e GUERRA, A., 2004, Epigrafia anfórica lusitana. Uma perspectiva, J. REMESAL RODRÍGUEZ (ed.), *Epigrafia anfórica (Col·lecció Instrumenta* 17), 221-244.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. e MORAIS, R., 2012, *Terra Sigillata Bracarense Tardía* (TSBT). O Grupo II das Cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável (Delgado 1993-94). O Cerâmicas de Engobe Vermelho. Grupo II (Delgado y Morais, 2009), D. BERNAL e A. RIBERA i LACOMBA (eds.), *Cerâmicas hispanorromanas II (Producciones regionales)*, 131-176.
- FILLOY NIEVA, I., 1995, La TSHT del basurero romano de Uralda (Treviño). Propuesta cronológica, *XXI Congreso Nacional de Arqueología (1991, Teruel)*, vol. 3 (Colección Actas 28), Diputación General de Aragón, 1079-1090.
- FULFORD, M.G. e PEACOCK, D.P.S. (eds.), 1984, *Excavations at Carthage: the British mission, I, 2 (The Avenue President Habib Bourguiba, Salammbô. The pottery and other ceramic objects from the site)*, The British Academy.
- GARCÍA MERINO, C., SÁNCHEZ SÍMON, M. e BURÓN ÁLVAREZ, M., 2008, Un depósito cerrado del siglo III: la habitación de la casa de los plintos de Uxama (Osma, Soria), *SFECAG, Actes du Congrès de L'Escala-Empúries*, 277-280.
- GARCÍA VARGAS, E., 1998, *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II a.C.–IV d.C.)*, Écija, Editorial Gráficas Sol.
- GARCÍA VARGAS, E., 2016, Amphora circulation in the Lower Guadalquivir valley in the Mid Imperial Period: the Lusitana 3 type, I. VAZ PINTO, R. ALMEIDA e A. MARTIN (ed.), *Lusitanian amphorae: production and distribution*, Archaeopress (RLAMP 10), 285-298.
- HAYES, J.W., 1972, *Late Roman pottery*, Londres, The British School at Rome.
- HUGUET ENGUITA, E., 2009, Material cerámico de la villa romana de La Vallaeta M15.3, *Arse* 43, 63-159.
- JÁRREGA DOMÍNGUEZ, R., 2013, La terra sigillata hispánica tardía (TSHT) en la costa este de Hispania. Una aproximación general, *Mesa redonda «La terra sigillata hispánica tardía y sus contextos: estado de la cuestión»*, 15 Octubre de 2010, Madrid (Ex Officina Hispana/Cuadernos de la SECAH 1), 67-90.

JEREZ LINDE, J.M., 2006, *La terra sigillata hispánica tardía del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida*, MNAR (Cuadernos Emeritenses 35).

JUAN TOVAR, L.C., 1997, Las industrias cerámicas hispanas en el Bajo Imperio. Hacia una sistematización de la Sigillata Hispánica Tardía, *Congreso Internacional La Hispania de Teodosio*, vol. 2, 543-568.

JUAN TOVAR, L.C., 2000, *La terra sigillata de Quintanilla de la Cueva*, M.A. GARCÍA GUINEA (dir.), *La villa de Quintanilla de la Cueva (Palencia). Memoria de las excavaciones 1970-1981*, Junta de Castilla y León-Diputación de Palencia, 45-122.

JUAN TOVAR, L.C., PÉREZ GONZÁLEZ, C. e FERNÁNDEZ IBAÑEZ, C., 1995, Un vertedero del siglo IV d.C. en Relea (Saldaña). Campaña 1985, *III Congreso de Historia de Palencia*, Palencia: Diputación Provincial de Palencia, 381-400.

JUAN TOVAR, L.C., SANGUINO VÁSQUEZ, J. e OÑATE BAZTÁN, P., 2011, Un conjunto cerámico excepcional: la ocultación de Cubas de la Sagra (Madrid). Aspectos iconográficos y nuevos estilos decorativos en la TSHT, *Espacio, Tiempo y Forma*, série 5, tomo 4, 359-384.

KEAY, S., 1984, *Late Roman amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence* (BAR, IS 196 i).

LOPEZ RODRÍGUEZ, J.R., 1985, *Terra sigillata hispánica tardía decorada a molde de la Península Ibérica*, Salamanca.

MACKENSEN, M., 2003, Production of 3rd century sigillata A/C (C1-C2) or El-Aouja ware and its transition to sigillata C3 with appliqué-decoration in central Tunisia, *RCRF* 38, 279-286.

MAYET, F. e SILVA, C.T., 1998, *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*, Paris, Diffusion E. de Boccard.

MAYET, F. e SILVA, C.T., 2002, *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*, Paris, Diffusion E. de Boccard.

MOOKAI, T., 2016, *La céramique du groupe épiscopal d'Aradi/Sidi Jdidi (Tunisie)*, Archaeopress (RLAMP 9).

MORAIS, R. e FILIPE, V. 2014, Ovoides Lusitanas (Lusitania occidental), *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo*, 14 Enero 2014, <http://amphorae.icac.cat/tipol/view/73>

MORILLO CERDÁN, A., 1999, *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica*, Montagnac, Éditions Monique Mergoïl.

MORILLO CERDÁN, A. e RODRÍGUEZ MARTÍN, G., 2008, Lucernas hispanorromanas, D. BERNAL CASASOLA e A. RIBERA I LACOMBA (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz, Universidad de Cádiz, 407-427.

NAVARRO CABALLERO, M. e RAMÍREZ SÁDABA, J.L. (coords.), 2003, *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida-Bordéus: Fundación de Estudios Romanos-Ausonius Éditions.

NOZAL CALVO, M., PUERTAS GUTIERREZ, F. e RÍOS SANTOS, D., 1995, La villa romana de «los Moros» la Serna (Palencia). Trabajos de prospección y sondeo, *III Congreso de Historia de Palencia*, Palencia, Diputación Provincial de Palencia, 365-380.

OSLAND, D., 2011, *Urban change in Late Antique Hispania: the case of Augusta Emerita*, PhD, University of Cincinnati.

PAZ PERALTA, J., 2008, Las producciones de terra sigillata intermedia y tardía, D. BERNAL CASASOLA e A. RIBERA I LACOMBA (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz, Universidad de Cádiz, 497-539.

PEREIRA, C.S.P., 2008, *As lucernas romanas de Scallabis*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

QUARESMA, J.C., 2011, Les importations de sigillée et de céramique culinaire africaine dans la villa du Rabaçal (Lusitania) : IV^{ème} siècle – début de VI^{ème} siècle, *SFECAG, Congrès international d'Arles. Arles, France 2011*, Arles, 381-388.

QUARESMA, J.C., 2012, *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*, Lisboa, UNIARQ (Estudos e Memórias 4).

- QUARESMA, J.C., 2014, Les contextes stratigraphiques des *thermae* de *Ammaia* (Portugal) : II^e-V^e siècles, R. MORAIS, A. FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ e M.J. SOUSA (eds.), *II Congreso Internacional de la SECAH, As produções cerâmicas de imitação na Hispania, Braga, 3-6 de Abril de 2013, Monografias Ex Officina Hispana 2*, 347-360.
- QUARESMA, J.C., 2017, A evolução cronoestratigráfica do atelier da Quinta do Rouxinol (Seixal): segundo quartel do século III aos inícios do segundo quartel do século V., C. FABIÃO, J. RAPOSO, A. GUERRA e F. SILVA (coords.), *Olaria Romana, Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental (17 a 20 de Fevereiro de 2010, Seixal)*, CM Seixal, 275-306.
- QUARESMA, J.C., no prelo, *Le commerce de céramiques fines et de céramique culinaire africaine à Ammaia, une ville à l'intérieur du Sudouest d'Hispania (milieu du I^{er} s. – début du V^e s.)*, Archaeopress (*Roman and Late Antique Mediterranean Pottery*).
- QUARESMA, J.C. e RAPOSO, J., 2014, Ficha Lusitana 3 (Lusitania occidental), *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y consumo* (amphorae.icac.cat), 16 Enero 2014. <http://amphorae.icac.cat/es/tipologias?task=idxgeo-lo>.
- RAPOSO, J., 1990, Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no vale do Tejo, J. ALARCÃO e F. MAYET (eds.), *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*, Paris, Diffusion E. de Boccard, 117-51.
- RAPOSO, J.M. e QUARESMA, J.C., 2014, Ficha Lusitana 9 (Lusitania occidental), *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y consumo* (amphorae.icac.cat), 16 Enero 2014, <http://amphorae.icac.cat/es/tipologias?task=idxgeo-lo>.
- RAPOSO, J.M., SANTOS, C. e ANTUNES, O., 2016, Roman pottery workshop of Quinta do Rouxinol (Seixal): quantification and classification, I. VAZ PINTO, R. ALMEIDA e A. MARTIN (eds.), *International congress. Lusitanian amphorae – Production and distribution*. Archaeopress (*RLAMP 10*), 19-46.
- SANTOS, C., RAPOSO, J. e QUARESMA, J.C., 2015, Quinta do Rouxinol, Seixal: evolução estratigráfica das cerâmicas finas, cerâmica comum e ânforas entre o segundo quartel do século III e o segundo quartel do século V, J.C. QUARESMA e J. MARQUES (coords.), *Contextos estratigráficos de época romana na Lusitania (de Augusto à Antiguidade Tardia)*, Actas do colóquio na Associação dos Arqueólogos Portugueses, 24 de Novembro de 2012 (*Monografias da Associação dos Arqueólogos Portugueses 1*), 117-148.
- SILVA, R.B., FILIPE, V. e ALMEIDA, R., 2016, Julio-Claudian Lusitanian amphorae: a perspective on selected contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal), I. VAZ PINTO, R. ALMEIDA e A. MARTIN (eds.), *International congress. Lusitanian amphorae – Production and distribution*, Archaeopress (*RLAMP 10*), 153-166.
- VAZ PINTO, I. e LOPES, C., 2006, Ânforas das *villae* romanas alentejanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Monte da Cegonha (Selmes, Vidigueira) e Tourega (Nossa Senhora da Tourega, Évora), *Simpósio internacional. Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet (Setúbal Arqueológica 13)*, 197-224.
- VÁSQUEZ DE LA CUEVA, A., 1985, *Sigillata africana en Augusta Emerita*, Mérida, Museo Nacional de Arte Romano.
- VENDITTI, C., 2014, The amphorae, C. CORSI (ed.), *Ammaia. II. The excavation contexts 1994-2011*, Gante, Academia Press (*Archaeological Reports Ghent University 9*), 309-324.
- VIEGAS, C., RAPOSO, J. e PINTO, I.V., 2014, Ficha Almagro 51C (Lusitania occidental), *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y consumo* (amphorae.icac.cat).
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A., 2013, Las últimas producciones de terra sigillata hispánica tardía en el interior peninsular, *Mesa redonda «La terra sigillata hispánica tardía y sus contextos: estado de la cuestión»*, 15 Octubre de 2010, Madrid (*Ex Officina Hispana/Cuadernos de la SECAH 1*), 1-24.